

MAPEAMENTO AFETIVO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Crianças e jovens pensando no futuro da cidade



Ilustração: colagem com desenhos das crianças do Rio de Janeiro. Mendonça, 2020.

Ge SELJ ProLUGAR

Escritório de Planejamento

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO

RIO
Plano de Desenvolvimento Sustentável

UIA2020RIO
27º Congresso Mundial de Arquitetos



PROARQ
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA FAU-UFRJ

FAU

Setembro de 2020

CRÉDITOS

Ana Beatriz Jardim Alves
Alain Flandes
Alana Lapa da Silva
Alex Lamounier
Aline Xavier
Amanda Duarte da Costa
Souza
Ana Beatriz Jardim Alves
Ana Clara Correia de Melo
Andrea Queiroz Rego
Andressa de Sá Fernandes
Andressa Nunes Dziekaniak
Anna Rubbo
Bruno Ragi
Claudia Rakel Pena Pereira
Daniel Mancebo
Danilo Marques Gonçalves
Denise Pinheiro
Elisabeth Guedes de Oliveira
Elizabeth Nogueira
Emanoel Souza Ribeiro
Fernanda Burla
Fabiana Simões

Flavia Lima
Flora Fernandez
Gabriel Parreira
Giselle Azevedo
Giselle Gerson
Giulia Fea de Oliveira
Ingrid Siqueira de Sá
Isabela Correia de
Queiroz
Ísis Marciana Santos da
Silva
Juliana de Oliveira Borges
Lucas Vicente Loyola
Luccas Pereira do
Nascimento
Luísa Leal da Costa
Luma Seabra Ferreira
Marcelo Siqueira
Maria Cassibi Cavaliere
Maria Clara Vieira da Silva
Mariana Coviello Pereira
Mariana Deolindo Farolfi
Mariana Oliveira Zoffoli
Mariana Periald
Antunes

Marianna de Assis Baptista
Marianne Pereira da Silva
Marllon Sevilha
Matheus Couto
Michele Fiaux Silva
Miodrag Mitrasinovic
Nathalia Pereira
Paulo Afonso Rheingantz
Rachel Maciel Corrêa
Rafael Gomes
Rebeca Parreiras
Salvânia Batista da Silva
Tereza Mosselle Nunes Moraes
Thaís Rennó
Thomaz José da Silva
Damasceno
Tiffany Sheldina Yarde
Vanessa Carla Sayão Cortez
Vanessa Maria Almeida Rocha
Vera Tângari
Vitória de Azevedo Knupp
Yago Araujo Faria

ÍNDICE

1.INTRODUÇÃO

2.CONTEXTO

3.MÉTODO DE ANÁLISE

4.MAPEAMENTO POR CRE

. 1ª CRE

. 2ª CRE

. 3ª CRE

. 4ª CRE

. 5ª CRE

. 6ª CRE

. 7ª CRE

. 8ª CRE

. 9ª CRE

. 10ª CRE

. 11ª CRE

5. SÍNTESES GERAIS

6. CONTRIBUIÇÕES PARA A CIDADE

7. DESDOBRAMENTOS

8. AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Pensar e reconhecer a existência de diversas infâncias e suas desigualdades na interação com a cidade é uma forma de resistência. São muitas assimetrias e múltiplas e perversas realidades existentes no território do Rio de Janeiro. Nessa “urbe desurbanizada” distinguimos escalas de sobrevivência dos diversos sujeitos em seu “habitar a cidade sem ter direito à cidade”, e a infância pobre faz parte desse grupo invisibilizado e marcado por uma realidade em que predominam as ausências e precariedades. Em seus percursos diários encontra-se exposta a “caminhos de desenvolvimento inseguros e contextos de existência inquietantes e turbulentos” (SARMENTO, 2009).

No momento da crise humanitária mundial nesse ano de 2020, em que nos ressentimos tanto do usufruto dos espaços livres enquanto lugar eminente da vida social e da força das relações interpessoais, pensar em possibilidades outras das infâncias habitarem a cidade, inclui pensar em como essas novas condições irão afetar a experiência da criança na cidade. E essa vivência recai fortemente sobre a escola que agora mais do que nunca precisa se reinventar, de forma que os territórios de aprendizagem possam se expandir para além dos seus muros, com um entorno seguro e condições adequadas de percurso.

Nesse contexto, este trabalho se apoia numa discussão acerca da criança como sujeito de direitos, a partir de suas experiências espaciais e seu habitar na cidade. Ao pensar a criança e o jovem como co-autores e co-construtores de territórios educativos, propusemos dar visibilidade a sujeitos que geralmente não têm oportunidades de opinião e participação em políticas públicas, em uma concepção das infâncias como cidadania crítica (AZEVEDO, 2019).

Deste modo, buscamos contribuir com políticas públicas voltadas ao planejamento e ao desenvolvimento sustentável que valorizem a participação social de forma a pensar em ações concretas de enfrentamento em espaços de aprendizagem outros que reconheçam a potência educativa da cidade. Precisamos refletir sobre o habitar das infâncias em uma cidade saudável que possa ser pensada em parceria com as crianças e jovens, pois as lições de rua protagonizadas pelas infâncias têm demonstrado com incrível nitidez a potência da participação desses sujeitos nas decisões sobre a cidade.

Os estudos das relações entre espaços livres públicos e privados e territórios educativos se apoia na interface entre questões da paisagem urbana, que explicita as contradições dos processos constitutivos dos espaços livres públicos como mediação entre os tecidos físico-urbanísticos e sociais, e as desigualdades que se expressam materialmente nos espaços das cidades. Esses contextos demandam a revisão urgente de políticas públicas que se pautam na inserção de atores sociais invisibilizados, dentre esses as crianças e jovens em situações de vulnerabilidade.

Como desdobramento destes processos investigativos e parte das atividades conjuntas dos grupos de pesquisa GAE e SEL-RJ, foi concebida a atividade “Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro”. Em parceria com o Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados - CVL/SUBPAR da Casa Civil e com a Secretaria Municipal de Educação, ambos os órgãos da Prefeitura da Cidade do Rio de

Janeiro, os grupos de pesquisa realizaram essa atividade com as escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal do Rio de Janeiro, com o intuito de entender a diversidade e a complexidade da cidade, a partir do olhar dos estudantes.

Essa parceria resultou numa equipe híbrida que contou com a colaboração de estudantes de graduação e pós-graduação, professores da UFRJ e de instituições acadêmicas nacionais e internacionais, e os técnicos municipais da Subsecretaria de Planejamento e da Secretaria de Educação. Ao reconhecer que uma cidade acolhedora para as infâncias é boa para todos, pretende-se reforçar o protagonismo das crianças como agentes transformadores da cidade e incluir os resultados dessa participação no Plano de Desenvolvimento Sustentável do Município do Rio de Janeiro (PDS-RJ). Reconhecer a cidadania das crianças é o primeiro passo na construção de cidades mais responsivas, sustentáveis e resilientes.

2.CONTEXTO

A proposta deste trabalho foi lançada como um desafio inicial pelo Prof. Miodrag Mitrasinovic de Parsons School of Design, de forma alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU - Agenda 2030. Resultou na atividade – “Dia D”, realizada simultaneamente em toda a rede municipal de educação no Dia Mundial do Urbanismo em 8/11/19, conforme será descrito com detalhe adiante no item sobre Método de Análise.

A atividade foi realizada de forma voluntária, com alunos da rede pública municipal de ensino da Cidade do Rio de Janeiro, matriculados e cursando entre a Pré-escola 1 e o 9º ano do ensino fundamental. A dinâmica que subsidia o Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS) incorporou a valorização do processo participativo, a partir da primeira infância, como premissa principal de análise.

Teve como objetivos:

- a) A produção coletiva do Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro.
- b) O protagonismo de crianças e jovens como agentes transformadores.
- c) A reflexão, a participação e a formação cidadã.
- d) A espacialização e georreferenciamento das informações processadas.
- e) A contribuição para o Plano de Desenvolvimento Sustentável.

Após o recolhimento, catalogação e divisão pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), o material em formato de textos e/ou desenhos foi analisado, em particular, pelos coordenadores e alunos do curso “Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos da Cidade do Rio de Janeiro”, onde foi possível catalogar e analisar as especificidades de percepções e desejos por meio de um processo de análise descrito adiante.

A produção do Mapeamento Afetivo traduziu a percepção dos estudantes sobre os espaços públicos da cidade vivenciados diariamente, identificando suas necessidades e desejos, em

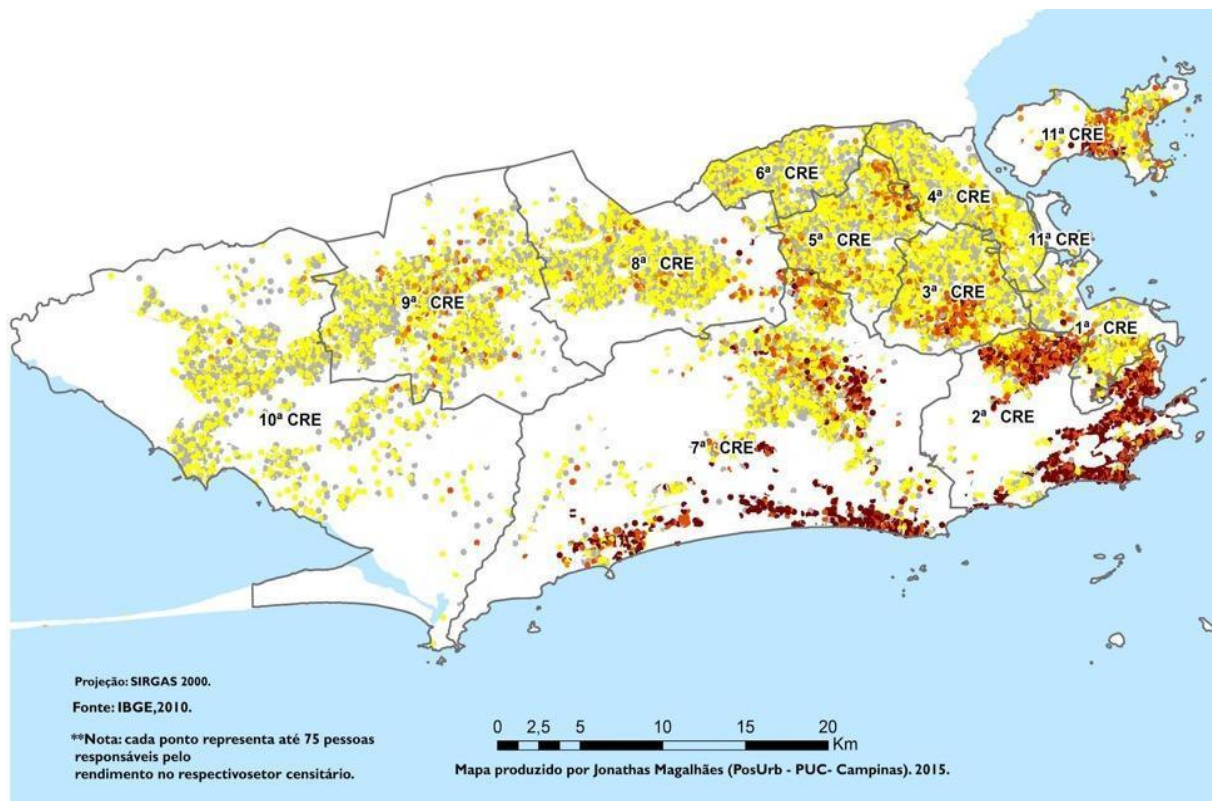
diferentes contextos urbanos, possibilitando reflexões, análises comparativas e desdobramentos.

Compreende-se a potência da atuação conjunta da universidade com os agentes públicos e privados envolvidos na gestão e planejamentos urbanos, para enfrentar os desafios postos às cidades do século XXI através de processos participativos e inclusivos. Essa discussão se alinha à discussão mundial sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, buscando uma alternativa viável ao enfrentamento dos grandes desafios urbanos: sustentabilidade socioambiental, segurança física e combate às desigualdades, melhorias de habitabilidade e de desempenho educacional e afetivo. Ao contribuir com o Plano de Desenvolvimento Sustentável, desenvolvido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, alinha-se com os princípios da cidadania global, com a valorização de diversidades e com a educação para o desenvolvimento sustentável, permitindo:

- Contribuir com a formação de uma consciência crítica sobre a cidade e a construção da cidadania dos estudantes;
- Contribuir com a visibilidade e autonomia dos atores sociais que compõem as relações entre escola-cidade, reconhecendo-os como sujeitos de direitos à cidade;
- Resgatar a vitalidade da cidade e do espaço público, a partir do reconhecimento das oportunidades educativas dos territórios;
- Divulgar e compartilhar a visão coletiva das crianças sobre a cidade e sobre seu futuro.

O cruzamento dos dados de estudos anteriores auxilia a confrontar a análise técnica com os elementos percebidos, registrados e destacados pelas crianças e jovens. O primeiro traz a distribuição da renda por chefe de família e a delimitação das CREs, onde se pode observar a distribuição desigual dos rendimentos na cidade permitindo entender as questões levantadas pelas crianças e jovens em relação aos aspectos socioeconômicos dos contextos onde vivem (Figura 1).

Em outra análise, foi possível observar onde ocorrem as maiores densidades de ocupação (3ª, 4ª, 5ª e 6ª CREs), retratando a carência de espaços livres privados e a incidência de muitos eixos de mobilidade, em avenidas expressas e ferrovias, justificando aspectos também retratados pelas crianças e jovens, quanto à segurança viária e à demanda por mais espaços livres públicos, para recrear, correr, brincar, conforme destacado nas análises de das CREs (Figura 2).



LEGENDA:

Pessoas responsáveis com rendimento de:

Responsáveis pelo domicílio com rendimento:

- Mais de 10 salários mínimos
- De 5 até 10 salários mínimos
- De 3 até 5 salários mínimos
- De 1 até 3 salários mínimos
- De 0 até 1 salário mínimo

Figura 1. Distribuição de rendimento médio do chefe de família por CRE
 Fonte: Jonathas Magalhães a partir de dados do IBGE (2010)

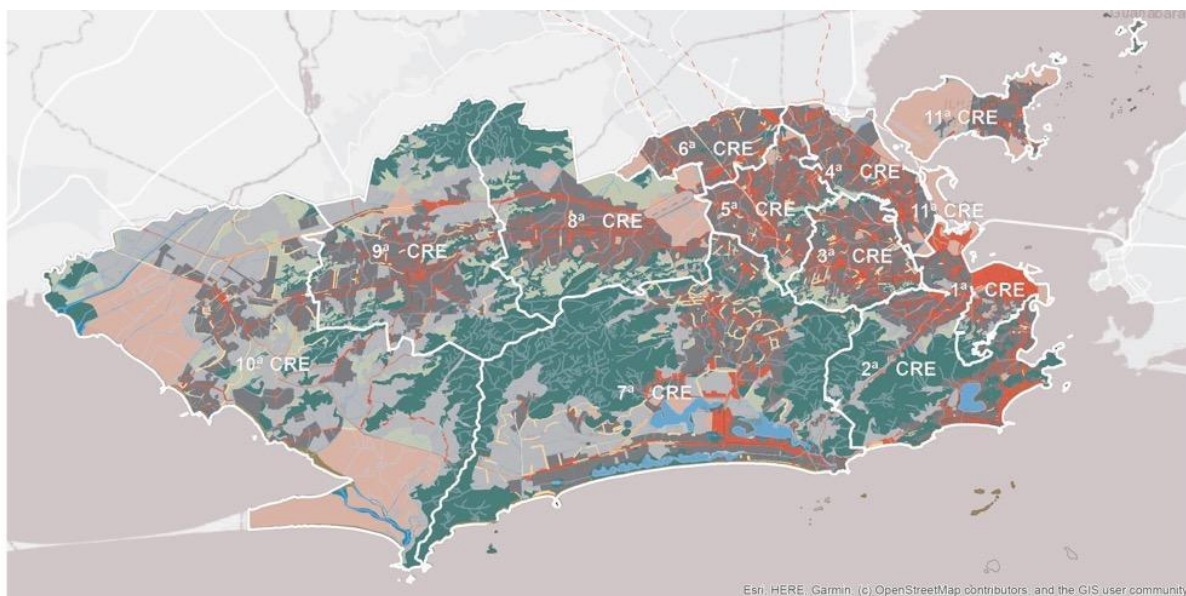




Figura 2. Análise de tecidos urbanos e centralidades por CRE
 Fonte: Grupo SEL-RJ, 2019-2020

Ao resgatar as experiências das infâncias no espaço público e na cidade, com essa reflexão pretendemos reduzir a visão do espaço como prerrogativa e soberania dos adultos e tecer a cidade como uma rede de possibilidades educativas que evita o excesso de funcionalismos e valoriza as “brechas” e as imprevisibilidades. Inspirados por Lima (1989) e Paulo Freire (2001), reconhecemos o papel formativo da cidade para a educação, pois no usufruto das potencialidades oportunizadas pelo perambular pela cidade, a criança se desenvolve, constrói e reconstrói sua visão de mundo, ao mesmo tempo em que provoca mudanças em si mesma e na urbe, dotando-a de vitalidade. A retomada então do espaço público pelas infâncias, resgata esse “lado de fora” que favorece a exploração, as descobertas, a transgressão e que se constitui como “as experiências mais importantes do desenvolvimento e aprendizagem infantil” (TONUCCI, 2018, p. 29).

O conceito de território educativo, que vem sendo construído nas pesquisas integradas desenvolvidas pelos grupos GAE e SEL-RJ, se alinha com a definição de território como uma construção social que se manifesta sobre uma base física, através de múltiplas apropriações, individuais e coletivas, delimitando marcas e marcos de identidade cultural (SCHLEE et al, 2009). Ao reconhecer que o território educativo possui zonas subjetivas que são construídas e delimitadas pela qualidade das relações existentes (FISCHER, 1994) e pelas ações individuais e coletivas que definem o grau de apropriação e pertencimento dos sujeitos ao lugar, entende-se que o território não se limita aos aspectos físicos, mas inclui também os afetivos, simbólicos e experienciais.

3.MÉTODO DE ANÁLISE

A rede municipal pública do Rio de Janeiro constitui a maior da América Latina, com um total de 1.540 Unidades Escolares e 626.778 mil alunos divididos em 11 Coordenadorias Regionais de Educação - CREs. Assim, a participação das escolas na atividade foi por adesão e 734 escolas participaram do Mapeamento Afetivo – “Dia D” (Figura 03), contemplando todas as áreas de planejamento da cidade, com um total de 13.376 documentos respondidos. Foi uma atividade simples na sua proposição, mas complexa e muita rica no seu processamento e análise.



O formulário contendo as perguntas elaboradas pela equipe de pesquisa da UFRJ foi encaminhado pela Secretaria Municipal de Educação para todas as escolas que compõem a rede municipal de ensino. Para viabilizar a aplicação do formulário pelas professoras sem o acompanhamento dos pesquisadores, foram elaboradas pela equipe algumas recomendações com a intenção de orientar a realização, conforme descrito a seguir:

Recomendações e dinâmica:

- Todos os estudantes das escolas serão convidados a participar da atividade, a partir das perguntas:

1) *Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê e sente durante esse percurso.*

2) *Agora que você respondeu a primeira pergunta, descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?***

- a duração da atividade não deverá ultrapassar 50 minutos, incluindo as etapas de preparação, aplicação e recolhimento dos formulários;

- a professora da turma deverá fazer uma breve introdução com a explicação da atividade, esclarecendo os objetivos, a duração e a importância da participação de todos;

- solicitar que os estudantes preencham as informações básicas do formulário: idade, onde moram, nome da escola, ano/série escolar; **não é necessário ter a identificação (nome) do estudante;**

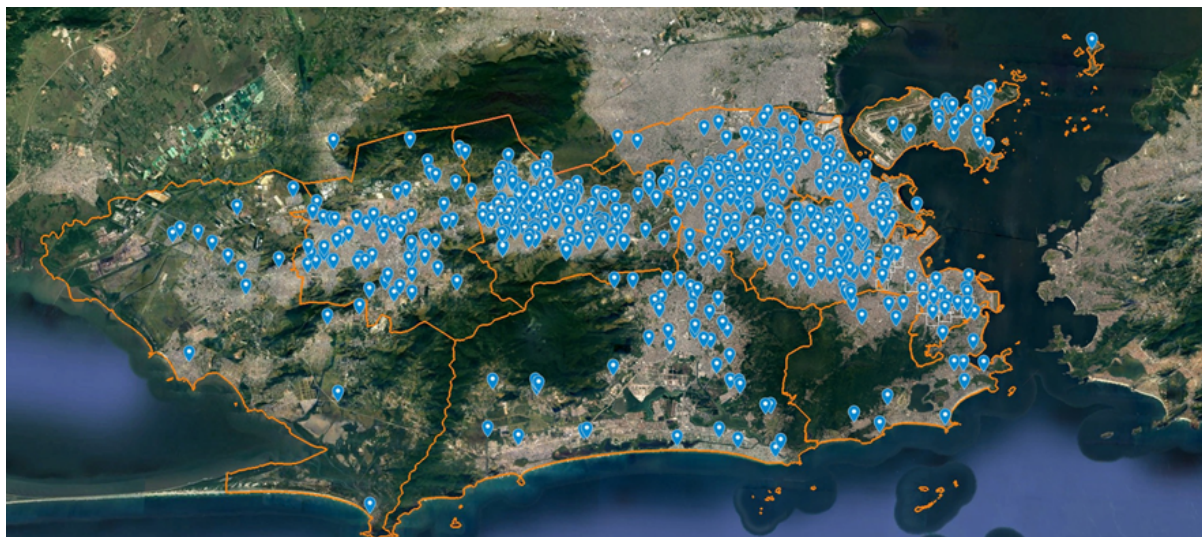
- a forma de resposta ao questionamento deve ser livre, podendo fazer uso de palavras e/ou desenhos;

- o estudante poderá responder da forma que se sentir mais confortável e com o uso de materiais de sua escolha (lápiz preto, caneta, lápis de cor, hidrocor etc);

- esclarecer que não se trata de uma **avaliação e que a atividade não vale nota**, isto é, **não há resposta certa ou errada**; da mesma forma que não se trata de um **“concurso de desenhos”** que irá selecionar quem desenha melhor – O IMPORTANTE É A PARTICIPAÇÃO;

- os estudantes não são obrigados a participar da atividade, sendo a adesão voluntária;
- é importante que o professor ou quem for aplicar a atividade evite influenciar na elaboração das respostas, deixando o estudante à vontade para se expressar;
- crianças de menor faixa etária podem ter um acompanhamento mais próximo e nesse caso, recomenda-se que a atividade seja aplicada por mais de um educador/professor;
- caso o estudante tenha dúvidas ou dificuldades de entender ou representar/identificar o “caminho”, recomenda-se que não haja interferência, já que essa dúvida pode ser também um importante indicador para os resultados da pesquisa;
- mesmo se tratando de uma atividade relacionada às características físicas e urbanas do percurso, aspectos subjetivos podem também aparecer nas respostas, como relações pessoais, sentimentos, situações vivenciadas no cotidiano;
- se for possível, solicitar que o estudante indique o tempo estimado do percurso realizado entre a casa e a escola. (GAE e SEL-RJ, 2019).

A atividade foi concebida para ser realizada de forma simultânea em toda a rede em um único dia - Dia Mundial do Urbanismo, 08 de novembro de 2019, conforme descrito anteriormente. A equipe de pesquisadores dos grupos GAE e SEL-RJ, pode acompanhar a aplicação do mapeamento afetivo em algumas unidades¹, confirmando o comprometimento e entusiasmo das educadoras e estudantes durante a atividade.



¹ Alain Lennart Gomèz Flandes – Escola Municipal Bento Ribeiro (Méier); Flora Fernandes e Felipe Sacramento – Escola Municipal Albino de Souza Cruz (Manguinhos); Giselle Cerise Gérson e Daniel Mendonça – Escola Municipal Cândido Portinari (Ilha do Governador); Rafael Ferreira Diniz Gomes – Escola Municipal Vereadora Marielle Franco (Maré).

Figura 3. Mapa de localização das escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro que participaram na atividade do “Dia D”

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020

Para dar conta da análise e tabulação dos dados desses documentos, a equipe da UFRJ em parceria com os técnicos do EPL - Casa Civil e da SME, fez uma primeira análise amostral que resultou na elaboração de 15 categorias de análise:

- acessibilidade;
- ações sustentáveis;
- aspectos socioeconômicos e culturais;
- aspectos urbanísticos;
- comércio e serviços;
- conforto afetivo;
- conforto ambiental;
- equipamentos;
- espaços livres e áreas verdes;
- indústria;
- infraestrutura;
- mobilidade;
- mudanças climáticas;
- recreação e lazer;
- segurança e violência.

De acordo com a recorrência das respostas, essas categorias serviram para balizar a tabulação dos quase 14.000 documentos que foram analisados e planilhados. As categorias que mais se destacaram serão apresentadas na análise dos resultados de cada CRE mais adiante nesse relatório.

A estratégia metodológica adotada foi amplamente discutida com os técnicos do Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados - CVL/SUBPAR da Casa Civil e com a Secretaria Municipal de Educação, em função dos Objetivos, Metas e Resultados esperados. A partir dessas discussões, as categorias foram então subdivididas ainda em 119 subcategorias, devido à riqueza, abrangência e subjetividade das respostas.

Para viabilizar a complexidade da análise, a equipe da UFRJ organizou o Curso “Mapeamento dos Territórios Educativos da Cidade do Rio de Janeiro”, destinado a capacitar estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e profissionais em Arquitetura e Urbanismo, Educação e áreas afins, além dos técnicos municipais. O curso foi realizado no PROARQ-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, entre os dias 27/1 a

7/2/2020, totalizando 90 horas de carga horária. Os participantes foram divididos em 11 equipes, coordenadas por integrantes dos grupos de pesquisa do PROARQ-UFRJ, correspondendo às 11 CREs existentes na rede municipal. Durante esse período do curso foi feito o treinamento das equipes a partir de momentos de calibragem e ampla discussão com os participantes.

As equipes tiveram o cuidado, delicadeza e sensibilidade para analisar e enfrentar a enorme quantidade de dados que se apresentava, não se restringindo apenas em planilhar os dados de uma forma quantitativa, mas procedendo também a uma análise qualitativa. É importante destacar que nesta análise dos resultados buscou-se não fazer uma interpretação dos desenhos das crianças, mas proceder a leitura das respostas efetivas dadas por esses sujeitos às duas perguntas objetivamente elaboradas.

A atividade propôs o desenho como uma das formas de representar o trajeto de casa até a escola pois entendemos que também é a partir do desenho que as crianças se comunicam, expressam a sua visão de mundo. Pode-se dizer que o desenho é uma das maneiras mais eficientes de comunicação. Desde os nossos ancestrais essa técnica já era utilizada com eficácia, fosse para se comunicar com seus pares ou registrar fatos ocorridos. Muitos estudos apontam que, antes mesmo do surgimento da escrita e da fala, o esboço gráfico já era desenvolvido como uma importante forma de comunicação. Os desenhos também são formas de conhecer as crianças em suas condições sociais, culturais e históricas.

Contudo, cabe aqui explicar que os desenhos e textos foram realizados em formato de atividade escolar, com supervisão do professor, de forma orientada e de cunho educacional. No currículo escolar, o conhecimento de família, vizinhos, rua, bairro, cidade, Estado e País ocorre no decorrer do Ensino Fundamental e faz parte das orientações curriculares de acordo com a necessidade de competência de cada ano de escolaridade. É comum na prática pedagógica escolar, atividades como a proposta de contar sobre a história do bairro, descrever os caminhos, pontos turísticos, memórias e pertencimento. Dessa forma, os desenhos e textos são analisados apenas como respostas às perguntas, de forma objetiva e direta. Não há pretensão de análises psicológicas e gráficas dos desenhos. Apesar da equipe contar com apoio de uma profissional de psicopedagogia para consultoria no decorrer do processo de análise, nenhum dos desenhos teve suas características de análise psicográfica analisadas, assim como não fizemos uso de técnicas de interpretação ou análise de cor, traçado ou uso do espaço. Os desenhos não serviram como instrumento de investigação das condições do psiquismo infantil. A observação quanto às fases dos desenhos, em certos momentos, foram justificados para “descartar possibilidade de análise”, quando surgiram ilustrações com características de fase de garatujas ou ainda os pré-esquemático que não traziam informações suficientes na atividade pedagógica. A maior parte da análise que gerou tabulação através das ilustrações, foram de desenhos de fase do realismo ou quando de fase inferior onde o professor escreveu o registro oral feito pela criança na atividade dirigida e orientada.

Apesar das ilustrações terem um apelo visual e emocional de comunicação forte, os textos de alunos e alunas do ensino fundamental do segundo segmento trouxeram redações

descritivas de excelente demonstração de suas observações e desejos. Em alguns materiais, o texto em resposta às perguntas acompanhavam ilustrações com títulos de “antes e depois” ou “realidade x expectativa”, colaborando de forma exemplar para os dados da pesquisa serem tabulados com muita clareza de suas questões.

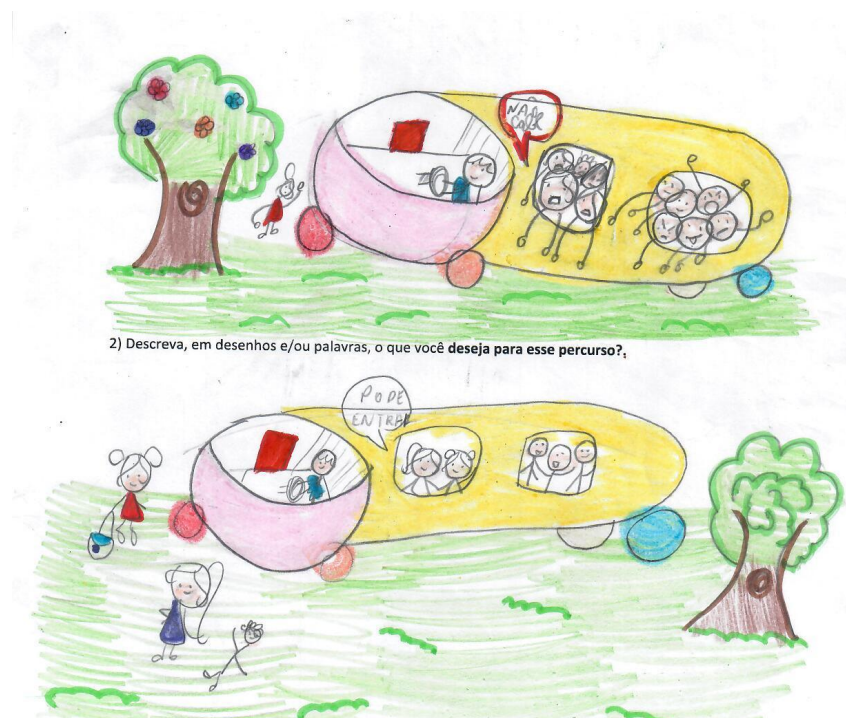


Figura A2. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola -Antes e Depois- 7ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Como mencionado, a atividade ocorreu em sala de aula como atividade curricular. Os alunos e alunas foram apresentados à atividade para que através da mediação do professor, compreendessem a proposta e o tema relacionado. Isso garantiu que não fossem perguntas soltas, descontextualizadas ou um questionário de respostas automáticas. Foi possível perceber a reflexão e motivação para a descrição do percurso. Dessa forma, os estudantes foram capazes de articular os pensamentos com a escrita. Eles demonstraram que têm o acervo de conhecimentos necessário para escrever sobre o tema exigido pois além dos conceitos apresentados nas escolas quanto espaço e lugar, eles vivenciam “o assunto” todos os dias, logo, não tiveram dificuldade em elaborar uma redação, independentemente do quanto seu texto seja bom ou não quando relacionados a outros aspectos de critérios de elaboração de redação como ortografia, concordância, pontuação ou gramática. Ao ler os relatos escritos foi possível identificar estruturas textuais de relação, seleção, organização e coesão.

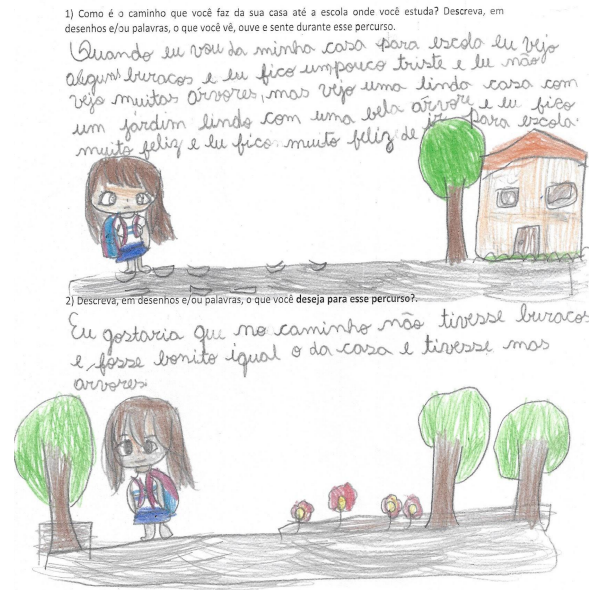
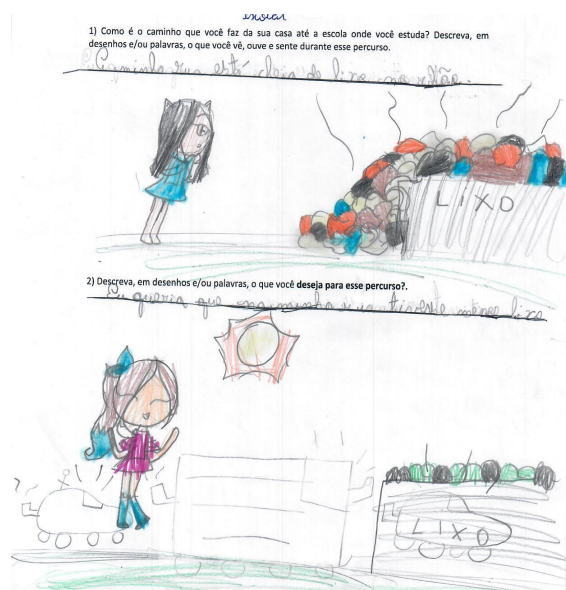


Figura A38 - Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - Desenho e texto- 7ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Figura A07 - Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - Desenho e texto 8ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

No entanto, cabe mencionar ainda, que nem todas as escolas usaram o formulário previamente elaborado pela equipe da UFRJ e encaminhado pela SME, o que por um lado resultou em uma riqueza e variedade de formatos, confirmando a potência dessa participação e interlocução, mas ao mesmo tempo, gerou uma complexidade maior de análise, compreendendo além dos formulários originais, maquetes, painéis coletivos, desenhos, textos, fotografias, cadernos, colagens etc.

Como a participação foi por adesão, a princípio, conforme recomendação da própria SME, cada escola definiria a forma de participação, o que resultou em alguns casos, com escolas com grande representatividade de turmas participando da atividade. Da mesma forma, também não houve restrição quanto à faixa etária dos estudantes, incluindo crianças também da educação infantil. Apesar da riqueza desses resultados e do empenho desses sujeitos de tão pouca idade em desenvolver a tarefa, como não houve o acompanhamento dos pesquisadores, a leitura dos desenhos a posteriori foi de difícil compreensão² e esses dados não foram processados.

O material produzido foi riquíssimo. Com inúmeros desenhos e relatos escritos com perfeita descrição de suas observações e desejos para esse trajeto da cidade. Contudo, isso não ocorreu em 100% dos materiais. Alguns desenhos e textos não traziam clareza, detalhes ou foram realizados por crianças bem pequenas, podendo não necessariamente atender o objetivo da proposta. Dessa maneira, apesar da enorme participação, o número de

² As equipes tiveram o valioso acompanhamento e supervisão da técnica da Prefeitura, Fernanda Burla, que tem formação na área de Psicopedagogia e recomendou que o material resultante das atividades com a educação infantil, não fosse considerado na tabulação.

documentos tabulados foi inferior ao de participantes. Visando a fidedignidade da pesquisa e dos resultados de participação, apenas desenhos e relatos considerados “concretos” foram tabulados e contabilizados.

Apesar do desenho ser uma forma de comunicação, alguns aspectos relacionados ao grafismo na Educação Infantil são levados em consideração quando observamos os desenhos. Crianças bem pequenas, na maior parte das vezes, usam desenhos como forma de linguagem artística e comunicação ainda subjetiva. Para que consiga estabelecer uma relação entre a produção gráfica e a realidade depende de processos de maturação ao longo do seu desenvolvimento. O desenho, como linguagem artística, proporciona à criança oportunidades que possibilitam com que ela expresse aqui e agora seus sentimentos a respeito de algo. E em alguns casos, até mesmo mostrar suas angústias e seus medos, mas nem sempre é possível projetar no desenho situações ainda abstratas para algumas idades. O grafismo é uma linguagem capaz de possibilitar a representação da realidade sim, mas ele também pode representar apenas o imaginário de uma pessoa. Ou ainda, o esboço gráfico pode desenvolver a criatividade, proporcionar autoconfiança, ampliar a bagagem cultural e facilitar o processo de sociabilidade, mas nem sempre ele desenvolve a possibilidade de comunicação direta. Normalmente é preciso entrar na fase do realismo para que a criança descubra que ela faz parte de uma sociedade. Desenvolve maior conscientização e interesse pelos detalhes, consegue de forma mais “concreta”, representar a realidade. Trazer os objetos vistos no mundo para o papel é uma forma de lidar com os elementos do dia a dia. No caso da proposta da atividade, quanto ação curricular consegue ser realizada em diferentes faixas etárias e desenvolve habilidades e competências próprias para suas classes, porém, como objeto de pesquisa, o uso do material foi cuidadosamente selecionado para que a coleta de dados fossem fidedignas a proposta de estudo.

Cada equipe discutiu entre seus participantes a operacionalização da tabulação dos dados, sempre procurando um entendimento afinado a respeito da identificação das categorias presentes nas tabelas, incluindo resultados sobre as percepções e desejos dos estudantes. A reflexão constante sobre o que estava sendo analisado permitiu enxergar as diferentes tonalidades que vão conformando nosso olhar sobre uma realidade tão corriqueira como é o percurso de casa para a escola. Conforme se avançava na pesquisa, os processos levavam menos tempo para serem realizados e o vaivém entre ler, sinalizar e preencher as tabelas encontrava ritmos de sintonia entre os participantes da análise. Da mesma forma, a memorização das categorias permitiu uma leitura mais apurada sobre os formulários, embora com momentos mais automáticos devido à necessidade de dar conta do volume de formulários. Contudo houve momentos que permitiram entrever o que os adultos muitas vezes não veem.

Por outro lado, foi importante também pontuar olhares compartilhados pelos pesquisadores adultos e pelas crianças, já que alguns participantes das equipes escolheram analisar as escolas localizadas nas CRES constituídas pelos bairros que eles próprios habitavam e experienciam em seu cotidiano. E por conta disso, foi interessante verificar que muitos confirmaram a percepção das crianças ao descreverem seus percursos, validando a potência dessa interlocução na participação das decisões sobre a cidade.

A quantidade extensa de subcategorias previamente estabelecidas exigiu o “enquadramento” das respostas das crianças, o que por um lado racionalizou a tabulação e preenchimento das tabelas, mas por outro lado não permitiu o refinamento de alguns aspectos qualitativos e especificidades, gerando em alguns casos, um número considerável de registros na subcategoria “outros”.

Para relacionar os desenhos e textos nessa tabulação, cada equipe estudou um a um, cada material e de acordo com as análises, realizaram as marcações nas tabelas de quantificação e qualificação. O numeral (1) era relacionado quando a categoria era apresentada no material. Dessa forma foi possível quantificar o aspecto abordado pelos estudantes. Quando esse aspecto acompanhava descrição era acrescido ao numeral (1) o símbolo de (+) ou de (-) como forma de qualificar a categoria. Quando não acompanhava descrição, o numeral permanecia neutro apenas demonstrando a quantificação. Conforme a análise de cada material, cada pesquisador preencheu a planilha de relações de percepções (o que vê no caminho) e a planilha de desejos (como gostaria que fosse esse caminho).

Exemplo: A subcategoria “Carro” apareceu como elemento forte e muito citado pelas crianças. Isso foi possível concluir pela quantidade de vezes que a categoria “carro” foi marcada com numeral (1) na planilha de quantificação. Ao avaliar os dados qualitativos, podemos observar quando essa categoria aparece de forma “negativa” (engarrafamento, poluição, brigas de trânsito) ou de forma “positiva”, ligada ao desejo de ter carro para ter mais conforto e segurança.

Após marcação da tabela, o material foi identificado por códigos e digitalizados um a um. O acervo digital foi arquivado em compartimento online, separados por CRE e Escolas e ficou disponível aos participantes da pesquisa para consultas e aprofundamento da pesquisa por detalhes.

Nessa perspectiva de análise dos dados, temos a pretensão de construir um georreferenciamento de acordo com a localização apontada nos dados para um acervo de consulta para a construção de políticas públicas direcionadas aos desejos da infância carioca representada por esses estudantes.

Diante da grande quantidade de material a ser tabulado, a pesquisa teve continuidade após o término do curso, resultando no ingresso de novos participantes nas equipes, bem como na descontinuidade de participação de outros. Nesse contexto, novo treinamento e capacitação foram realizados para acomodar os novos participantes nas equipes. Dada à diversidade de abrangência de cada CRE, algumas com um número grande de escolas e outras mais reduzidas, a estratégia previamente estabelecida pela coordenação da pesquisa foi promover o acesso de outros integrantes para auxiliar nas equipes, conforme a tabulação dos dados de algumas CREs era finalizada. Neste caso, foi possível ter uma análise mais abrangente das especificidades e diversidade existentes do território do Município do Rio de Janeiro, permitindo o entrelaçamento dos resultados e leituras transversais sobre a cidade.

Em um estágio posterior de análise, foram criados gráficos do tipo radar para apresentar a distribuição das respostas por categoria tabulada. Assim, obtiveram-se gráficos específicos

para cada coordenadoria possibilitando uma apreensão paralela da totalidade de respostas por CRE durante o mapeamento, conforme será apresentado nas seções seguintes deste relatório. Estes gráficos permitiram uma leitura simultânea a partir da sobreposição dos resultados das representações das Percepções e dos Desejos registrados. Foi então gerado um gráfico de radar síntese, dimensionado aos resultados obtidos nas onze CREs do município. Entretanto, prestar atenção às divergências que existem entre as CREs possibilita observar as assimetrias que transparecem dessa leitura, a partir da visão de crianças e jovens, tão rica em forma e conteúdo.

4. MAPEAMENTO POR CRE

1ª CRE

Coordenação de CRE: Alex Assunção Lamounier.

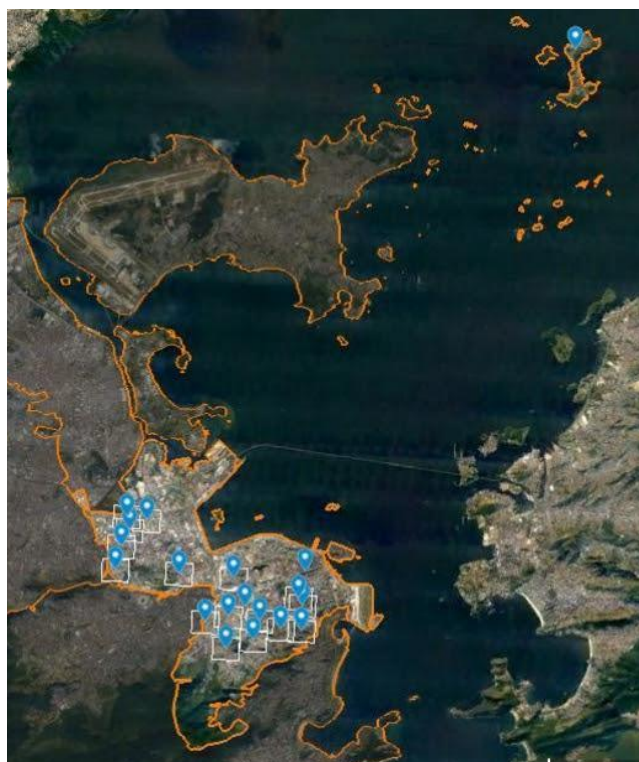
Participantes: Marianna de Assis Baptista, Michele Fiaux Silva, Vanessa Carla Sayão Cortez, Vanessa Maria Almeida Rocha.

1.1. Contextualização

A 1ª CRE (figura 1.1) abrange escolas no Centro e em bairros da periferia imediata do centro do Rio, como Praça Mauá; Gamboa; Saúde; Santo Cristo; Santa Teresa; Morro dos Prazeres; Catumbi; Estácio; Cidade Nova; e Caju. Inclui também a Ilha de Paquetá e alguns bairros da Zona Norte, como Praça da Bandeira; Rio Comprido; Mangueira; São Cristóvão e Benfica (figura 1.2). Quase todas as suas escolas, portanto, estão na Área de Planejamento 1, com poucas exceções localizadas na Área de Planejamento 2. É integrada por 96 unidades escolares, incluindo um Centro de Desenvolvimento de Educação Integrada (tabela 1.1).



Figura 1.1. Localização da 1ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: Unidade escolar participante Limite da CRE

Figura 1.2. Localização das UEs participantes na 1ª CRE

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	47	8	17,02%	0	0	0
EM	48	24	50%	20	41,66%	390
EJA	0	0	0	0	0	0
CDEI	1	0	0	0	0	0
1ªCRE	96	32	33,33%	20	21%	390

Tabela 1.1. Participação e análise na 1ª CRE

Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

1.2. Resultados

O gráfico radar mostrado na figura 1.3, a seguir, possibilita observar que, em termos de **Percepção**, as categorias mais mencionadas pelos estudantes foram, respectivamente, **aspectos urbanísticos; infraestrutura**; seguidas de **mobilidade; espaços livres e áreas verdes**; e **aspectos sociais, econômicos e culturais**. O mesmo gráfico permite notar que, no âmbito dos **Desejos**, também se destacaram **infraestrutura**; e **aspectos urbanísticos**; seguidas de **espaços livres e áreas verdes; conforto afetivo/cognitivo**; e **aspectos sociais, econômicos e culturais**.



Figura 1.3. Gráfico radar com categorias de análise - 1ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

As barras horizontais (figura 1.4), por sua vez, mostram as subcategorias mais citadas. Nas **Percepções** aparecem, em primeiro lugar, **edificações baixas**; seguidas de **rua**; **arborização**; **escola**; e **carro**. Nos **Desejos**, **arborização** lidera o ranking; seguida de **lixo**; **limpeza**; **pavimentação** e **edificações baixas**.

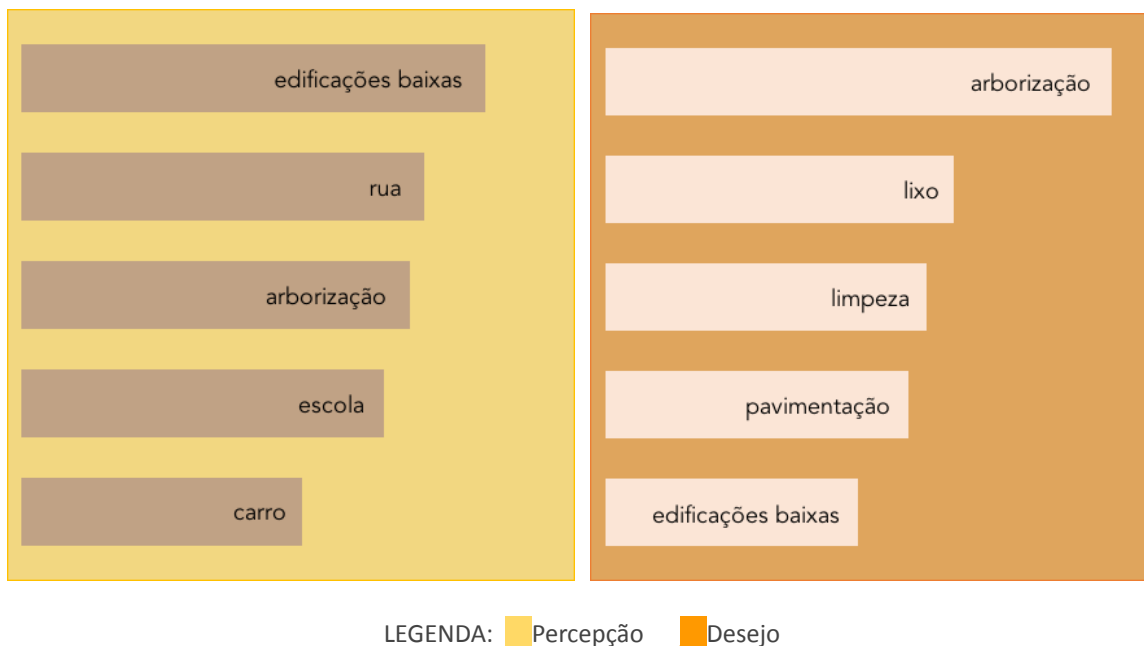


Figura 1.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 1ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

O predomínio de **Desejos** por mais **arborização**, na visão das crianças, é bem exemplificado pelos desenhos dos estudantes da Escola Municipal Tia Ciata, mostrados na figura 1.5.



Figura 1.5. Exemplos de relatos sobre o percurso entre a casa e a escola (EM Tia Ciata) - 1ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Observa-se que a 1ª CRE não tem uma característica única, que a singularize em relação às demais. Pelo contrário, sintetiza **Desejos** e **Percepções** de toda a cidade – o que faz sentido, pensando que ali estudam crianças de diversas regiões do Rio. Mas os relatos de algumas escolas podem ser destacados, por trazerem aspectos bem específicos.

Na Escola Municipal General Mitre, no Morro do Pinto, em Santo Cristo (figura 1.6), os desenhos de vários estudantes mostram grandes marcos na paisagem, como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o Relógio da Estação Central do Brasil, cartões postais da “Cidade Maravilhosa” que, à distância, integram visualmente o percurso cotidiano para a escola.



Figura 1.6. Exemplos de relatos sobre o percurso entre a casa e a escola (Morro do Pinto) - 1ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Na Escola Municipal do Catumbi, no Catumbi (figura 1.7), foram observados muitos relatos de violência, especialmente contra as crianças, com desenhos de pessoas armadas em várias ruas e, mesmo assim, a ocupação de alguns terrenos livres para brincadeiras ou jogos de futebol.



Figura 1.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola (Catumbi) - 1ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Na Escola Municipal Olímpica Carioca Edmundo Bittencourt, na Barreira do Vasco, em Benfica (figura 1.8), predominaram reivindicações de **arborização**, expressas em desenhos e frases como “eu queria ter uma árvore” e “não é possível viver sem árvore”; **pavimentação** e outros aspectos de **infraestrutura**, como **água encanada**, energia elétrica, e, também, gás encanado.

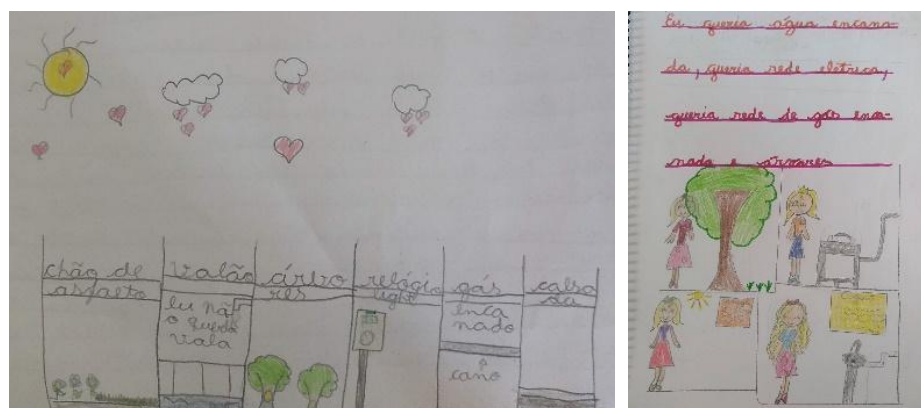


Figura 1.8. Exemplos de relatos sobre o percurso entre a casa e a escola (Barreira do Vasco) - 1ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Na Escola Municipal Joaquim Manuel de Macedo, em Paquetá (figura 1.9), o bucolismo das paisagens retratadas nos desenhos contrasta com as percepções do centro do Rio e do entorno.

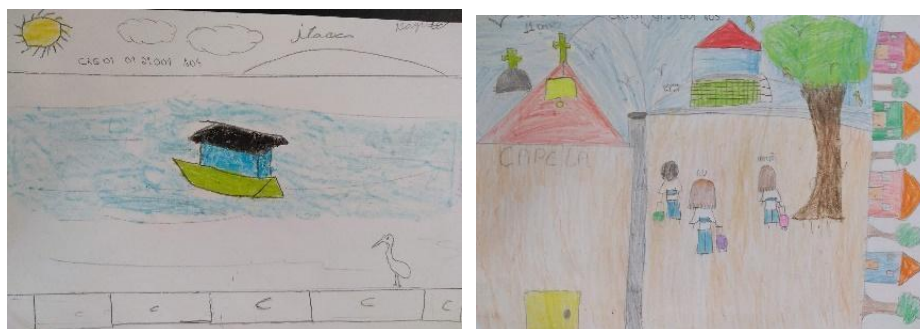


Figura 1.9. Exemplos de relatos sobre o percurso entre a casa e a escola (Paquetá) - 1ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

1.3. Considerações

Os textos e desenhos dos estudantes da 1ª CRE mostram reivindicações sobre o direito à cidade, em diferentes perspectivas. A árvore e os espaços livres e áreas verdes têm papel de destaque em termos de conforto e cognição. Segurança e infraestrutura aparecem em relatos impactantes de crianças de escolas na periferia imediata do centro do Rio. É também notável o desejo de acesso a atrativos que compõem o imaginário da “Cidade Maravilhosa”, como o Cristo Redentor e os bondinhos do Pão de Açúcar, presentes em muitos desenhos sobre o trajeto cotidiano de casa para a escola, mas sempre avistados à distância.

Essas reivindicações segundo o olhar das crianças deveriam pautar diretrizes no planejamento e na gestão do Município. Estratégias de ação nesse sentido poderiam chamar a atenção das crianças sobre seus cotidianos, a partir de seus próprios relatos, sensibilizando a percepção a respeito do que lhes agrada e do que lhes aflige, suscitando e embasando reivindicações de melhoria. Contemplar, na gestão municipal, essas visões geralmente desconsideradas nas discussões sobre a cidade, abre caminhos à aproximação entre o planejamento e a vivência diária, num viés inclusivo que contempla o sentir-se reconhecido como premissa para ampliação do direito à cidade.

2ª CRE

Coordenação de CRE: Flávia Lima.

Participantes: Juliana Borges, Rachel Corrêa e Mariana Antunes

2.1. Contextualização

A 2ª CRE, localizada na zona oeste da cidade (figura 2.1), configura-se pelos bairros de: Rocinha. São Conrado. Leme. Copacabana. Ipanema. Leblon. Urca. Lagoa. Flamengo. Catete. Botafogo. Morro dos Cabritos. Glória. Cosme Velho. Comunidade Chacrinha. Laranjeiras. Vidigal. Humaitá. Jardim Botânico. Tijuca. Maracanã. Praça da Bandeira. Alto Boa Vista. Andaraí. Gávea. Grajaú. Vila Isabel. Morro Nova Divinéia. Destes, houve escolas respondentes nos bairros Glória, Catete, Flamengo, Botafogo, Urca, Copacabana, Ipanema, Gávea, Rocinha, Tijuca, Vila Isabel, Grajaú e Andaraí. (figura 2.2). Os dados quantitativos referentes à participação e tabulação estão apresentados na tabela 2.1.

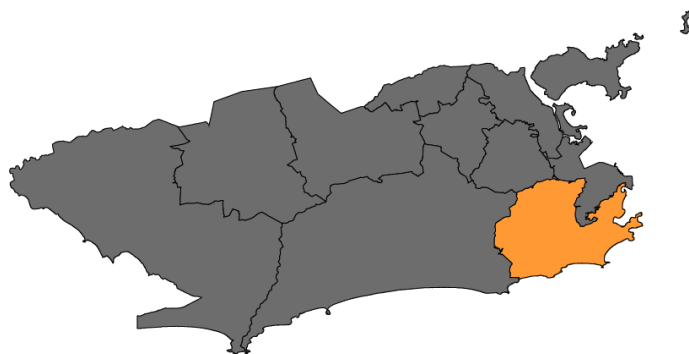
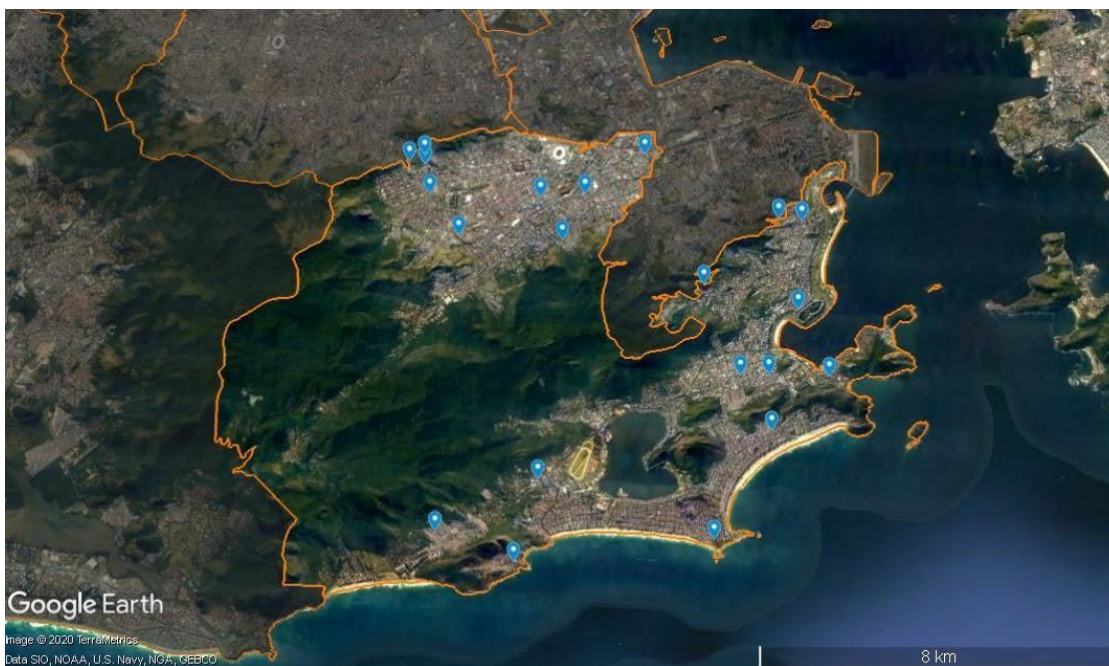


Figura 2.1. Localização da 2ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: 📍 Unidade escolar participante — Limite da CRE

Figura 2.2. Localização das UEs participantes na 2ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	47	2	-	0	0%	0
EM	88	19	-	18	20,45%	1.003
EJA	sem dado	0	-	0	0%	0
2ªCRE	153	21	13,72%	18	11,76%	1.003

Tabela 2.1. Participação e análise na 2ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

2.2. Resultados

A partir da análise dos documentos tabulados, e como mostra a figura 2.3, no percurso diário das crianças e jovens eles destacam as seguintes categorias:



Figura 2.3. Gráfico radar com categorias de análise - 2ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

Na **Percepção**, foram destacadas 13 percepções com incidência de mais de 10% em relação a quantidade de crianças, com maior recorrência para os **aspectos urbanísticos**: rua, arborização, edificações de gabarito alto e edificações de gabarito baixo. No tema **mobilidade**, foi destacada a presença do carro, apontado como gerador de barulho, poluição do ar e trânsito, embora fortemente desejado por alguns. (figura 2.4)



Figura 2.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

A baixa quantidade de percepções em destaque não está relacionada a uma baixa quantidade de percepções e sim a uma grande dispersão das percepções. A quantidade total de percepções computadas foi de 4311 que se distribuíram em 104 das 119 categorias. Isso significa que as crianças da 2ª CRE, em geral, têm um amplo repertório de elementos em seu percurso casa-escola (figuras 2.5, 2.6 e 2.7).

Aspectos relacionados à **violência** estiveram presentes, porém foram diluídos entre as 9 categorias da macro-categoria "Segurança e violência" que somou 87 ocorrências, sendo 42 ocorrências relacionadas à criminosos/ações criminosas e 20 ocorrências relacionadas à forças de segurança. Vale salientar que dessas ocorrências relacionadas às forças de segurança, nem sempre eram encaradas como ponto positivo (combate a violência) e sim como ponto negativo (causa da violência), principalmente nas unidades situadas em favelas.

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

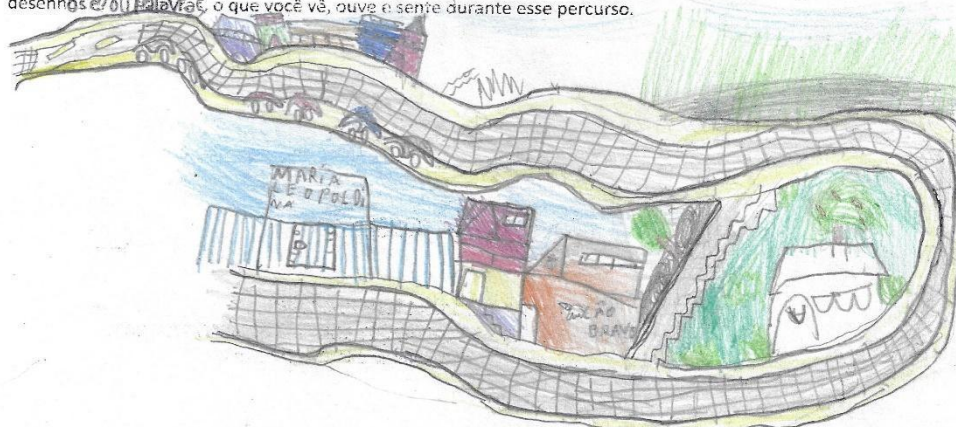


Figura 2.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

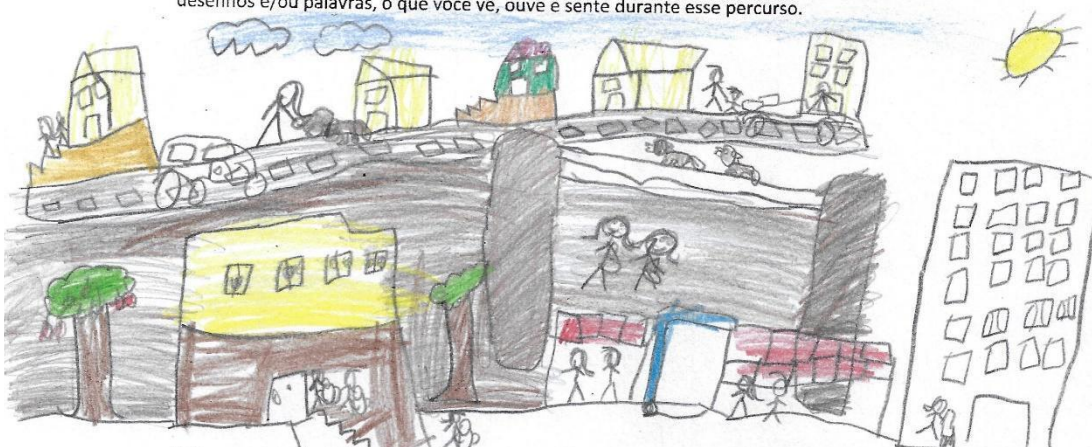


Figura 2.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

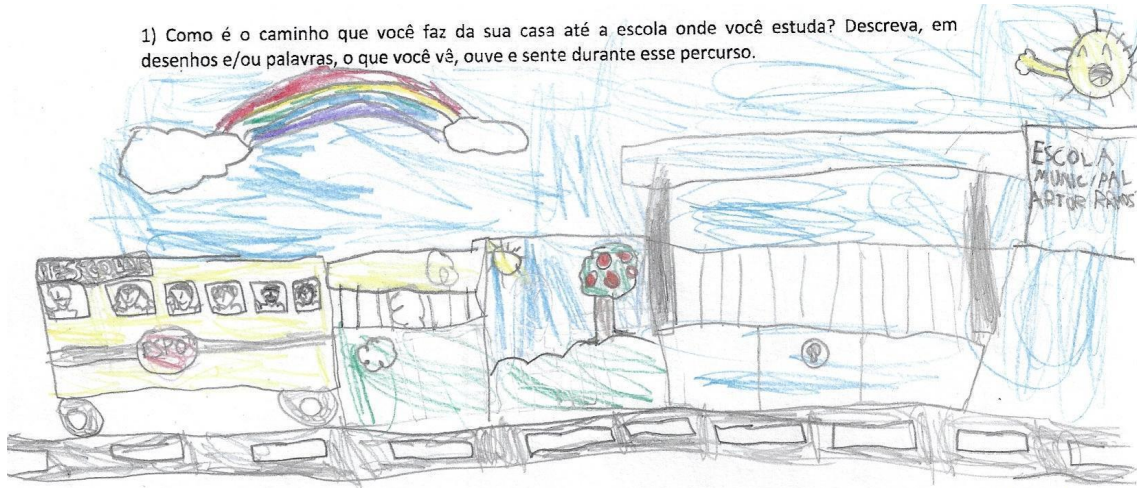


Figura 2.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Nos **desejos**, apenas um desejo foi destacado com incidência de mais de 10% em relação a quantidade de crianças: Limpeza, com 157 ocorrências. Com incidência de 5% em relação a quantidade de crianças foram destacadas 9 ocorrências. Com destaque para alegria, arborização, sinalização e segurança.

A quantidade total de desejos computados foi de 1482 que se distribuíram em 81 das 119 categorias. De uma maneira geral os desejos das crianças da 2ª CRE são bastante palpáveis e objetivos, como limpeza, arborização, sinalização, pavimentação, tempo de deslocamento e carro (como meio de transporte para o trajeto casa-escola). Interpretamos isso como um indicador de que os desejos não estão tão distantes deles. Ou seja, são crianças que se sentem à vontade para sonhar/desejar, pois tais desejos são passíveis de serem realizados. Vale ressaltar que o tempo de deslocamento foi pleiteado mesmo por crianças com um atual tempo de deslocamento bastante reduzido, indicando o privilégio das crianças da 2ª CRE em relação às outras regiões da cidade.

Apesar de a macro-categoria **segurança e violência** não ter apresentado significância relevante nas percepções, a categoria segurança da macro-categoria **conforto ambiental e cognitivo** foi a quinta com maior destaque.

O ponto que merece mais destaque foi a incidência, entre os desejos, de aspectos relativos à fantasia e ludicidade, tais como super-heróis, personagens, unicórnios, arco-íris, entre outros (figura 2.8). Por não haver uma categoria objetiva para enquadrá-las, essas ocorrências foram computadas na categoria **alegria**, que ficou em segundo lugar entre as com maior recorrência. Soma-se a essas, ocorrências relacionadas à lanches e guloseimas como algodão doce, pipoca e açaí, que foram enquadradas na categoria "Comer", com 35 ocorrências (figura 2.9).

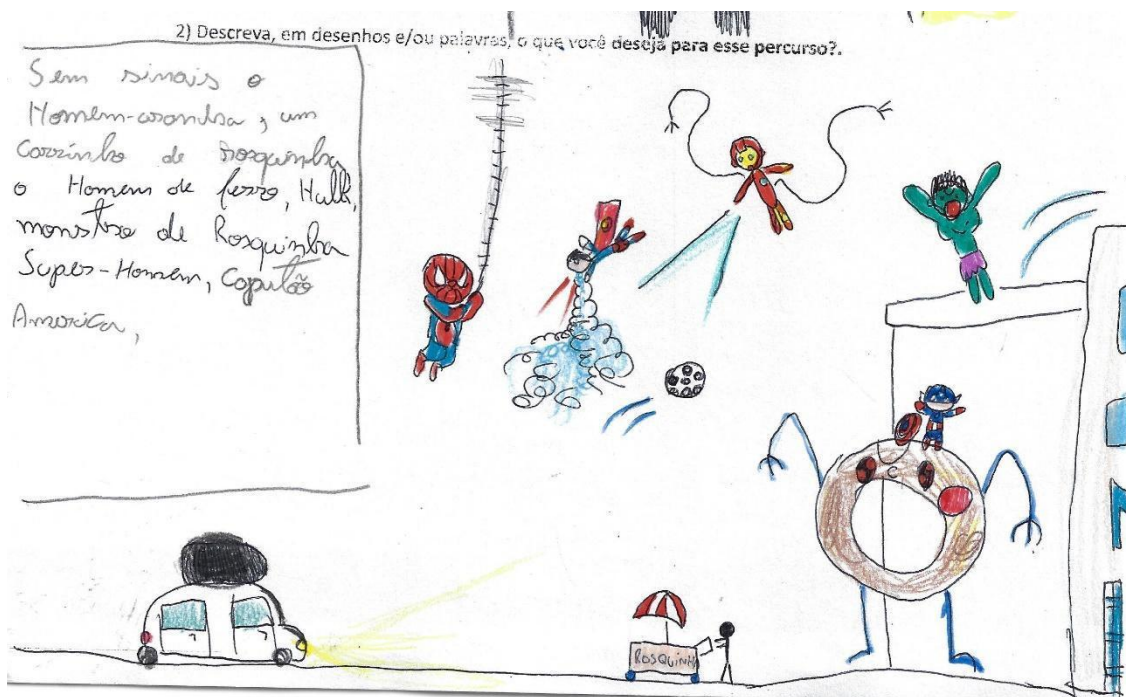


Figura 2.8. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020



Figura 2.9. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 2ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

2.3. Considerações

O amplo repertório de elementos percebidos pelas crianças da 2ª CRE em seu percurso casa-escola, a crença na realização dos seus desejos e, principalmente, a presença da ludicidade, interpretada por nós como “direito a infância”, indicam uma situação de privilégio das crianças da 2ª CRE em relação às demais. Tal fato é compreensível visto que abrange os bairros com maior poder aquisitivo e menores índices de violência da cidade. Crianças que têm os seus direitos básicos assegurados têm o direito de serem crianças e se ocuparem de fantasia e ludicidade ao invés de se preocuparem com saneamento e violência.

3a CRE

Coordenação de CRE: Rafael Ferreira Diniz Gomes

Participantes: Amanda Duarte, Salvínia Batista da Silva e Vitória de Azevedo Knupp

3.1 Contextualização

A 3 CRE abrange um trecho da Zona Norte da cidade (figura 3.1) e compreende bairros em torno do Méier tais como Pilares, Inhaúma, Bonsucesso, Riachuelo, Tomás Coelho, Lins de Vasconcelos, Engenho da Rainha, Benfica, Cachambi, Jacaré, Ramos - Complexo do Alemão, Maria da Graça, Sampaio, Todos os Santos, Água Santa, Jacarezinho, Engenho Novo, Del Castilho, Higienópolis, Encantado, Piedade e Rocha. Essa CRE teve uma adesão razoável. Foram 60 escolas que tiveram os documentos tabulados (figura 3.2), e foram analisadas também outras formas de representação do trajeto bastante diversas e criativas, como painéis, cartazes e mapas. Neste universo foram tabulados 1695 formulários no total, conforme demonstrado na tabela 3.1.

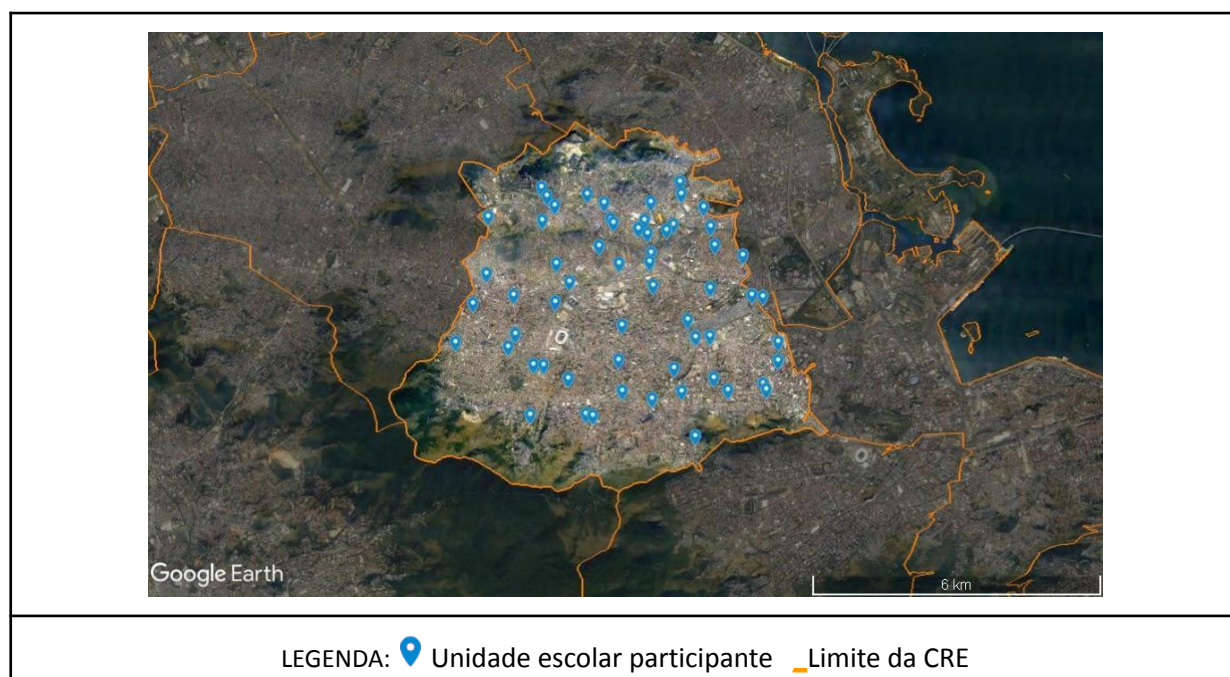
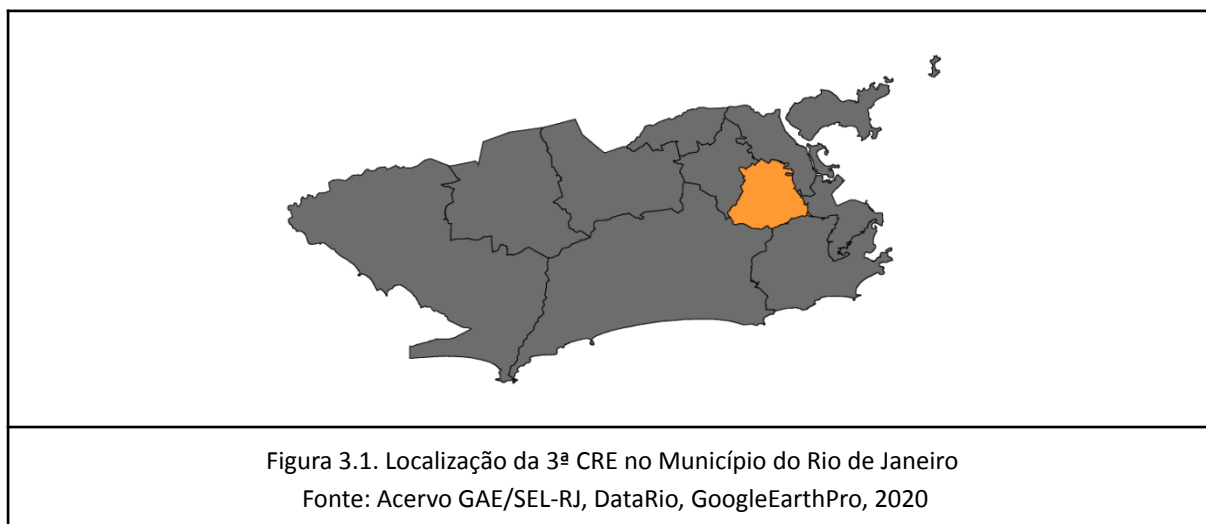


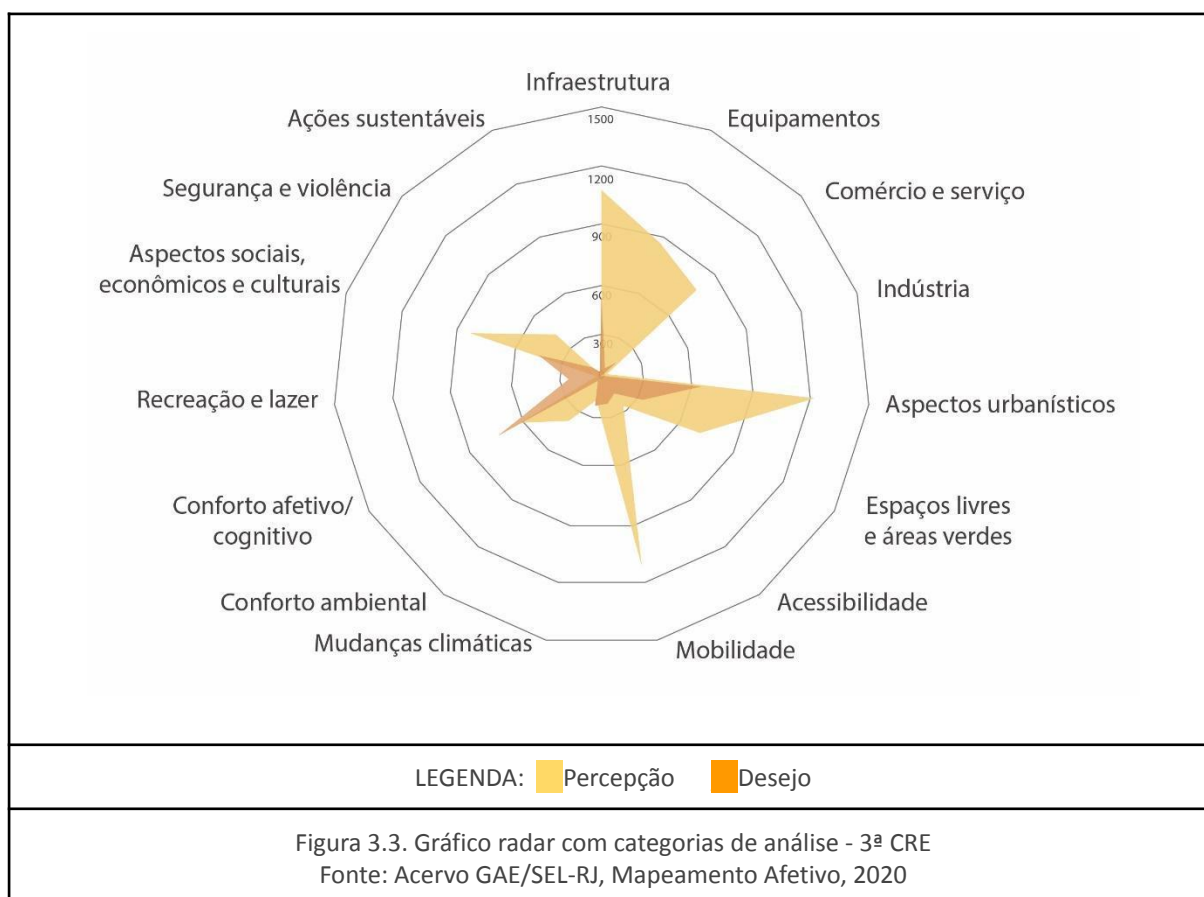
Figura 3.2. Localização UEs participantes 3ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/ CRECHE	42	24	57.14%	3	7,14%	25
E.M	92	67	72.83%	57	61,96%	1680
3 CRE	134	91	67.91%	60	44,77%	1695

Tabela 3.1. Participação e análise na 3ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

3.2 Resultados

A partir dos documentos tabulados, houve a construção do gráfico de radar a seguir, com o destaque de determinadas categorias de análise do percurso diário dos estudantes:



A partir da análise dos documentos tabulados, foi possível perceber que dentro do universo da 3ª CRE, os aspectos mais recorrentes foram as edificações baixas, as escolas, o comércio local, a rua e de um modo geral percebe-se a descrição do trajeto de casa até a escola e vice-versa com um nível de detalhe mais refinado, como se as crianças de fato conhecessem bem os bairros pelos quais transitam.

Ainda nas percepções, foi possível também notar alguns aspectos indesejáveis, como a falta de limpeza nas ruas e alguns pontos com o esgoto sem tratamento, por exemplo. Na maioria

dos relatos houve representações de lixo jogado nas ruas, entulhos e móveis abandonados nas calçadas e em alguns casos a preocupação com a poluição da natureza. Além do aspecto visual desagradável do lixo exposto, foi possível perceber também o desconforto com o odor proveniente da falta de saneamento básico, principalmente nos rios e canais poluídos a céu aberto (figura 3.4):



Figura 3.4. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 3ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Na maioria das representações, a rua aparece como o espaço que liga a casa até a escola, quase sempre representada como uma estrutura pavimentada e com divisão de vias de tráfego de veículos. Nesse aspecto é interessante notar que geralmente as crianças possuem uma visão de rua muito mais alinhada como um espaço para os automóveis e menos para o uso dos pedestres, pois uma pequena parcela das respostas apresentou a calçada como um componente indissociável da rua.

O comércio local de pequeno e de grande porte ocupa uma parte significativa na percepção desses trajetos. As lojas de doces, as padarias, os bares, supermercados, postos de gasolina, bem como o comércio informal tais como as barracas de lanches, pipoca, açaí e afins ocupam posição de destaque na percepção coletiva. É recorrente também a presença de arborização no trajeto, das pessoas nas ruas, tanto de modo representativo quanto de modo específico, ou seja, pessoas que são conhecidas (amigos, familiares, comerciantes locais, pessoas que fazem parte do cotidiano) e a interação interpessoal (pessoas que se cumprimentam, que seguem o percurso em conjunto, ou se encontram em determinado ponto, ora se tratam cordialmente, ora se hostilizam).

O problema da violência aparece com certo destaque em determinados percursos. Há representações de brigas entre as pessoas nas ruas, até mesmo entre as próprias crianças, seja através de xingamentos, prática de bullying e alguns embates físicos. Em determinadas

realidades a violência urbana é representada de modo bem claro nos relatos das crianças, que por sua vez presenciam nas redondezas homens armados, traficantes e usuários de drogas (figura 3.5). Dentre o conjunto de relatos que continham tal percepção, essa menção vinha acompanhada pelo medo, sentimento de falta de segurança ou desejo de mudança.

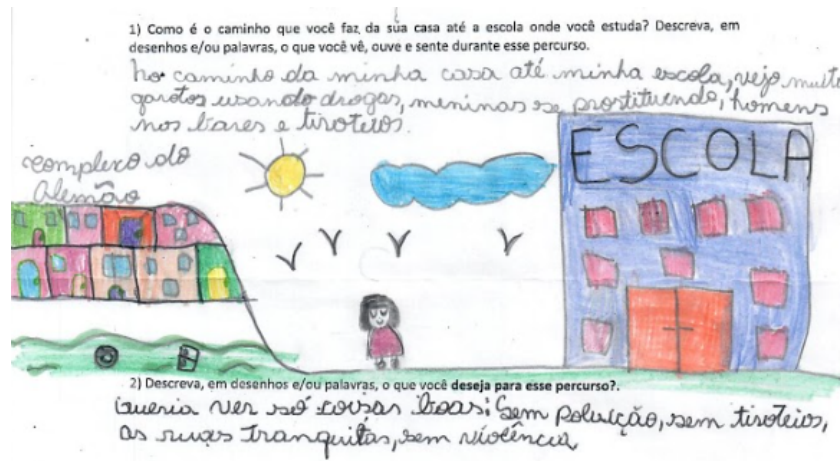


Figura 3.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 3ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

De acordo com as percepções das crianças sobre o percurso foi possível traçar um paralelo com os desejos que eles manifestaram para o trajeto de casa até a escola e vice-versa. A grande maioria mencionou desejar a limpeza do espaço urbano, que houvesse o melhor tratamento do lixo e organização do espaço urbano. Embora em muitos relatos os alunos tenham mencionado a presença de árvores no percurso, quando defrontados com os desejos, percebemos que na verdade a percepção era na verdade um anseio. Um número significativo de alunos desejou mais arborização nas ruas e calçadas, até mesmo com árvores floridas e frutíferas. Por fim, o desejo por segurança foi um dos aspectos que ficou em evidência em determinados agrupamentos de escolas, seja contra a violência urbana, seja para a melhoria do trânsito a pé na cidade.

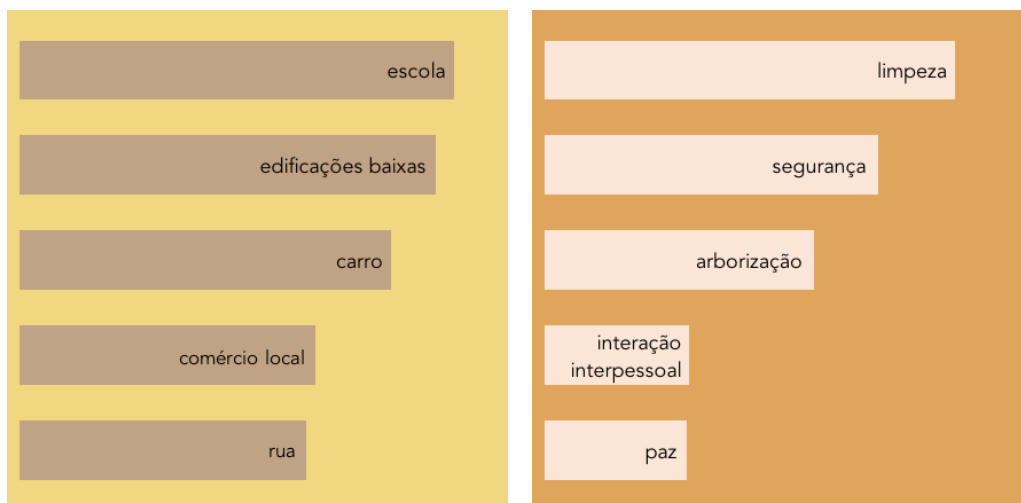


Figura 3.6. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 3ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

3.3. Considerações

De modo geral, percebemos que a imagem projetada desses inúmeros percursos analisados dentro do universo da 3ª CRE reforça uma característica muito comumente atribuída aos bairros da zona norte da cidade, que é a “vida de bairro”, ou seja, a proximidade da vizinhança cultivada no subúrbio, onde as relações parecem ser menos impessoais e o cotidiano da vida urbana é mais constante. Essa constatação é justificada também pelas crianças que de certo modo demonstraram conhecer a estrutura urbana presente no trajeto – posição das casas, dos edifícios, das praças, alguns pontos específicos dos bairros como determinadas lojas, esquinas, travessias, rios, pontes, residências dos colegas, hospitais, igrejas, entre outros equipamentos. Seja nos desenhos mais livres ou nos mais estruturados com usos de mapas ou nos relatos textuais, a impressão geral é que as crianças dessa região possuem um conhecimento detalhado do bairro onde moram, ou pelo menos do percurso realizado até a escola. Outro aspecto que pode reforçar essa condição é o fato de que grande parte das crianças moram relativamente perto da escola e fazem seu trajeto a pé ou de mototáxi, seguido pela condução de carros particulares, em menor grau pelos coletivos.

A possibilidade de poder visualizar a experiência de um número considerável de crianças no seu trajeto até a escola e seus respectivos anseios, demonstrou a importância de dar mais atenção para os diversos problemas da cidade, até mesmo confirmar determinados aspectos já constatados ou identificar outros. Os discursos e representações dos estudantes da 3ª CRE, em grande parte das fichas avaliadas, são validados também pelo conjunto, ou seja, as percepções raramente aparecem isoladas, pelo contrário, são bastante contextualizadas. Tal fato reforça a ideia de que eles têm uma visão crítica sobre o espaço urbano e, portanto, sabem muito bem o que querem de melhor para si, para a cidade, para o coletivo. A possibilidade de avaliação de ficha por ficha foi bastante rica por poder olhar cada uma das percepções e desejos em sua singularidade. O importante é dar voz às crianças, prestar atenção no modo como vivenciam/interagem com a cidade e o que esperam dela.

4a CRE

Coordenação de CRE: Flora Olmos Fernandez

Participantes: Ana Clara Correia de Melo, Cláudia Rakel Pena Pereira, Thomaz José da Silva Damasceno, Yago Araujo Faria.

4.1. Contextualização

A 4ª CRE, localizada na zona norte da cidade (figura 4.1.) está configurada pelos seguintes quatorze bairros: Brás de Pina, Benfica, Penha circular, Ramos, Vila da Penha, Penha, Jardim América, Cordovil, Mangunhos, Olaria, Bonsucesso, Maré, Vigário Geral, Parada de Lucas.

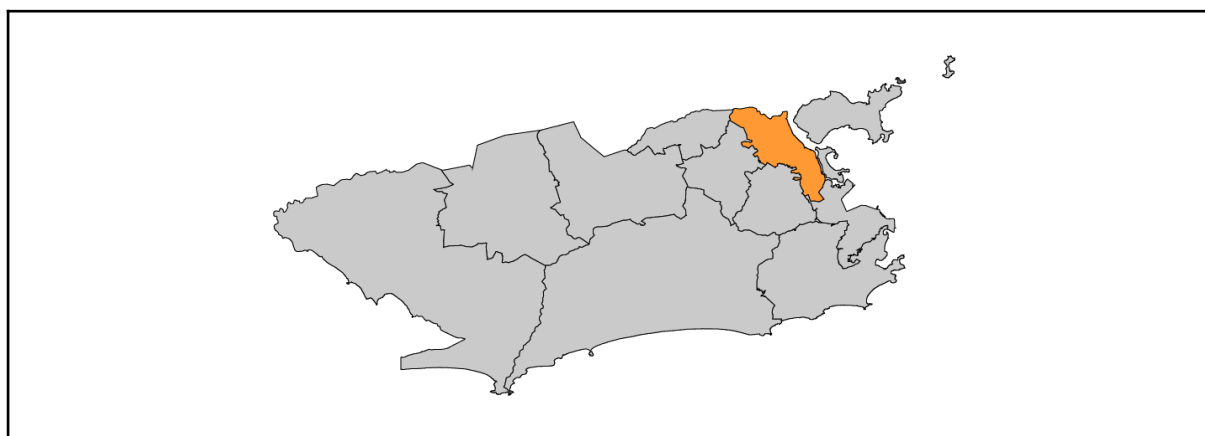


Figura 4.1. Localização da 4ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: Unidade escolar participante Limite da CRE

Figura 4.2. Localização das UEs participantes na 4ª CRE
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADAS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/ CRECHE	66	32	48.48%	3	4%	59
E.M	99	66	66.66%	64	64%	1512
4 CRE	165	98	59.04%	67	40%	1571

Tabela 4.1. Participação e análise na 4ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

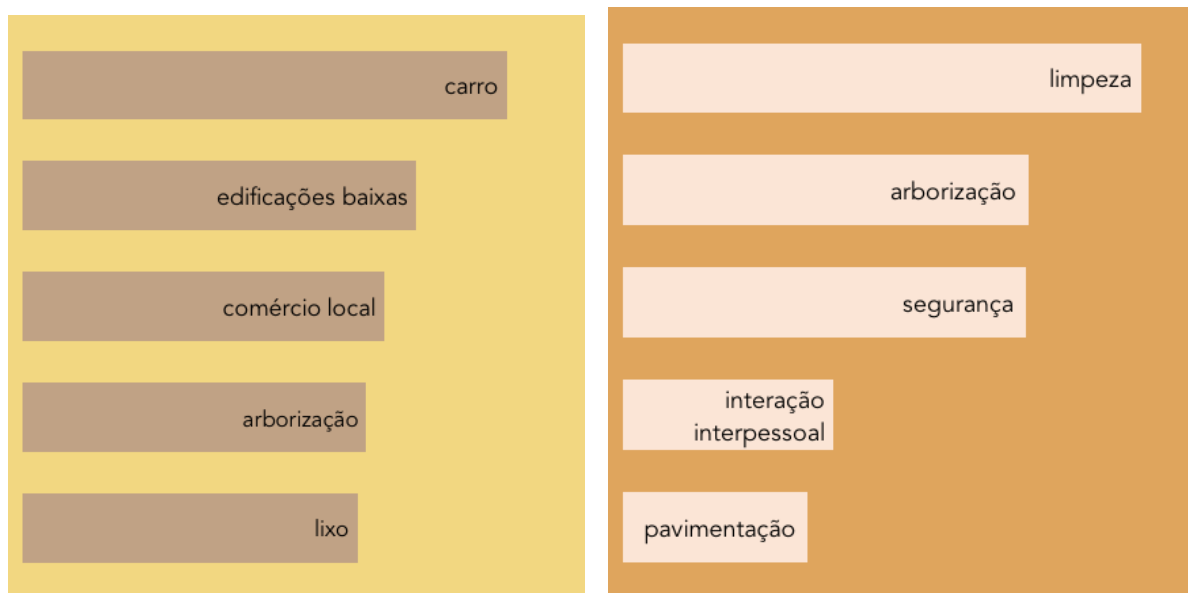
4.2. Resultados

A partir da análise dos documentos tabulados, no percurso diário das crianças e jovens eles destacam as seguintes categorias (figura 4.3.) e subcategorias (figura 4.4.):



Figura 4.3. Gráfico radar com categorias de análise - 4ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

As diversas formas de representação (figura 4.4.) escolhidas pelos/pelas estudantes (desenhos de cenas, mapas, descrições por textos) influenciam no discurso e na definição dos elementos que foram destacados. Nesse sentido aparecem como referências do percurso casas de baixo gabarito, comércio local e árvores/vegetação, com maior frequência (figura 4.5) e comércio de grande porte, boca de fumo, escola, igreja e serviços, e praças, pontes/viadutos, rua, rios/valões são outros elementos representados sem juízo de valor.



LEGENDA: ■ Percepção ■ Desejo

Figura 4.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 4ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020



Figura 4.5. Exemplo de representação coletiva sobre o percurso entre a casa e a escola - 4ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

As respostas obtidas nesta CRE nos indicam as dificuldades enfrentadas no percurso da casa a escola, seja pela mobilidade, pelas diferentes formas violência bem como a qualidade do espaço público.

Os relatos indicam uma dificuldade de andar a pé no atravessar a rua - com tráfego de automóveis e por falta de sinal, ou por falta de respeito dos motoristas- além dos carros estacionados e outras obstruções nas calçadas. Com relação ao transporte público, as/os estudantes reclamam que os motoristas não param para elas e eles, além disso, o percurso

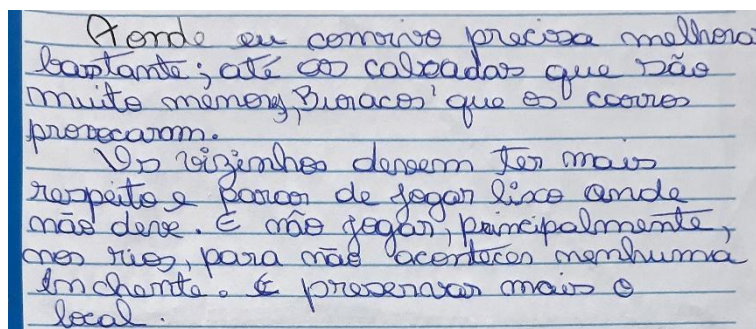
tem buracos, e os trajetos longos. O protagonismo do carro nesta CRE é apontado com pontos negativos – com a poluição sonora e do ar - e positivos - com a facilidade e conforto de deslocamento.

As relações interpessoais são descritas tanto de forma negativa em que se fala da falta de educação, respeito, gritaria e brigas são recorrentes formas de interações comentadas pelos estudantes como de forma neutra ou positiva em que a relação com familiares, amigos e conhecidos é marcada na companhia ou encontro no trajeto que trazem conforto e segurança no percurso. Contexto no qual jovens e crianças almejam uma melhora das relações “menos brigas”, “menos gritaria” e também a possibilidade de ver “crianças brincando na rua” e “pessoas na rua”.

Na temática da violência os relatos são marcados pela presença de bandidos, de armas, drogas, tiroteios. Sendo que no bairro da Maré e Manguinhos a presença da polícia se destaca em operações policiais ou de abuso atrelado às questões raciais, enquanto em Ramos e Brás de Pina por falta de policiamento. O assédio sexual ocorre na passagem por bares e próximo a homens bêbados em travessias.

Algumas falas impactam pela naturalização da vivência das violências: “eu já estou acostumada”, “eu não sinto nada” ou “eu não tenho mais medo”. Mas também aparece uma inconformidade como as violências sofridas que se refletem nos desejos por mais segurança, por “não ter que escutar tiros”, “não ver bandidos armados”, querer “não sentir o cheiro de maconha”, “não ter a casa invadida pela polícia sem mandado de segurança”.

Nas descrições das percepções também são recorrentes relatos a respeito da falta de qualidade, cuidado e limpeza de ruas e calçadas, bem como de praças e parques que possuem “ruas esburacadas” cheias de lixo e equipamentos quebrados. Neste contexto se destacam os desejos por uma melhoria do ambiente associada à limpeza e qualidade das calçadas, ao respeito dos moradores em jogar o lixo no lixo (figura 4.6.). Além arborização e vegetação flores e cores que também relacionam um desejo de beleza.



Aonde eu caminho precisa melhorar bastante; até as calçadas que não muito nemem, buracos que os carros presenciam.
Os vizinhos devem ter mais respeito e parar de jogar lixo onde não deve. E não jogar, principalmente, nas ruas, para não acender nenhuma lençolito. E preservar mais o local.

Figura 4.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 4ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020



Figura 4.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 4ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

4.3. Considerações

Aspectos que são interessantes de ressaltar são a consciência por parte das/dos estudantes de que este trabalho é endereçado a alguém e o fato de questionarem isso e a apropriação deste espaço de fala por grande parte das/dos estudantes na forma de desabaços e falas carregadas de reclamações a respeito de coisas que incomodam no território. Essas falas revelam uma consciência de injustiças sofridas em diversas escalas, como a falta de respeito dos diversos atores, inclusive os agentes do estado. As respostas à pergunta realizada não direcionam para soluções, mas alguns relatos e desejos apontam para caminhos e possibilidades de ação.

Algumas falas das/dos estudantes direcionam para soluções para as demandas de limpeza, manutenção e qualificação dos espaços livres públicos e mobilidade que entrelaçam o respeito e o cuidado como resposta a muitos destes problemas, tanto por parte do estado como por parte da própria população. Dessa forma as ações da prefeitura de manutenção e qualificação dos espaços livres demandam ações educativas que fortaleçam o sentimento de pertencimento e valorizem o cuidado com o lugar e com os outros. Assim como ações que favoreçam o respeito às leis e direitos de circulação de todos indivíduos da cidade, ainda com relação à mobilidade, incentivar outras formas de mobilidade além da qualificação das ruas e do transporte público.

5ª CRE

Coordenação de CRE: Gabriel Parreira e Isabela Queiroz.

Participantes: Andressa Fernandes, Luísa Leal, Mariana Zoffoli, Marianna de Assis, Michele Fiaux, Teresa Mosselle e Vanessa Almeida.

5.1. Contextualização

A 5ª CRE, localizada na zona norte da cidade (figura 5.1) e configura-se pelos vinte e dois bairros: Vicente de Carvalho, Cascadura, Vila Da Penha, Irajá, Guadalupe, Bento Ribeiro, Turiaçu, Vigário Geral, Marechal Hermes, Tomás Coelho, Coelho Neto, Oswaldo Cruz, Vila Kosmos, Colégio, Vista Alegre, Vaz Lobo, Quintino Bocaiúva, Rocha Miranda, Madureira, Honório Gurgel, Cavalcanti e Campinho.

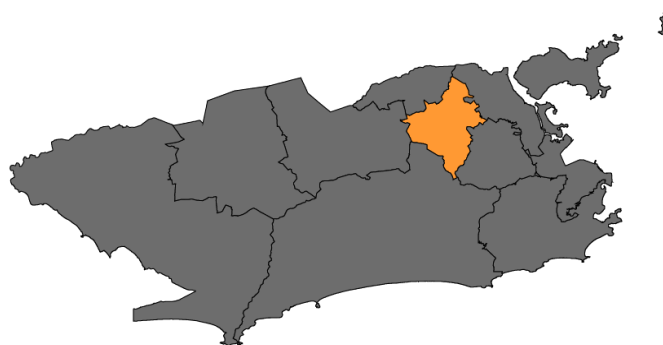
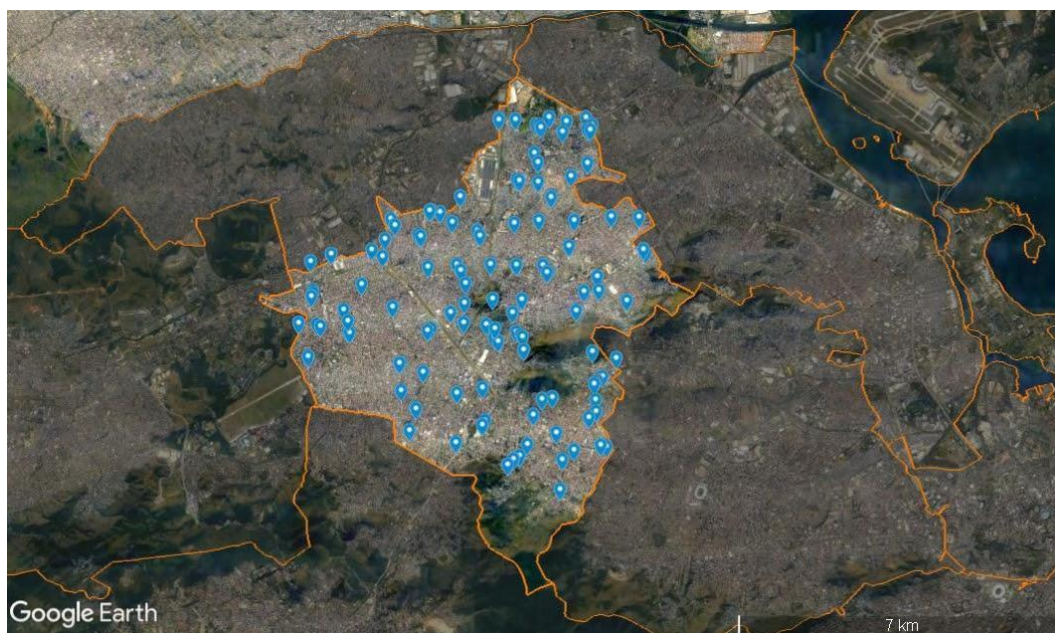


Figura 5.1. Localização da 5ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: Unidade escolar participante Limite da CRE

Figura 5.2. Localização das UEs participantes na 5ª CRE
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	33	31	93,94%	0	0%	0
EM	97	94	96,91%	91	93,81%	2.039
5ªCRE	130	125	96.15%	91	70%	2.039

Tabela 5.1. Participação e análise na 5ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

5.2. Resultados

A partir da análise das fichas e do preenchimento das tabelas foi possível obter resultados e estabelecer relações qualitativas e quantitativas sobre as percepções e desejos das crianças e jovens para a Cidade, conforme figura 5.3. e 5.4. :

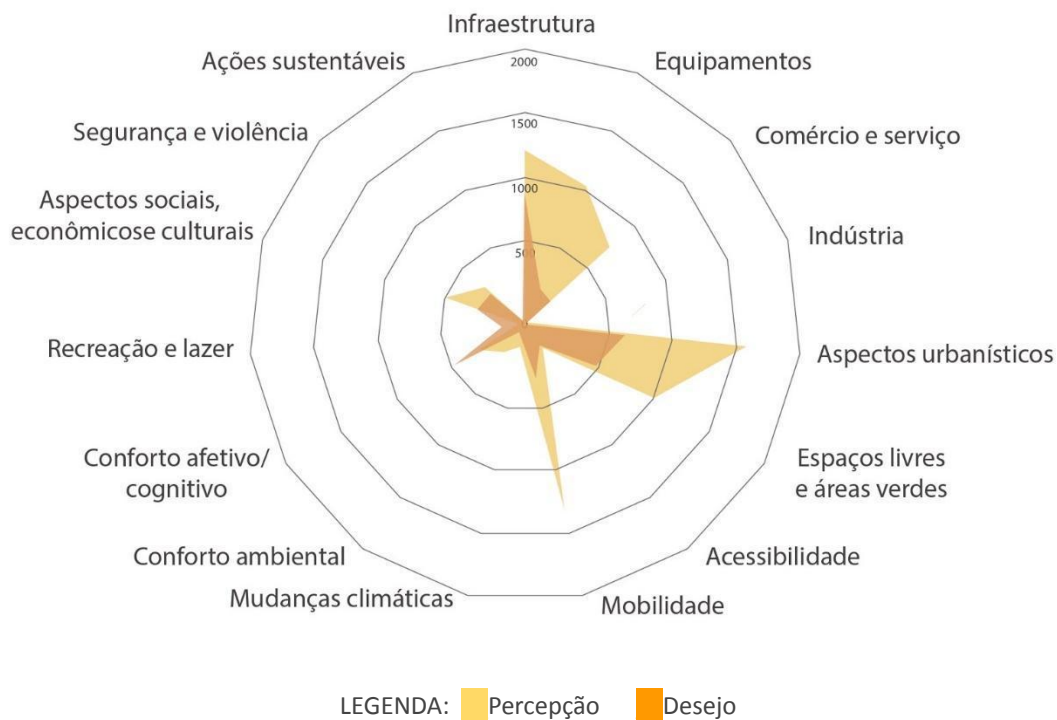


Figura5.3. Gráfico radar com categorias de análise - 5ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

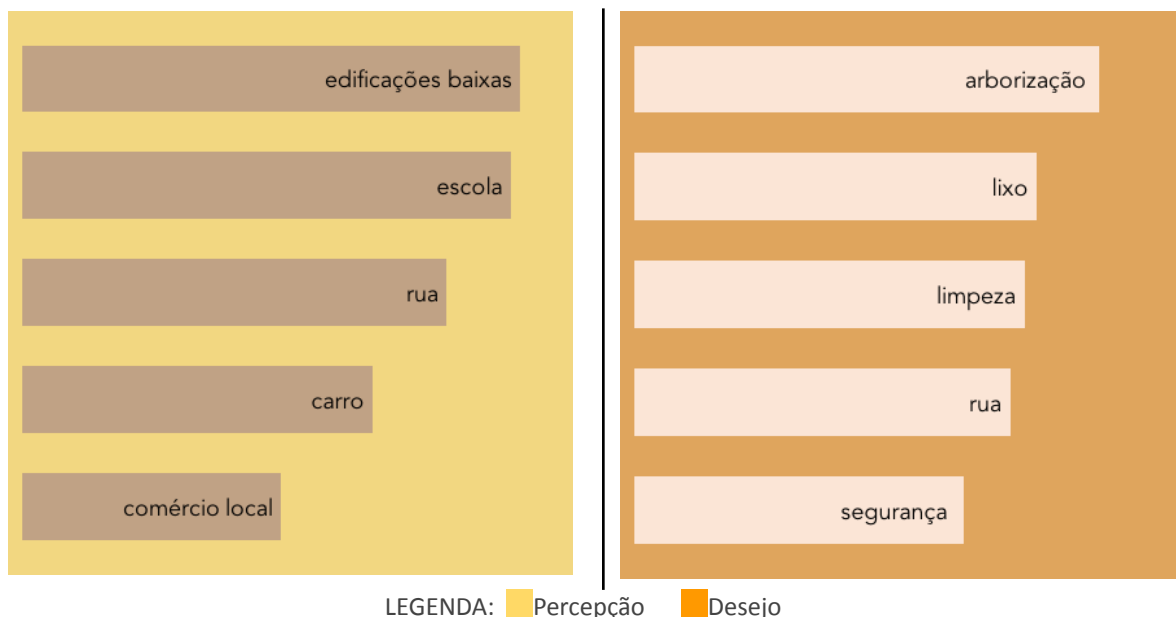


Figura 5.4. Subcategorias com maior incidência - 5a CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

Como **resultado quantitativo**, conforme indicam os gráficos acima, os relatos de **Percepção** (figura 5.3.) focam nas questões de **aspectos urbanísticos, infraestrutura e mobilidade**, onde aparecem em maior quantidade as subcategorias (figura 5.4.) de **edificações baixas, escola, rua, carro e comércio local**, conforme indica o gráfico de barras.

Como **aspectos qualitativos**, vale destacar a vasta e boa leitura que os estudantes têm do território, trazendo relatos maduros e críticos. Destaca-se aqui a diversidade de conteúdo apresentado pelas crianças e jovens, que indicavam desde questões mais tipicamente relacionadas ao universo dessa faixa etária até relatos impactantes sobre ações violentas.

Observamos que a percepção da realidade era representada pelos jovens e crianças de maneira mais negativa do que positiva. Além das categorias citadas nos gráficos acima, os aspectos de **lixo e limpeza urbana** também apareceram de maneira expressiva enquanto problemas do cotidiano dos jovens e crianças; bem como as **ruas, suas pavimentações e falta de arborização** que também eram muito mencionados.

O **trânsito** também era problema para parte dessa população, uma vez que ou se morava muito perto da escola, ou se demorava muito para se deslocar entre a casa e a escola, em transportes públicos que não param para os estudantes ou estão em más condições. O barulho dos carros era muito notado ao longo do percurso e nas escolas também.

Entretanto, o que mais chamou a atenção da equipe foi a grande presença de relatos de falta de segurança: imagens de tiroteios ou operações policiais, a naturalização de ações criminosas presentes nos trajetos, bem como pessoas armadas nos percursos retratados e o constante assédio a meninas. Violências diversas, tanto físicas, quanto verbais, vindas tanto do poder paralelo que atua nesses locais, quanto dos policiais e também de homens adultos de uma maneira geral, como é possível observar nos relatos de assédio.

Já nos **Desejos**, conforme indicam o gráfico de radar apresentado acima (figura 5.3.), os **resultados quantitativos** obtidos a partir dos relatos dos jovens e crianças focam nas

questões de **infraestrutura, aspectos urbanísticos e espaços livres**, onde aparecem em maior quantidade as subcategorias (figura 5.4.): **arborização, lixo, limpeza, rua e segurança**.

Um **destaque qualitativo** dos Desejos da 5ª CRE é o fato de serem diversos, básicos e até mesmo essenciais. Assim como nas percepções, os estudantes também trazem um olhar maduro, crítico e rico para os Desejos, apresentando relatos com mais **árvores** em comparação com as percepções; pedindo pela retirada do **lixo** das ruas e conseqüente maior **limpeza**; e uma maior **segurança** na vivência dos espaços. Espaços de lazer também foram notados e solicitados, mas não só praquinhos, parquinhos ou brinquedos, mas comércios locais onde é possível fazer lanches ou comprar coisas.

Questões relativas ao **trânsito** e à **mobilidade** foram recorrentes nos desejos, seja na diminuição do **tempo de deslocamento** até a escola (nos casos onde se morava mais longe), de acesso gratuito e qualidade no serviço dos ônibus e da diminuição dos casos de acidentes de trânsito e ocasionais atropelamentos.

Mas a **violência** voltou a ser exposta nos relatos, onde muitos deles solicitaram a diminuição de **tiroteios** e de **marcas de violência** na paisagem local, como tiros, vestígios de sangue e outros. Como resposta a esse tipo de problema no território, foram propostas algumas soluções tendo como a mais marcante a ressocialização, entendida de forma abrangente e universal, incluindo o pedido de mais empregos para os que precisam, inserção social de pessoas em situação de ruas e criminosos, além de um amplo pedido para uma maior cordialidade entre as pessoas e até mesmo cuidado com animais abandonados.

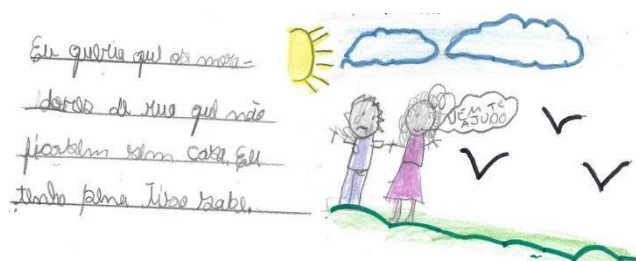


Figura 5.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 5ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

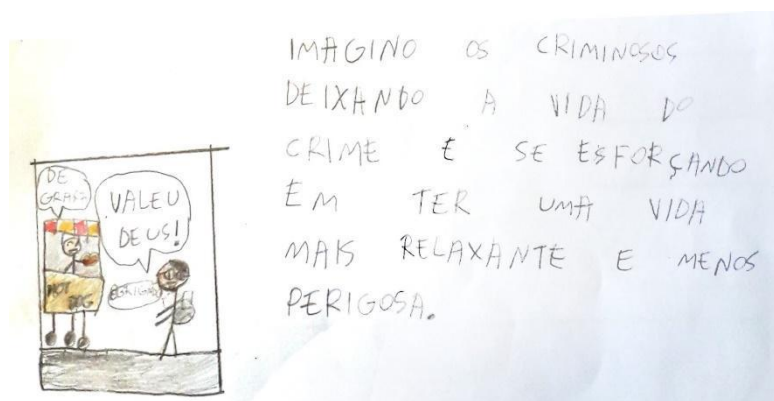


Figura 5.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 5ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

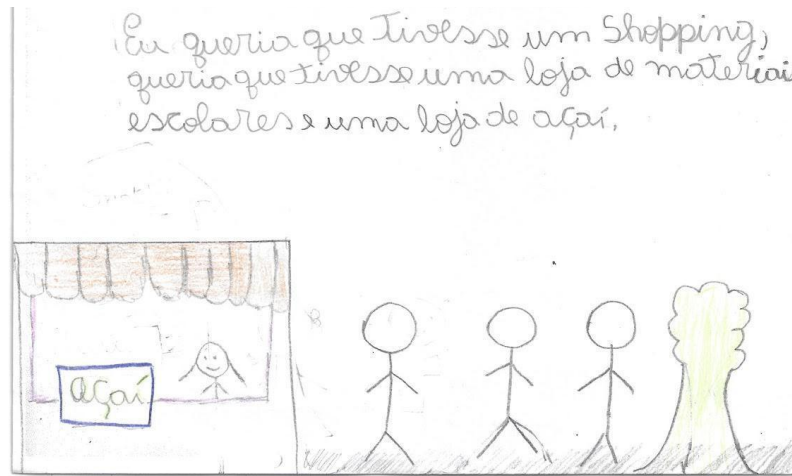


Figura 5.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 5ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

5.3. Considerações

Com base nas percepções e desejos das crianças e jovens da 5ª CRE para o território, ressaltamos a importância de alguns aspectos que podem ser levados em consideração nas tomadas de decisão e políticas públicas. Como a questão da mobilidade bastante recorrente nos relatos, indicando uma demanda de **transporte público de qualidade** para os estudantes, que garanta um mínimo de conforto, pontualidade, e segurança nos deslocamentos. Uma outra questão relacionada ao trânsito, que também poderia ser melhorada, são os ruídos de trânsito e má sinalização próximo às escolas. Poderiam ser incorporadas às políticas públicas um maior **controle desses ruídos nas proximidades das escolas** assim como a **melhoria da sinalização e acessibilidade** (principalmente nas travessias e acessos à unidade escolar).

Outra questão bastante evidenciada como demanda e que poderia ser uma atuação do poder público é a **limpeza e manutenção** das ruas, rios, canais, valões e infraestruturas públicas de maneira geral, que poderiam ser desenvolvidas juntamente com ações de **conscientização ambiental** junto às escolas e as comunidades do entorno. Com base nos relatos das crianças e jovens também vale destacar a necessidade de ações e diretrizes voltadas para uma **requalificação da arborização urbana**, principalmente com a intenção de ampliação das massas arbóreas nos espaços livres públicos.

Pedidos por **espaços de lazer** tanto enquanto **espaços livres**, quanto estabelecimentos comerciais (como lanchonetes) demonstram uma demanda do território nesse aspecto, assim como servem de indicativo para diretrizes. Iniciativas em parceria entre poder público,

escola e comunidade desenvolvendo atividades da escola pelo território, assim como uso da escola pelas crianças e jovens como opção de lazer (em horários e dias oportunos) poderiam ser adotadas nesse sentido; assim como incentivo a usos comerciais que também funcionam como lazer no território.

Além dos pontos já abordados, o maior destaque da 5ª CRE fica por conta das questões sociais como as violências, desigualdades e conflitos, e qualquer política pública voltada para esse recorte do Rio de Janeiro deve considerar isso. **Políticas de inclusão social, amplas oportunidades de emprego** (inclusive para criminosos e moradores de rua), **ressocialização e inserção social** são demandas urgentes e necessárias na 5ª CRE, assim como o **cuidado com os animais e direito à infância** por parte desses jovens e crianças tão afetados pela desigualdade e vulnerabilidade social. Direito de ser crianças, de poder sonhar, brincar e ter um acesso legítimo a cidade e tudo que ela pode oferecer.

6a CRE

Coordenação: Alain Flandes e Giselle Gerson

Equipe de colaboradores: Elisabeth de Oliveira, Ingrid Siqueira, Lucas Loyola, Luccas Pereira, Luma Seabra, Maria Clara Vieira de Melo.

6.1. Contextualização

A 6ª. Coordenadoria Regional de Educação - CRE é localizada na zona norte da cidade (figura 6.1) composta pelos bairros: Anchieta, Coelho Neto, Parque Colúmbia, Barros Filho, Ricardo de Albuquerque, Pavuna, Cascadura, Costa Barros, Guadalupe, Colégio, Deodoro, Acari, Irajá e Parque Anchieta (figura 6.2).

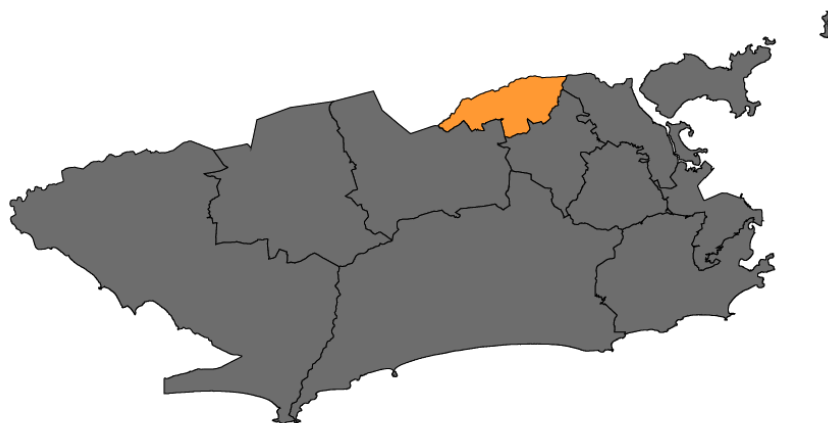


Figura 6.1. Localização da 6ª CRE na zona oeste do município do Rio de Janeiro.
Fonte: GAE-SEL, DataRio, GoogleEarthPro, 2020.





LEGENDA:  Unidade escolar participante  Limite da CRE

Figura 6.2. Localização UEs participantes no Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro (2019), 6ª CRE. Fonte: GAE-SEL, DataRio, GoogleEarthPro, 2020.

A 6ª. CRE é uma área cortada por vias estruturantes como a Av. Brasil e a Rodovia Presidente Dutra. Portanto, possui um fluxo intenso de veículos e uma concentração de uso industrial e comercial de grande porte, que torna a área um grande polo gerador de tráfego, com a circulação de carros, caminhões, ônibus e motos. Essa característica urbana que ao mesmo tempo promove empregos e dinamiza economicamente a região, traz sérios problemas de mobilidade para os estudantes que se deslocam a pé ou com transporte público. Daí, além dos problemas de mobilidade, podemos listar: poluição ambiental, com a emissão de barulho dos veículos e poluição do ar; escassez de áreas verdes e espaços livres públicos para recreação, devido a priorização pela circulação de veículos; a insegurança no trânsito, com uma grande quantidade de acidentes relatados pelas próprias crianças, que é intensificado pela presença de vias com poucos pontos de travessias.

A seguir, a tabela 6.1 apresenta o perfil das escolas participantes, tendo atingido 14% da sua rede escolar. Destes, 06 escolas foram tabuladas com um total de 142 documentos. Apesar da baixa adesão, comparadas às demais CREs, os dados tabulados apresentaram alguns cenários vivenciados pelos estudantes das escolas próximas aos principais cruzamentos viários que apontam características interessantes e que precisam de atenção.

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/ CRECHE	47	05	10,6%	00	0%	00
E.M	66	11	16,6%	06	9%	142
EJA	01	00	0%	00	0%	00
6ª. CRE	114	16	14%	06	5,3%	142

Tabela 6.1. Participação e análise na 6ª CRE.
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020.

6.2. Resultados

Dentre os dados registrados na pesquisa, alguns elementos se destacam na Percepção dos estudantes, como indica a figura 6.3 com o gráfico radar com as categorias mais mencionadas nos relatos e desenhos:



Figura 6.3. Gráfico radar com categorias de análise - 6ª CRE.

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020.

A partir disso, também foram analisadas menções por subcategorias e apontam-se como principais problemas questões referentes à **infraestrutura**, como a má pavimentação de calçadas e falta de sinalização para pedestres; serviços públicos com a precária limpeza urbana e presença de lixo ao longo dos caminhos escolares (fig.6.4).

A falta de arborização e **espaços livres** voltados para recreação infantil é sentida também pelas crianças e cabe destacar que isso reforça a falta de planejamento nessa região para a escala humana e uma priorização de circulação de veículos.

Dentre os elementos na paisagem da 6ª. CRE, podemos destacar: as igrejas; comércios locais; pontes/passarelas e edificações de gabarito baixo.

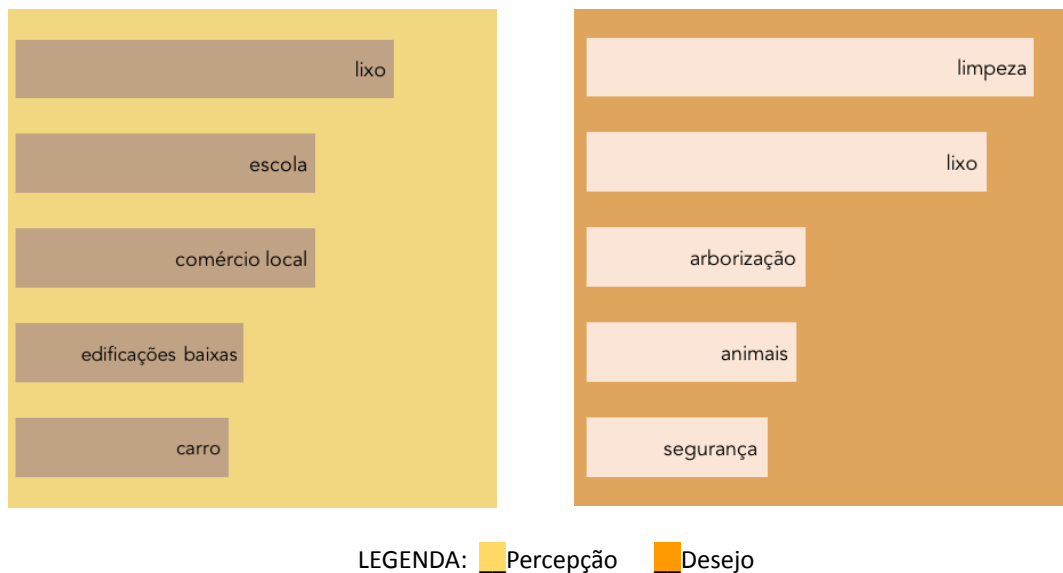


Figura 6.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 6ª CRE

Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Além disso, os aspectos de **segurança** também ficam evidentes nos relatos quanto à presença da violência urbana na região, marcada pelas forças de segurança e tiroteios, que amedrontam as crianças (Figs.6.5 e 6.6).

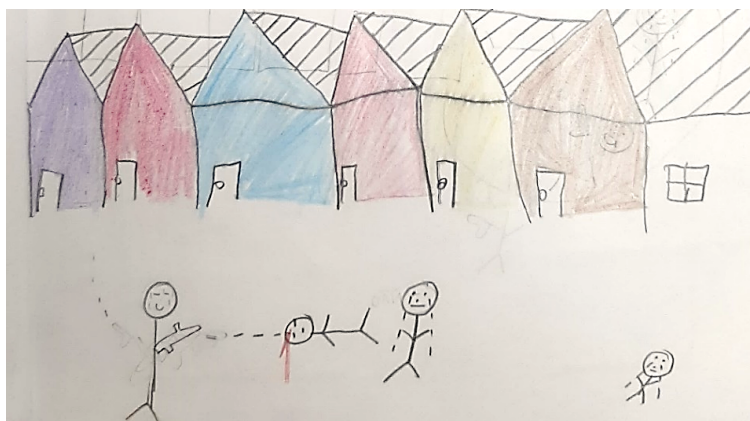


Figura 6.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 6ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

Os vizinhos de casa estão em um breco, onde estão
os bandidos armados semelhantes drogados e as
as consumindo, continuamos andando até chegar
ao ponto de ônibus, no caminho até chegar na
escala passo por mais brecos de fumes.
Me sinto bastante inseguro, medo de acontecer
alguma coisa nesse trajeto.

Figura 6.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 6ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020.

Quanto aos **aspectos urbanísticos** mencionados, destacam-se: a insatisfação dos estudantes quanto a forma de manutenção e gestão dos espaços públicos (Fig.6.7) e as dificuldades nas travessias, que merecem ser tratadas dentro de futuras intervenções a fim de resguardar a vida dos estudantes.

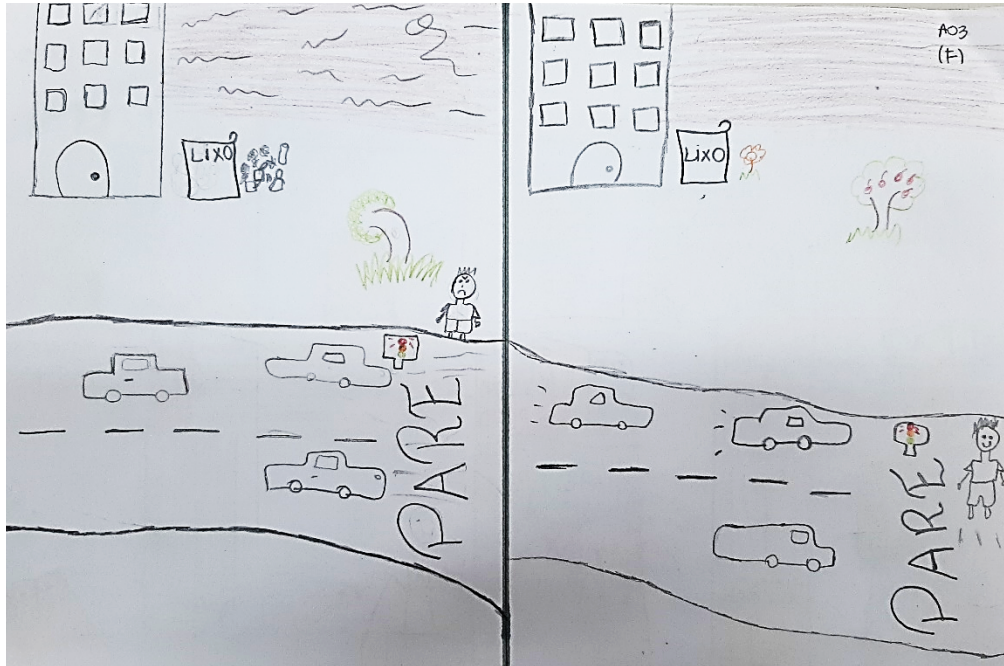


Figura 6.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 6ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020.

O **assédio** também acontece nas ruas e precisa ser combatido, como mostra o relato de aluna do 9º. Ano: “Eu costumo sempre observar tudo ao meu redor, e sempre que eu estou indo, tem algum senhor de idade me olhando, e olhando para outras meninas, e isso não é nem um pouco legal, não é só no caminho, mas em muitos outros”.

Dentre os dados registrados na pesquisa, alguns elementos se destacam nos **desejos** dos estudantes, como observam-se pedidos referentes a: redução do trânsito; limpeza; segurança; melhoria do tempo de deslocamento; transporte público gratuito e de melhor qualidade; arborização; espaços livres públicos de recreação (campos de futebol e praças com parquinhos). Houve também a preocupação com os animais e moradores de rua.

Cabe ainda um destaque para solicitação por **equipamentos**, como: um posto de saúde e UPA no bairro Acari.

6.3. Considerações

As escolas próximas aos cruzamentos com a Av. Brasil apresentaram vulnerabilidades específicas, como o somatório da insegurança pela presença de conflitos entre traficantes e forças de segurança com a insegurança no trânsito. Por conta disso, acredita-se que seja preciso algumas soluções de curto, médio e longo prazo que busquem a redução dos danos causados às comunidades escolares.

O desenvolvimento de um conjunto de estratégias de caráter prioritário pode ser construído coletivamente, visando a fluidez e segurança nas travessias (com passarelas, faixas de pedestres, semáforos, sinalização tátil para portadores de necessidades e lombadas eletrônicas), o aumento de espaços livres públicos (com arborização, parquinhos, campos de futebol e mobiliários urbanos de estar e de recreação infantil) também contribuiriam para uma sensação de bem-estar ao redor das escolas.

Uma maior articulação entre políticas públicas poderia trazer diálogos e acordos construtivos a fim de proteger as escolas e o seu entorno, reduzindo os conflitos e valorizando a educação pública como um mecanismo de combate à exclusão social.

7ª CRE

Coordenação de CRE: Denise Pinheiro.

Participantes: Beatriz Jardim, Danilo Marques, Mariana Pereira e Tiffany Yarde.

7.1. Contextualização

A região regulada pela 7ª CRE abrange parte da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (figura 7.1.), incluindo os bairros de Curicica, Anil, Freguesia, Praça Seca, Rio das Pedras, Jacarepaguá, Gardênia Azul, Itanhangá, Taquara, Pechincha, Tanque, Cidade de Deus, Vila Valqueire, Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, Vargem Pequena, Vargem Grande. A 7ª CRE possui uma grande extensão territorial, com significativas diferenças sociais, econômicas e urbanísticas, oferecendo um caráter heterogêneo à mesma que ficou evidente nas análises. Destaca-se a participação de 51 unidades escolares (figura 7.2.), das quais 48 unidades e 2.485 documentos foram sistematizados (tabela 7.1.).



Figura 7.1. Localização da 7ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020





LEGENDA:  Unidade escolar participante  Limite da CRE

Figura 7.2. Localização das UEs participantes na 7ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	61	03	4,92%	0	0%	0
EM	107	42	39,25%	42	39,25%	2.099
CIEP	12	06	50,00%	06	50,00%	386
7ªCRE	180	51	28,33%	48	26,66%	2.485

Tabela 7.1. Participação e análise na 7ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

7.2. Resultados

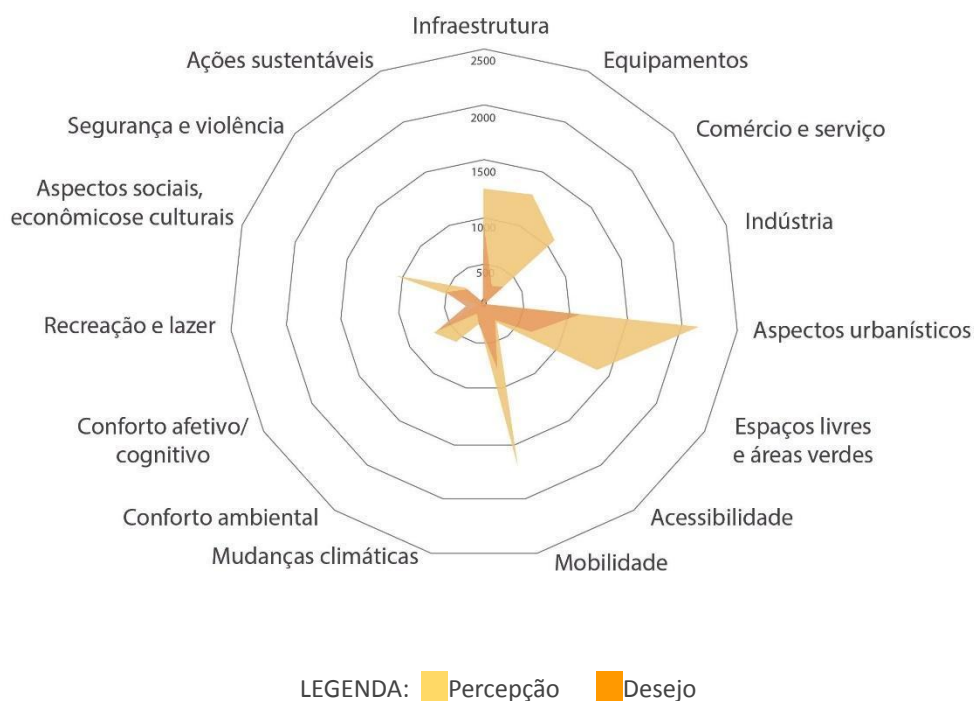


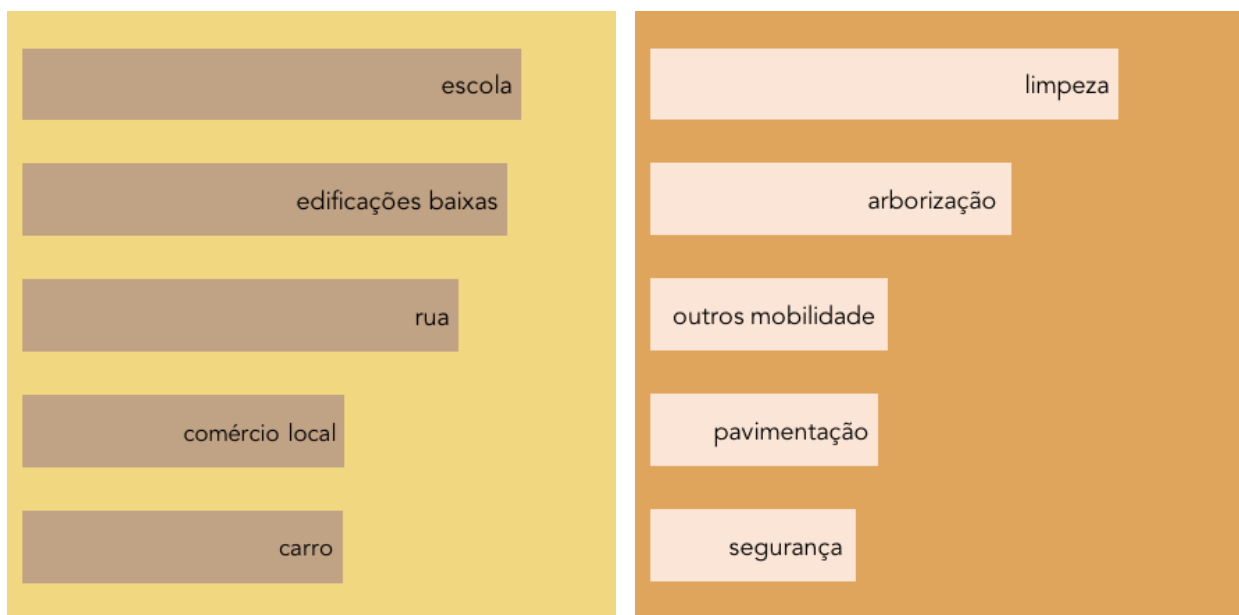
Figura 7.3. Gráfico radar com categorias de análise - 7ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

O diagnóstico preliminar da 7ª CRE, em toda a sua abrangência, apontou como as principais **Percepções** as categorias (figura 7.3.): **aspectos urbanísticos, mobilidade, infraestrutura urbana e equipamentos**, com destaque para as subcategorias (figura 7.4.): **escola, edificações de gabarito baixo, rua, comércio local, carros, lixo, arborização, ônibus, sons, vitalidade urbana, pavimentação, sinalização, tempo de deslocamento, interação pessoal e ordenação do espaço.**

De forma geral, a percepção negativa sobre a **mobilidade** urbana permeia todas as regiões e bairros que compõem a 7ª CRE, principalmente com relação aos ônibus quentes, cheios e

quebrados, a demora no trajeto, aos assédios sofridos, a falta de gratuidade, entre outros (figura 7.5.). Quanto aos **aspectos urbanísticos**, foi fortemente pontuada a **sinalização** insatisfatória, a falta de semáforos e de faixas de pedestres, a demora para conseguir atravessar a rua, o curto tempo de travessia e o desrespeito dos condutores de veículos com a sinalização. Com relação à **pavimentação**, a falta de manutenção e menção à buracos em ruas e calçadas. Questões sobre o lixo e esgoto, enchentes, presença de animais de rua e sons desses animais e do tráfego veicular intenso também foram mencionados, juntamente com a falta de segurança relativa aos tiroteios constantes, presença de criminosos e diversas operações policiais.

Já com relação aos **Desejos**, as principais categorias foram (figura 7.3.): **aspectos urbanísticos, infraestrutura, mobilidade, recreação e lazer, conforto afetivo/cognitivo e espaços livres**. As subcategorias mais desejadas pelo público infantil e jovem participante da avaliação são (figura 7.4.): **limpeza, arborização, outros mobilidade, pavimentação, segurança, sinalização e comércio local**. A resolução dos problemas percebidos foi bastante solicitada, principalmente com o Desejo por um transporte escolar (dito na tabela como “outras mobilidades”) gratuito e de qualidade, de preferência escolar, e por melhorias no transporte por bicicleta e a pé. Ainda foi solicitada melhorias na sinalização e travessias, na limpeza urbana, no asfalto e nas calçadas e por mais arborização, juntamente com mais áreas de brincadeira e diversão (parquinhos, praças e outros espaços livres), comércio local relacionados à alimentação e menos assédios (sexual, verbal e físico).



LEGENDA: ■ Percepção ■ Desejo

Figura 7.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 7ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

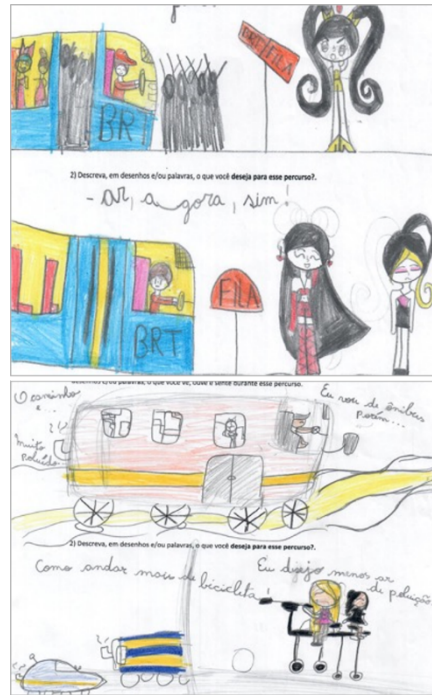


Figura 7.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 7ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

7.3. Considerações

As principais considerações feitas pelos participantes envolviam o modo de ir e vir entre a escola e as suas casas, focando nas questões de mobilidade, sinalização e travessias. O desenvolvimento de estratégias que foquem na mobilidade pendular entre casa-escola contribuiria para amenizar diversos problemas relatados pelos participantes, sendo o principal desejo o transporte especial escolar público e gratuito, seguido por políticas públicas focadas na mobilidade ativa (a pé e por bicicleta). Complementando esse cenário, mudanças na sinalização e nas travessias da região se fazem necessárias, principalmente sobre a perspectiva do pedestre.

Outros pontos que merecem atenção durante o desenvolvimento de políticas públicas para essa CRE são a limpeza urbana, enchentes, esgotos e as vulnerabilidades à que a comunidade escolar está submetida nesse percurso e nas suas atividades, em função dos constantes conflitos armados e das violências diversas. Medidas que mitiguem a sensação de insegurança, melhorias do saneamento e drenagem, a diminuição do lixo e o aumento de espaços livres de recreação contribuiriam para o bem-estar nesse entorno escolar.

8ª CRE

Coordenação de CRE: Alain Flandes, Denise Pinheiro, Elizabeth Lopes, Flora Fernandez.

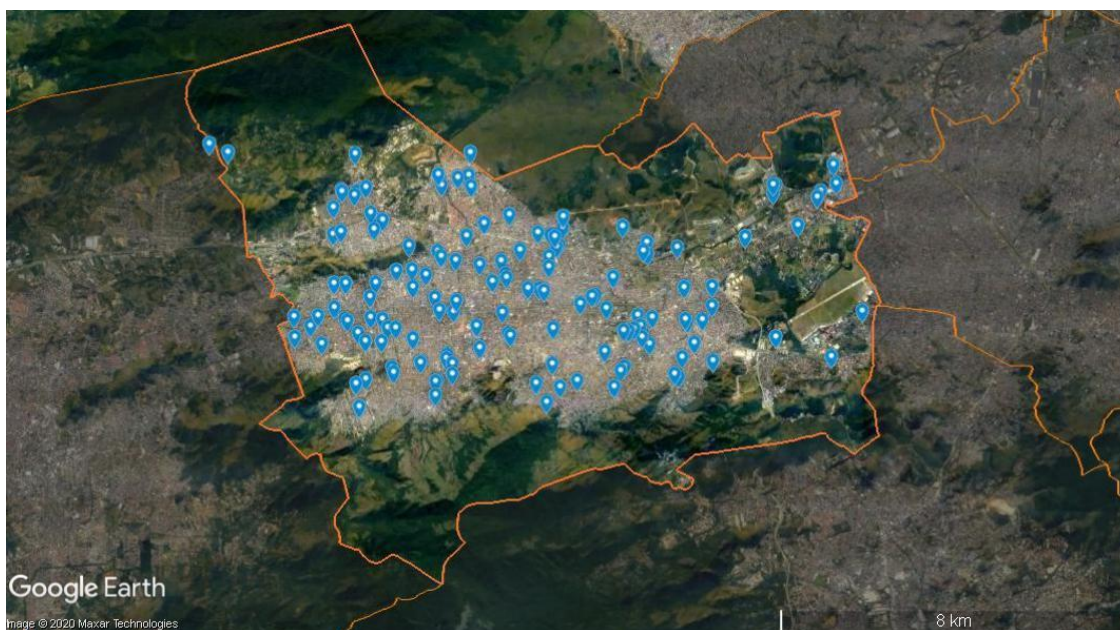
Participantes: Ana Clara Correia de Melo, Elisabeth Guedes de Oliveira, Lucas Vicente Loyola, Luccas Pereira do Nascimento, Maria Clara Vieira de Melo Paulino da Silva, Thomaz José da Silva Damasceno, Tiffany Sheldina Yarde, Yago Araujo Faria.

8.1. Contextualização

A 8ª CRE, localizada na zona oeste da cidade (figura 8.1) configura-se pelos bairros de: Bangu, Campos dos Afonsos, Deodoro, Guadalupe, Jabour, Jardim, Sulacap, Magalhães Bastos, Padre Miguel, Realengo, Santíssimo, Senador Camará, Vila Kennedy, Vila Militar. Destes, houve escolas respondentes em cada um deles (figura 8.2), sendo Bangu, Realengo e Senador Camará os de maior número de formulários respondidos (gráfico 8.1).



Figura 8.1. Localização da 8ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: Unidade escolar participante Limite da CRE

Figura 8.2. Localização das UEs participantes na 8ª CRE

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	sem dado	31	-	0	0%	0
EM	sem dado	105	-	96	64%	2.407
EJA	sem dado	0	-	0	0%	0
8ª CRE	188	147	78,19%	96	51,06%	2.407

Tabela 8.1. Participação e análise na 8ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

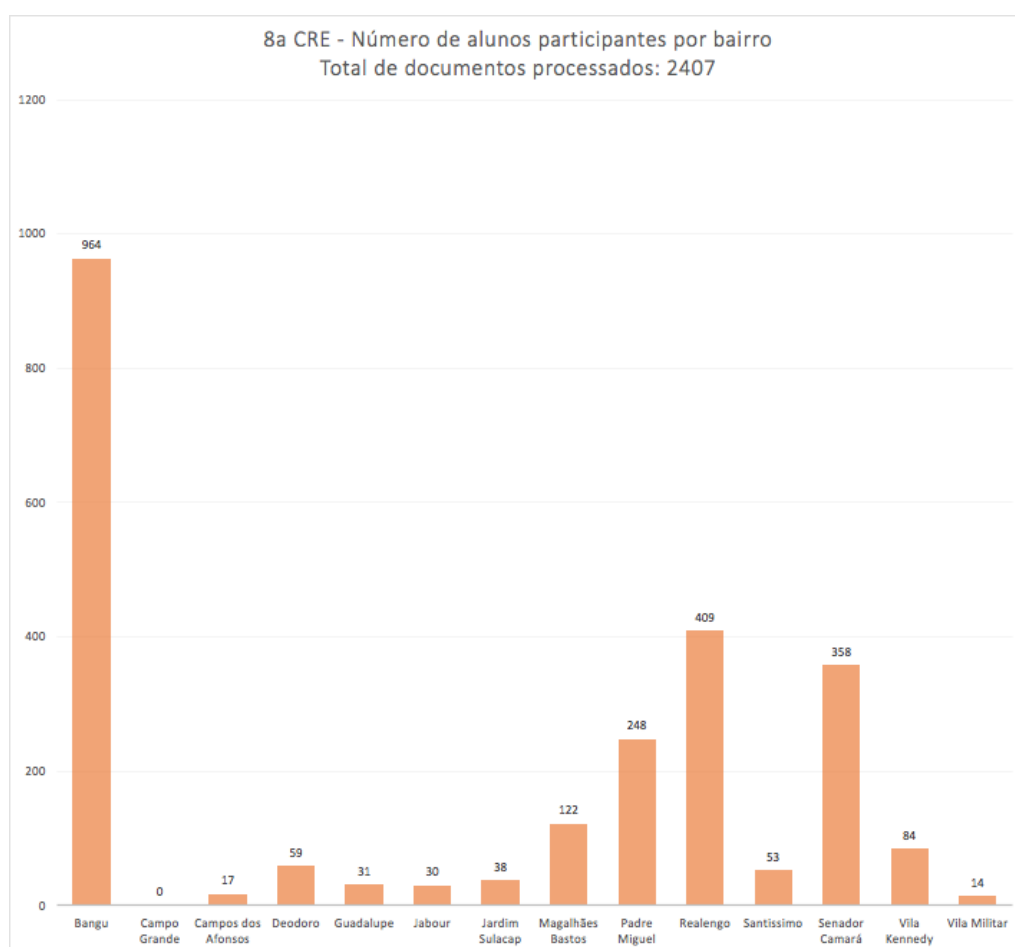


Gráfico 8.1. Número de estudantes participantes por bairro na 8ª CRE
 Fonte: realizada pelo autor, 2020

8.2. Resultados

A partir da análise dos documentos tabulados, e como mostra a figura 8.3, no percurso diário das crianças e jovens eles destacam as seguintes categorias:



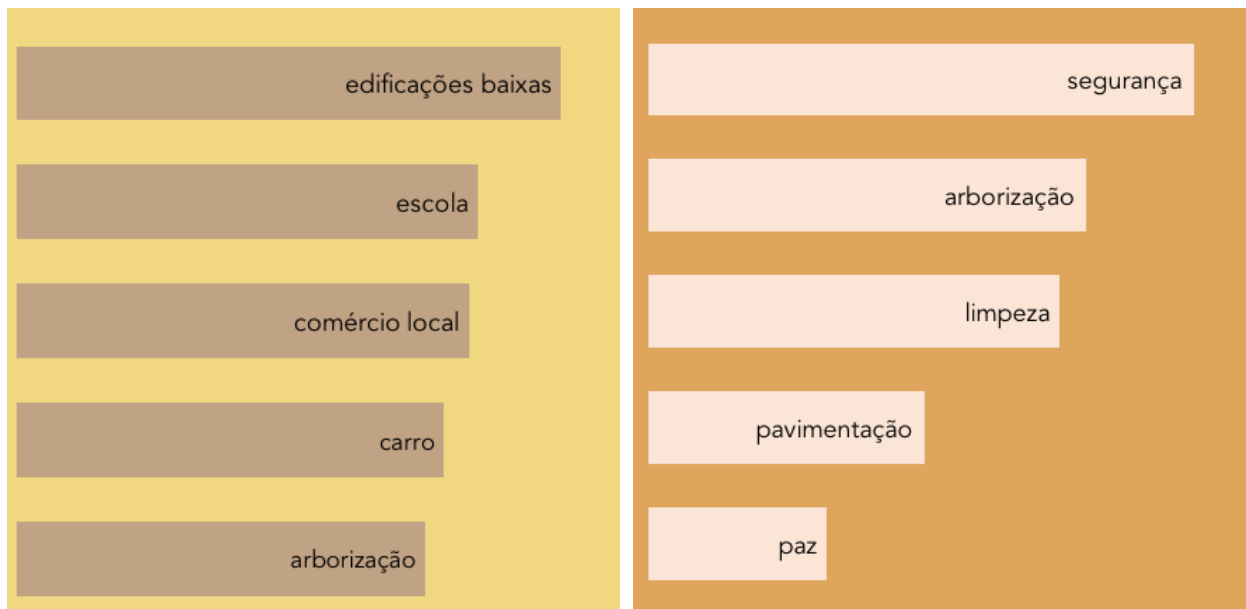
Figura 8.3. Gráfico radar com categorias de análise - 8ª CRE
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

Na **Percepção**, em **aspectos urbanísticos**, são identificadas as edificações baixas que conformam a paisagem, seguido por questões relacionadas à limpeza urbana (pouca frequência na coleta de lixo), à ordenação do espaço público e à sinalização nas ruas. Sobre **equipamentos**, a escola e os espaços religiosos são os mais citados. Já em comércio e serviço, os bares de rua são sinalizados como lugares que provocam desconforto, principalmente pelo assédio moral que sofrem os estudantes.

No tema de **mobilidade**, foi constatado o fluxo constante de carros e ônibus nas ruas. O trem e a linha férrea aparecem como marcos no território, vistos como barreiras e não como um meio de transporte que possibilita a locomoção interurbana. Atrelado a tal situação, encontramos a vontade de conhecer outros lugares no Rio de Janeiro, indicada nos relatos sobre os diversos shows de famosos acontecendo em distintos pontos da cidade - principalmente Centro e Zona Sul.

Aparecem também reclamações frequentes sobre o transporte público, pedindo por um aumento na frota e climatização de ônibus devido às altas temperaturas de Bangu. A **infraestrutura** localizada nessa região da cidade é relatada a partir da falta de manutenção da pavimentação e um déficit na quantidade e qualidade da arborização presente.

Uma particularidade foram os relatos relacionados com pedidos de melhoria no conforto afetivo e cognitivo, com narrativas sobre uma realidade atravessada por diversas violências e constante vontade de transformá-la positivamente (figura 8.5 e 8.6). Essas situações são acompanhadas por representações de aspectos sociais, econômicos e culturais, mostrando uma vitalidade urbana efervescente, na qual há uma constante procura de lugares mais receptivos e seguros nos quais eles se sintam em **paz** (figura 8.7 e 8.8).



LEGENDA: ■ Percepção ■ Desejo

Figura 8.4. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 8ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**
Eu gostaria de poder sair de casa sabendo que não vou ser roubada ou estuprada

Figura 8.5. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 8ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**
sem trânsito e sem matruza

Figura 8.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 8ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

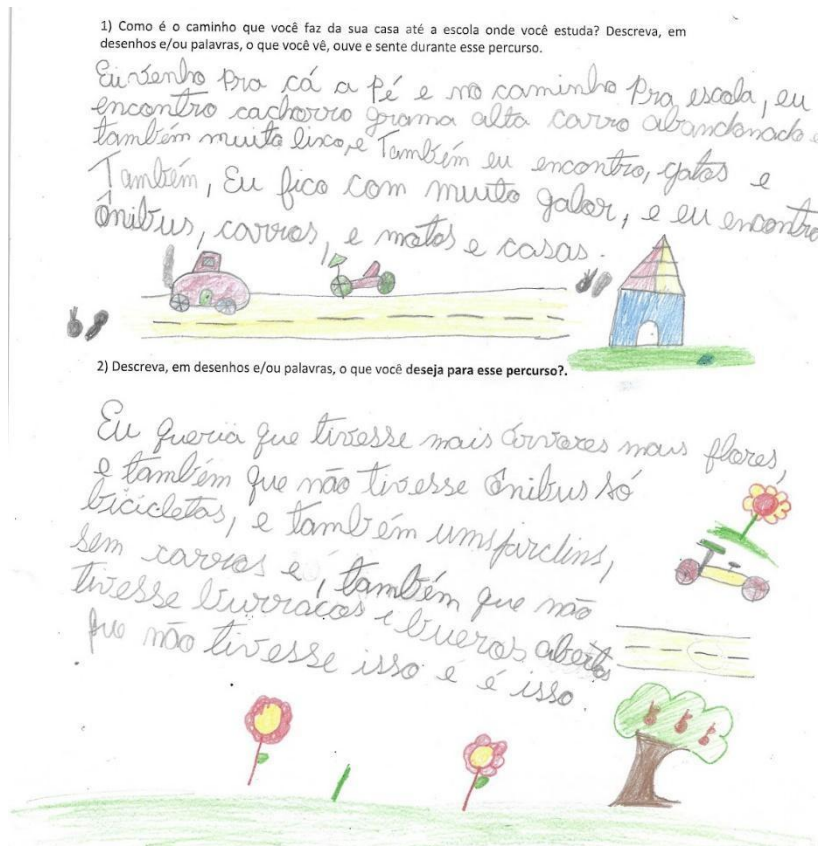


Figura 8.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 8ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

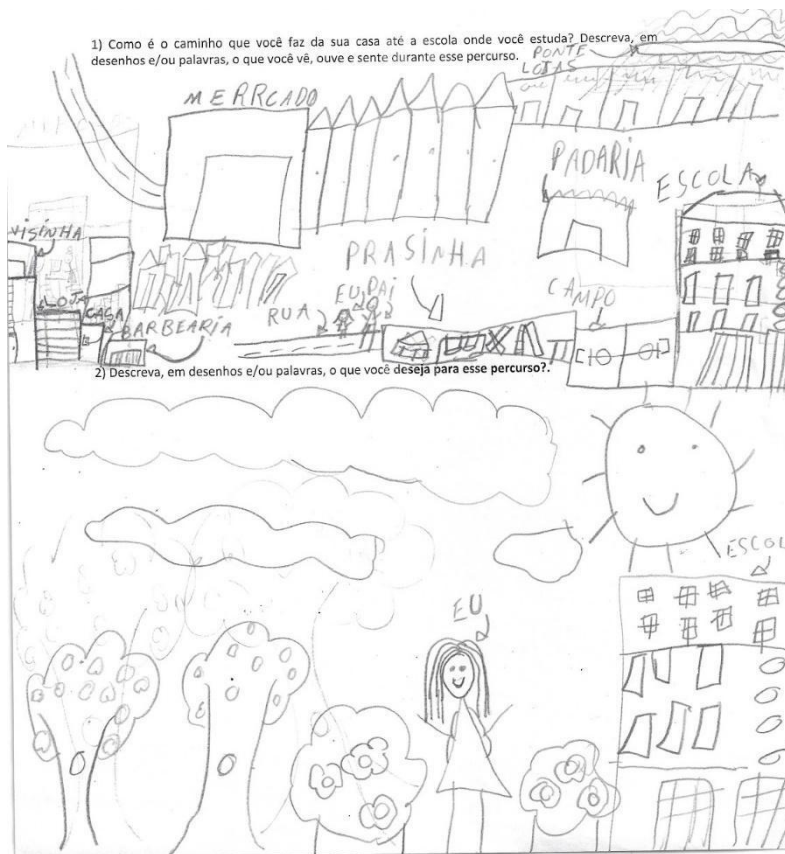


Figura 8.8. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 8ª CRE

8.3. Considerações

O Mapeamento Afetivo trouxe reivindicações por parte das crianças e jovens da 8ª CRE que trazem uma leitura do um território com expressivas problemáticas socioambientais. O contato diário com esses ambientes lhes fazem refletir sobre possíveis soluções para melhorá-los.

Como exemplo, trazemos a seguinte fala: *“Retirar os bandidos, retirar as favelas ou colocar os bandidos na escola para estudar”*, realizada por uma criança de 7 anos, a fala nos presenteia com intenções de buscar ações para diminuir os cenários de violência a través de medidas que contemplem a educação como medida inclusiva de ressocialização. Retomando a fala anterior, reiteramos a importância de evitar soluções higienistas que busquem retirar qualquer tipo de tecido urbano consolidado da cidade, por tal motivo o trecho *“retirar as favelas”* nos direciona a pensar em diretrizes que busquem fortalecer, em vez de retirar, a manutenção desses tecidos sociais como parte do território do Rio de Janeiro através da ampliação do efetivo acesso à serviços de infraestrutura e equipamento públicos.

Quando falamos de segurança, as crianças e jovens nos apresentam diversas camadas por eles percebidas. Desde marcas de violência claramente identificáveis, presença de grupos e ações delitivas até atmosferas de medo e insegurança constantes que se consolidam com casos de assédio e agressões vivenciadas ou observadas. As crianças, a partir de detalhadas cartografias, nos oferecem insumos inesperados e valiosos para poder planejar ações efetivas com enfoques reconstitutivos desses lugares. Tais cartografias, poderiam ser encaminhadas às instâncias governamentais responsáveis em prol de uma análise mais detalhada e com profissionais especialistas nos temas sinalizados pelos participantes do mapeamento.

A representação do trem, ramal Santa Cruz, está constituída por imagens que evocam barreiras intransponíveis aos olhos das crianças. A linha férrea, mais do que um elemento de comunicação, é percebida como uma interferência na paisagem. Uma promessa de se movimentar livremente pela cidade talvez cumprida apenas na idade adulta ou com a companhia de alguém maior. Eles querem *“viajar, conhecer o Rio”* e claro *“voltar pra casa são e salvo”*. Para tanto, se requerem soluções que abordem planos de mobilidade interurbana e intermodal desenhados para permitir o acesso, a locomoção e a segurança desses pequenos viajantes, sempre buscando a maior autonomia possível. Algumas respostas elaboradas por eles mesmos nos sugerem possíveis caminhos de resolução, como: melhoramento de travessias, aumento da sinalização na rua, adequação dos trens para seguindo uma ergonomia infantil e juvenil, programas de vale-transporte mais abrangentes, dentre outros.

A acumulação de lixo nas ruas, questão significativa presente no município inteiro, poderia ser abordada com a reestruturação e ampliação dos serviços de coleta seletiva, reutilização e reciclagem de resíduos. Em paralelo, se faz necessário uma adequação dos espaços livres para permitir a diversidade de uso. Projetos e orçamentos participativos, equipamentos e ações comunitárias, autogestão, em conjunto com outros recursos de micropolítica poderiam

fortalecer as relações interpessoais inestimáveis que as crianças e jovens tanto valoram na 8ª CRE.

9ª CRE

Coordenação de CRE: Elizabeth Lopes e Giselle Gerson.

Participantes: Juliana Borges, Luma Seabra, Mariana Farolfi, Rebeca Parreiras, Giulia de Oliveira, Andressa Dziekaniak, Luccas do Nascimento, Maria Clara Paulino e Elizabeth de Oliveira.

9.1. Contextualização

A 9ª CRE, localizada na zona oeste da cidade (figura 9.1) configura-se pelos bairros de: Guaratiba, Senador Vasconcelos, Paciência, Araújo de Cosmos, Nova Iguaçu, Cachamorra, Campo Grande, Conjunto Campinho, Inhoaíba, Cosmos e Santíssimo. Sendo o bairro de Campo Grande o que respondeu o maior número de formulários (gráfico 9.2).

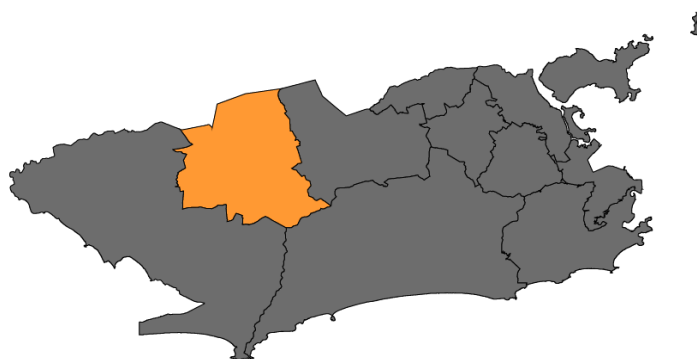
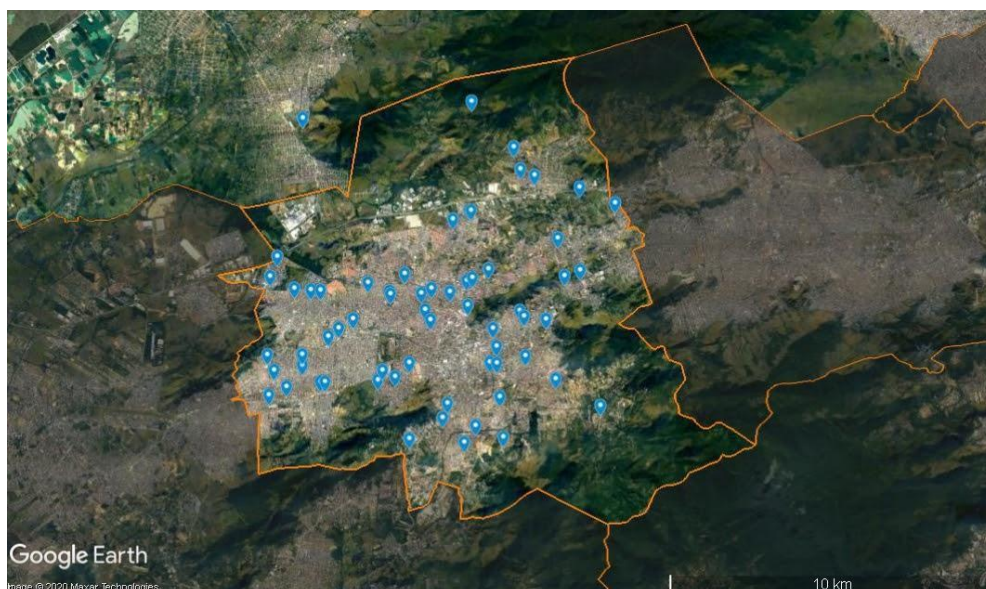




Figura 9.1. Localização da 9ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA:  Unidade escolar participante  Limite da CRE 09
Figura 9.2. Localização das UEs participantes na 9ª CRE

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	59	26	44%	0	0%	0
EM	94	51	54 %	48	94%	1156
CIEP	12	10	83 %	10	100%	246
9ªCRE	165	87	52 %	58	66%	1402

Figura 9.3. Tabela de participação e análise na 9ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

9.2. Resultados

A partir da análise dos documentos tabulados, que se reportam ao percurso diário das crianças e jovens e seus desejos, sobressaem-se as seguintes categorias, como mostra a figura 9.4:



Figura 9.4. Gráfico radar com categorias de análise - 9ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

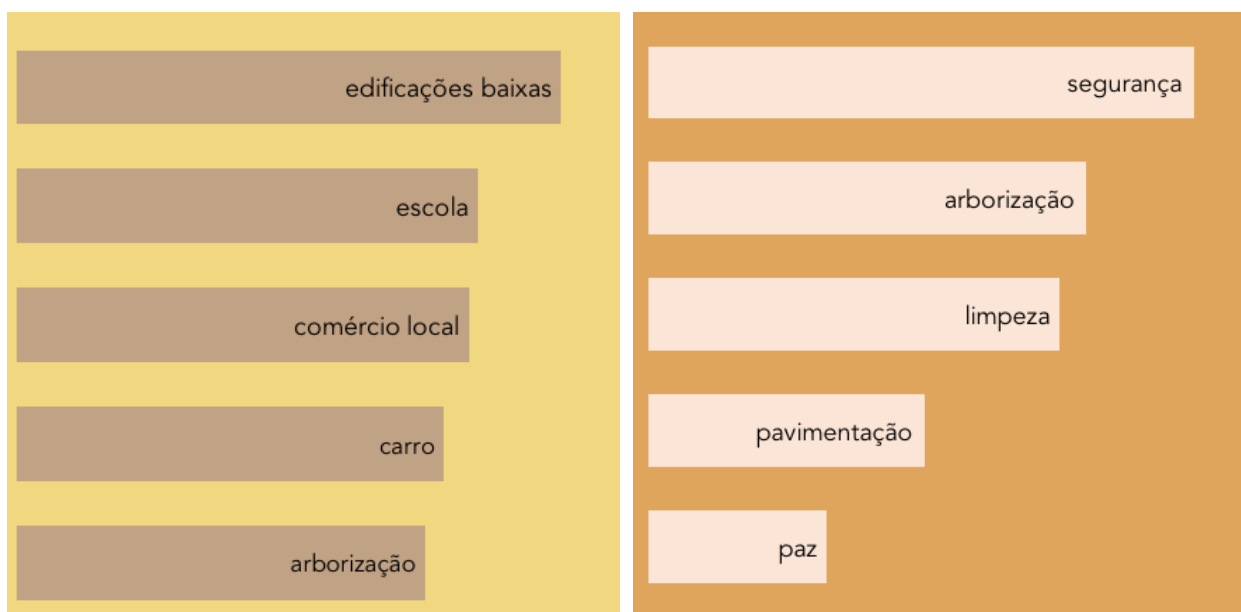
Na **Percepção**, o mais importante para os estudantes é a **infraestrutura**, dessa região da cidade. Ela é retratada a partir, principalmente, da falta de manutenção da pavimentação de ruas e calçadas e de um déficit de quantidade e qualidade da arborização presente.

Depois, com peso quase semelhantes, são os **aspectos urbanísticos** e os **espaços livres e áreas verdes**. Nos **aspectos urbanísticos** identificam-se edificações de baixa altura, que são responsáveis, praticamente, pela maior parte da paisagem, seguido por questões relacionadas à limpeza urbana –pouca frequência na coleta de lixo–, à ordenação do espaço público e à sinalização nas ruas. Quanto ao segundo, **espaços livres e áreas verdes**, existe uma grande carência de espaços públicos, como praças, parques, arborização etc.

Na **mobilidade**, a quarta categoria mais destacada, foi constatada a presença constante de ônibus nas ruas. O trem e sua linha férrea aparecem como marcos no território e são vistos como barreiras e não como um meio de transporte, que possibilita a locomoção interurbana com os bairros vizinhos e o centro da cidade. Atrelado à situação de **mobilidade**, encontramos a vontade de conhecer outros lugares no Rio de Janeiro, **Percepção** indicada nos relatos sobre os diversos shows de cantores famosos acontecendo em distintos pontos da cidade, principalmente no Centro e Zona Sul. Aparecem, também, reclamações frequentes sobre o transporte público, sobretudo o pedido por um aumento na frota de ônibus e sua climatização com ar condicionado, devido às altas temperaturas de Bangu e entorno.

A categoria de **equipamentos** tem como destaque a escola e os espaços religiosos, que são os mais citados e com uma visão positiva. Já quanto ao **comércio e serviços**, a visão é diferente, pois os bares de rua são sinalizados como lugares que provocam desconforto, principalmente, pelo assédio moral dos seus usuários para com os estudantes.

Há de se destacar uma particularidade, que foram os relatos relacionados à busca e pedido de uma melhoria no **conforto afetivo e cognitivo**, com narrativas sobre uma realidade atravessada por diversos tipos de violência e por uma constante vontade de transformá-la positivamente (figura 9.5 e 9.6). Essa aspiração é acompanhada por representações dos **aspectos sociais, econômicos e culturais**, que mostram uma vitalidade urbana efervescente, na qual há uma constante procura de lugares mais receptivos e seguros, nos quais eles se sentem em paz (figura 9.7 e 9.8).



LEGENDA: ■ Percepção ■ Desejo

Figura 9.5. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 9ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**.

Eu gostaria de poder sair de casa sabendo que não vou ser roubada ou estuprada.

Figura 9.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 9ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

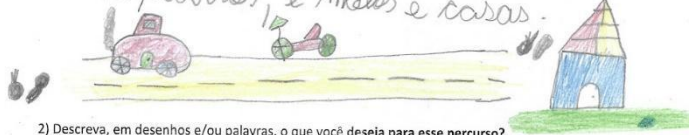
2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**.

sem tickets e sem matémora

Figura 9.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 9ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

Eu venho pra cá a pé e no caminho pra escola, eu encontro cachorro grande alta corvo abandonado, também muita lixo, e também eu encontro, gatos e Também, eu fico com muito galho, e eu encontro ônibus, carros, e motos e casas.



2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**.

Eu queria que tivesse mais árvores mais flores, e também que não tivesse ônibus, bicicletas, e também uns furclins, sem carros e, também que não tivesse lixeiras e lixeiras abertas que não tivesse isso e é isso.



Figura 9.8. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 9ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020



Figura 9.9. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 9ª CRE
Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

9.3. Considerações

Essa pesquisa foi respondida, em sua maioria, por estudantes das escolas do bairro de Campo Grande. Muitas dessas escolas possuem uma área verde generosa, que não acontece em todas as escolas. Sugerimos que essas escolas compartilhem com as escolas que não a tem.

Campo Grande é um bairro com um comércio bem desenvolvido e forte e com grandes e importantes estabelecimentos comerciais –shopping-centers, supermercados, lojas de redes e franquias etc.–, que poderiam ser atores para a melhoria dos espaços públicos, como, por exemplo, a colocação de equipamentos urbanos e benfeitoria de praças. Essa participação poderia ser em conjunto com outras instituições, como SESC e SENAC e universidades.

10ª CRE

Coordenação de CRE: Elizabeth Lopes.

Participantes: Andressa Dziekaniak, Giulia de Oliveira, Mariana Farolfi e Rebeca Parreiras.

10.1. Contextualização

A 10ª CRE, localizada na zona oeste da cidade (figura 10.1) configura-se pelos bairros de: Barra de Guaratiba, Campo Grande, Cosmos, Guaratiba, Jardim Maravilha, Paciência, Palmares, Pedra de Guaratiba, Santa Cruz e Sepetiba. Santa Cruz foi o bairro com o maior número de formulários respondidos.

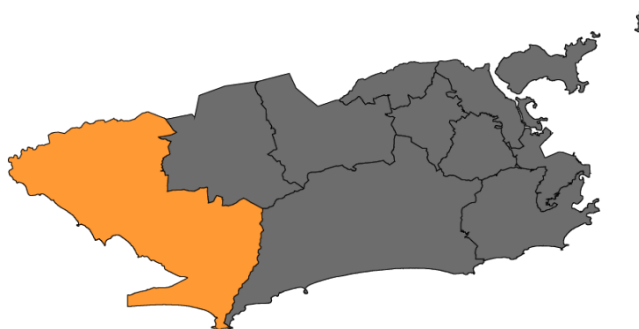


Figura 10.1. Localização da 10ª CRE no Município do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020



LEGENDA: Unidade escolar participante Limite da CRE 10

Figura 10.2. Localização das UEs participantes na 10ª CRE

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/CRECHE	75	13	17%	0	0%	0
EM	109	20	18%	14	70%	288
CIEP	13	1	7%	1	100%	5
10ª CRE	197	34	17%	15	44%	293

Figura 10.3. Tabela de participação e análise na 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

10.2. Resultados

A partir da análise dos documentos tabulados, que se referem ao percurso diário das crianças e jovens e seus desejos, destacam-se as seguintes categorias, como mostra a figura 10.4:

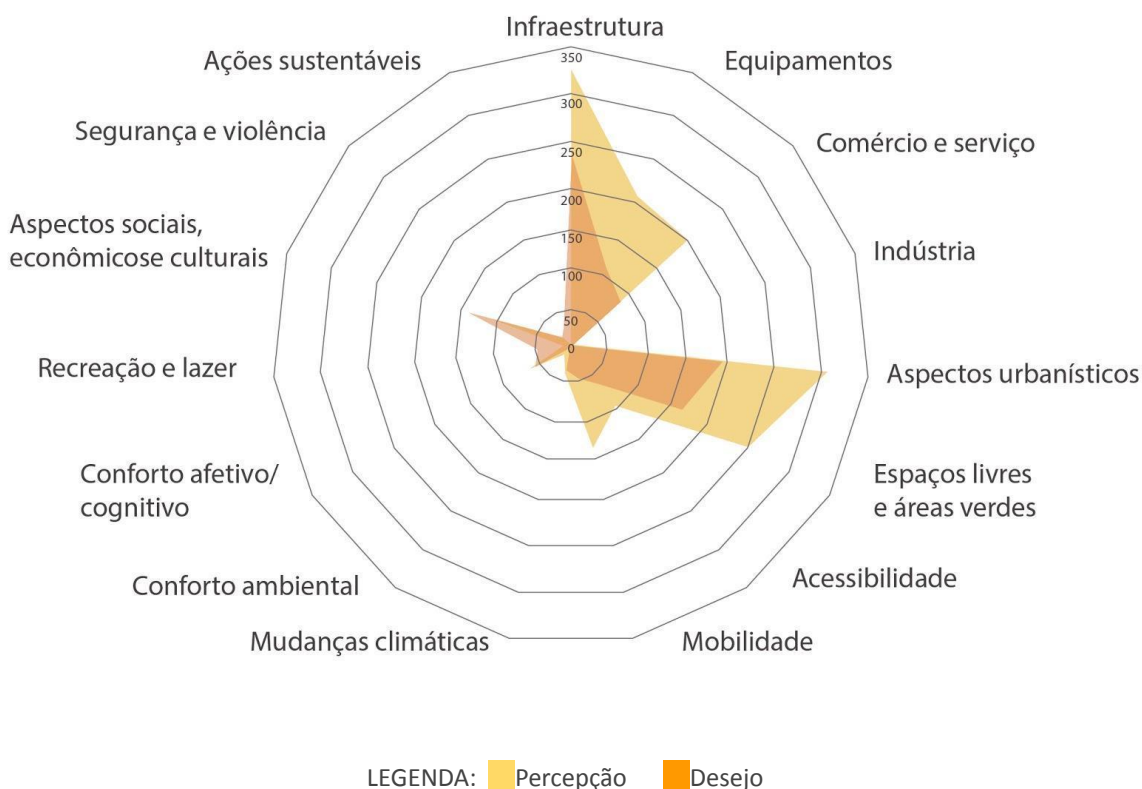


Figura 10.4. Gráfico radar com categorias de análise da 10ª CRE
 Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020

Na **Percepção**, em **infraestrutura** foi constatado em desenhos e textos, a precariedade de suas redes, como, por exemplo, vias esburacadas, depósitos indevidos de lixo e ausência de arborização. Quanto aos **aspectos urbanísticos e ordenação urbana**, são citados a falta de sinalização, iluminação e limpeza e os desenhos dos estudantes mostram as construções de pouca altura de uso residencial unifamiliar. Os **espaços livres e áreas verdes** têm como destaque a escassez de espaços livres para recreação e os campos de futebol são representados, principalmente, quando as escolas os possuem. É importante destacar que as

mudanças climáticas também são apontadas, principalmente em relação aos problemas ambientais, tais como: queimadas, desmatamentos e poluição de rios e valas. O **comércio e serviços** são também citados, principalmente o Shopping-Center.

Quanto aos **Desejos**, a **infraestrutura**, os **aspectos urbanísticos e ordenação urbana** e os **espaços livres e áreas verdes** são os mais destacados pelos estudantes. No primeiro são citados a necessidade de pavimentação de ruas e calçadas e o conserto de buracos. Além disso, referem-se à melhoria das pontes e passarelas e a criação de arborização. No segundo, o aspecto relativo ao lixo –maior limpeza dos espaços públicos, colocação de lixeiras e caçamba de lixo e coleta– tem grande importância. A falta de sinalização também é destacada. Quanto aos **espaços livres e áreas verdes**, há o desejo de que aqueles públicos sejam voltados para o lazer e a socialização. Nesse desejo os parques devem ter arborização, praças com mobiliário urbano e campos de futebol. Sobre a temática dos **aspectos sociais, econômicos e culturais**, sobressai-se o pedido de uma maior educação no trânsito.

Esta CRE é muito extensa e seus bairros possuem, cada um, um centro com áreas desiguais de ocupação. Existem vias importantes –a Av. Brasil e a linha de trem são um dos exemplos – que segmentam essas partes distintas dos bairros. As escolas desse mapeamento estão localizadas tanto nas regiões centrais dos bairros quanto naquelas afastadas dos centros. Estas têm mais carência de equipamentos urbanos e das atividades típicas dos centros. Essa dualidade aparece nas **Percepções** e nos **Desejos** igualmente nas categorias, entretanto com algumas particularidades, que têm relação com a localização das escolas nas regiões citadas anteriormente. Os estudantes das escolas em torno do centro têm como desejo a melhoria da infraestrutura, o fechamento de buracos das vias e calçadas, mais sinalização e faixas de pedestre (figura 10.7 e 10.8) e mais áreas verdes. Aqueles das escolas afastadas do centro têm o mesmo desejo de melhoria de infraestrutura, mas com a diferença de desejarem mais urbanidade: calçadas, coleta de lixo, equipamentos para as áreas verdes e comércio mais intenso.

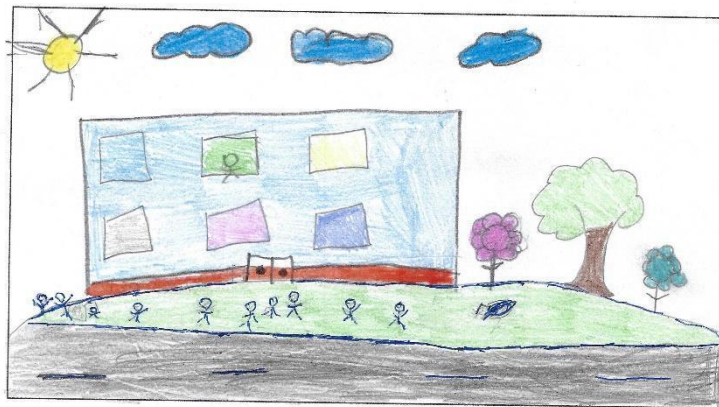
O ônibus escolar da prefeitura é retratado tanto em textos quanto em desenhos. Aparece de forma muito positiva (figura 10.9) para aqueles que moram junto aos centros e como um grande desejo para aqueles que moram longe do centro.

A escola é sempre representada como um lugar afetivo para os estudantes e sempre que ela possui um campo de futebol, a grande maioria deles o representa. Também observamos que muitos estudantes desejam melhorias nas escolas, mesmo aqueles que moram em áreas que têm a **Percepção** de carência. Compreende-se que as escolas são importantes e referenciais em suas vidas (figura 10.6).



LEGENDA: ■ Percepção ■ Desejo

Figura 10.5. Gráfico de barras com as subcategorias com maior incidência na 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020



*Eu quero essa escola assim muito linda todos os dias
 brincando*

Figura 10.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

DEFEITOS DA RUA

RAMPAS QUEBRADAS

RUA SUJA

CARROS EM CIMA DA CALÇADA

LIXOS NOS PORTÕES E NAS ÁRVORES DE CIMA DA CALÇADA

Figura 10.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

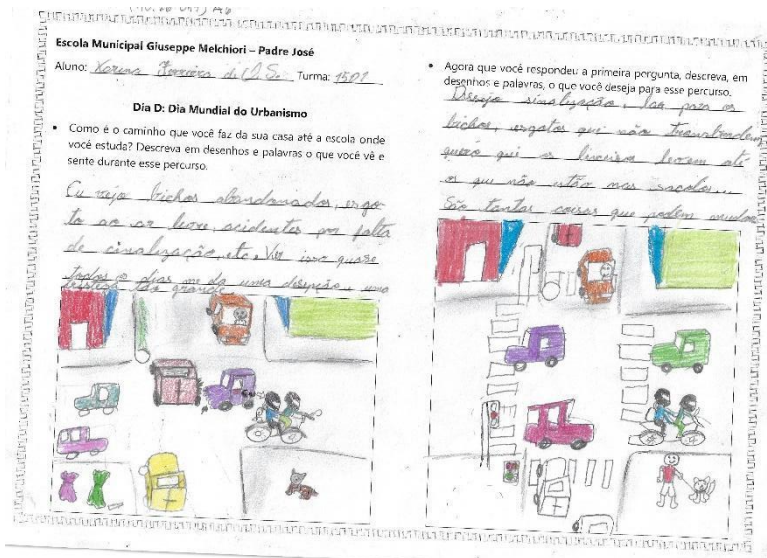


Figura 10.8. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

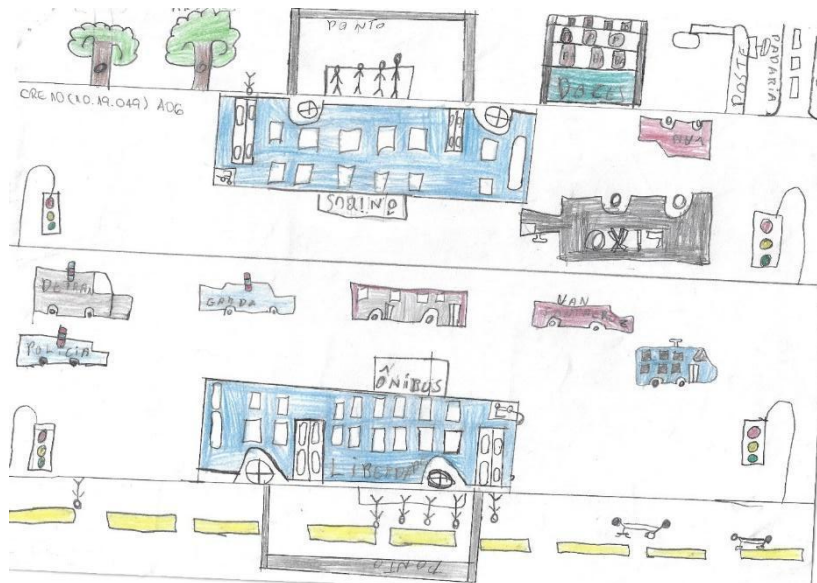


Figura 10.9. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 10ª CRE
 Fonte: GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo do Município do Rio de Janeiro, 2020

10.3. Considerações

Nos gráficos de categoria e subcategorias o desejo por infraestrutura, ordenação urbana, espaços livres e áreas verdes e mobilidade urbana são destacados. Sugerimos que, para atender a essa demanda, fosse realizado um trabalho coletivo entre comunidades, indústrias e poder público de maneira a oferecer lixeiras e manter um sistema de coleta de lixo distribuído por toda a região. Esse trabalho coletivo deveria se ocupar, na verdade, também de toda a ordenação urbana –caracterização de ruas, arborização, pavimentação etc. Quanto à organização urbana, sugerimos, também, que seja criado um canal de comunicação para registrar as necessidades e quantificar as solicitações de melhoria dos usuários.

Existe nessa CRE, 197 unidades escolares distribuídas no território, que são referências importantes nos lugares onde se situam para os estudantes. Por isso o cuidado com a escola –fachada, terreno, espaços cobertos, entorno etc. – deveria ser coletivo, de toda a sociedade, com programas semelhantes ao ‘adote uma escola’ e seus espaços livres, por exemplo, cuidados pelos pais dos estudantes.

A criação e manutenção dos espaços livres públicos poderiam ser financiados pelas indústrias e pelo comércio dos bairros com a ajuda dos moradores. Estes poderiam, além de ajudar no cuidado dos espaços, adotar árvores.

11a CRE

Coordenação de CRE: Giselle Gerson

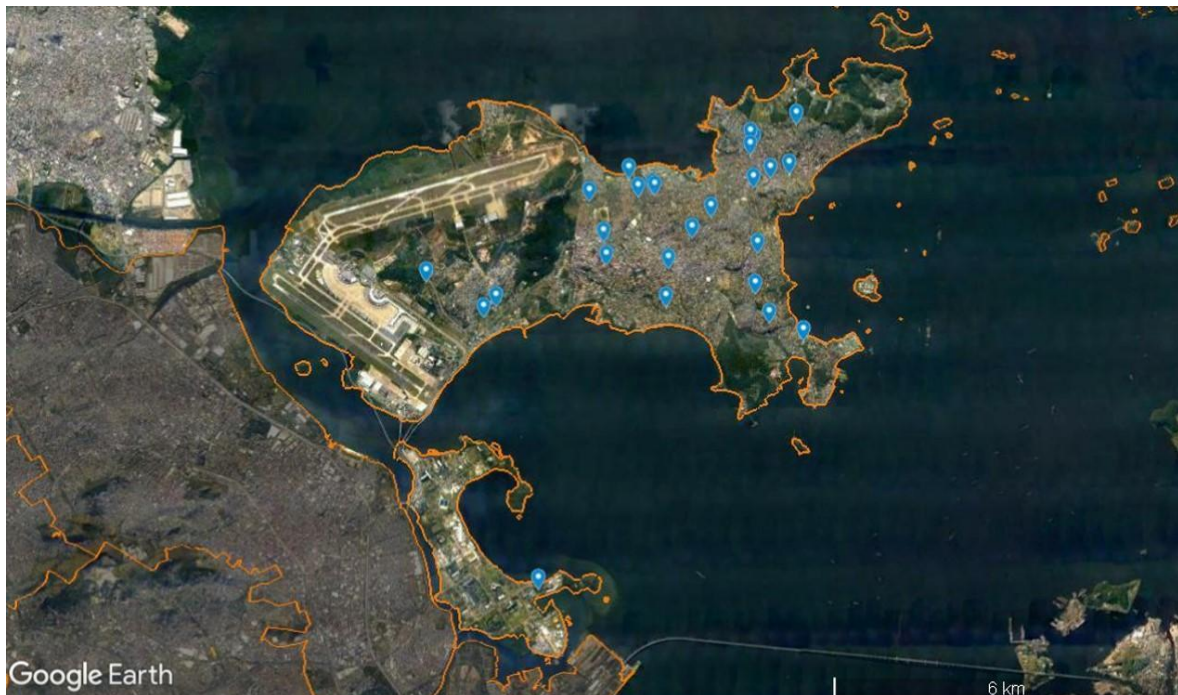
Participantes: Luma Seabra, Ingrid Siqueira, Emanuel Ribeiro e Maria Cavaliere.

11.1. Contextualização

A 11ª. Coordenadoria Regional de Educação – CRE, localizada na Zona Norte da cidade (Fig. 11.1) é composta pelos bairros da Ilha do Governador (Galeão, Portuguesa, Moneró, Jardim Guanabara, Jardim Carioca, Tauá, Freguesia, Cocotá, Pitangueiras, Praia da Bandeira, Cacua, Zumbi, Ribeira, Bancários) e a Ilha do Fundão. Destes, houve escolas respondentes em cerca de 90% do território (Fig. 11.2).



Figura 11.1. Localização da 11ª CRE na zona norte do município do Rio de Janeiro.
Fonte: GAE-SEL, DataRio, GoogleEarthPro, 2020.





LEGENDA:  Unidade escolar participante  Limite da CRE

Figura11.2. Localização UEs participantes na 11ª CRE.

Fonte: GAE-SEL, DataRio, GoogleEarthPro, 2020

A seguir, a tabela 11.1 apresenta o perfil das escolas participantes³, tendo atingido 69,7% da sua rede escolar. Destes, 26 escolas foram tabuladas com um total de 472 documentos.

UNIDADES ESCOLARES (UE)	UE TOTAL	UE PARTICIPANTES	PORCENTAGEM PARTICIPAÇÃO	TOTAL UE TABULADAS	PORCENTAGEM TABULADOS	TOTAL DOCUMENTOS TABULADOS
EDI/ CRECHE	10	05	50%	2	20%	14
E.M	33	25	75,7%	24	72,7%	458
EJA	Sem dados	00	0%	00	0%	00
11ª CRE	43	30	69,7%	26	60,5%	472

Tabela 11.1. Participação e análise na 11ª CRE.

Fonte: GAE/SEL-RJ, DataRio, GoogleEarthPro, 2020.

11.2. Resultados

Na análise dos documentos tabulados foram apontadas algumas categorias mais recorrentes nos relatos dos estudantes, como mostrado no gráfico de radar a seguir (Figura 11.3):

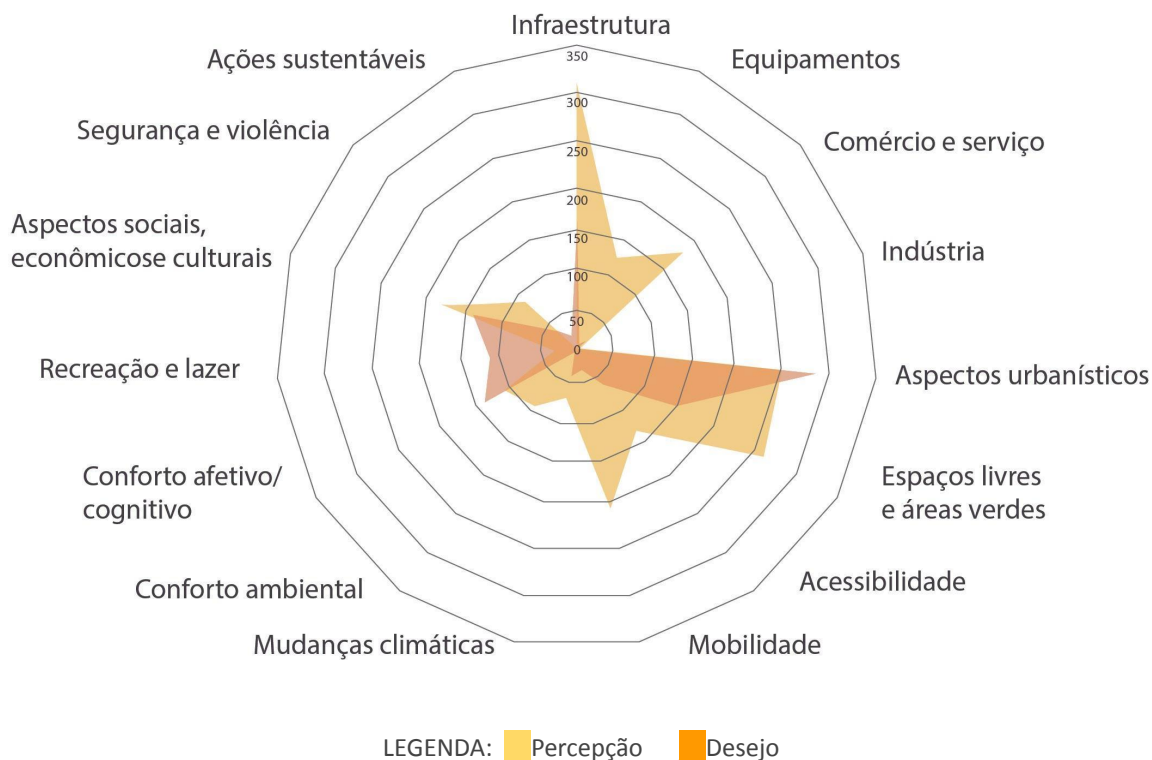
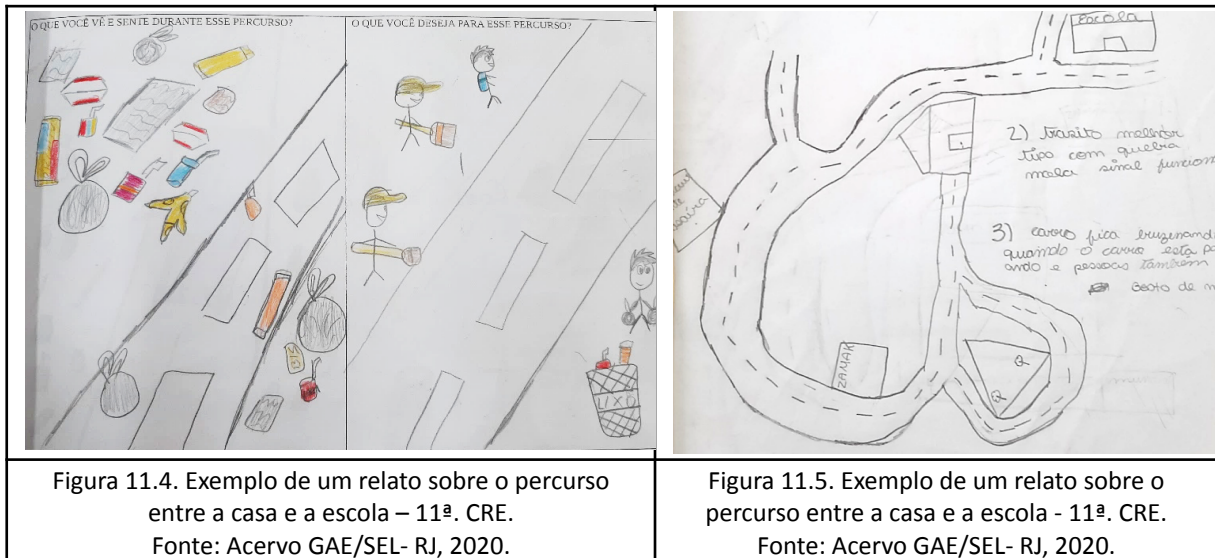


Figura 11.3. Gráfico radar com categorias de análise - 11a CRE.

Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2020.

³ Das escolas que participaram, mas não tiveram seus dados tabulados, houve recorrências de: fugas ao tema ou ilegibilidade de dados fornecidos.

Observou-se quanto aos problemas, que se destacam principalmente reclamações sobre a **infraestrutura**, em relação a má qualidade da pavimentação, presença de lixo nos caminhos e esgotamento precário (Fig. 11.4). Em seguida, foram mencionados **os aspectos urbanísticos**, no que se refere à escassa sinalização viária (ausência de semáforos, placas e faixas de pedestres ao redor das escolas), dificultando a travessia nas ruas mais sinuosas ou nas mais movimentadas (Fig. 11.5) e a má ordenação dos espaços públicos, através de carros estacionados nas calçadas.



Importante ressaltar que a 11ª. CRE possui potencial paisagístico decorrente de sua extensão territorial cercada pela Baía da Guanabara, com paisagens emolduradas por orlas marítimas e morros com extensas áreas vegetadas. Assim, um ponto de destaque nos relatos sobre os **espaços livres** se refere aos registros de ambientes contemplativos a caminho das escolas próximas às praias da região, o que confere um potencial de atratividade à caminhabilidade (Fig. 11.6). Essa é uma característica não tão observada nas demais CREs e merece atenção na leitura dos territórios educativos dessa região.

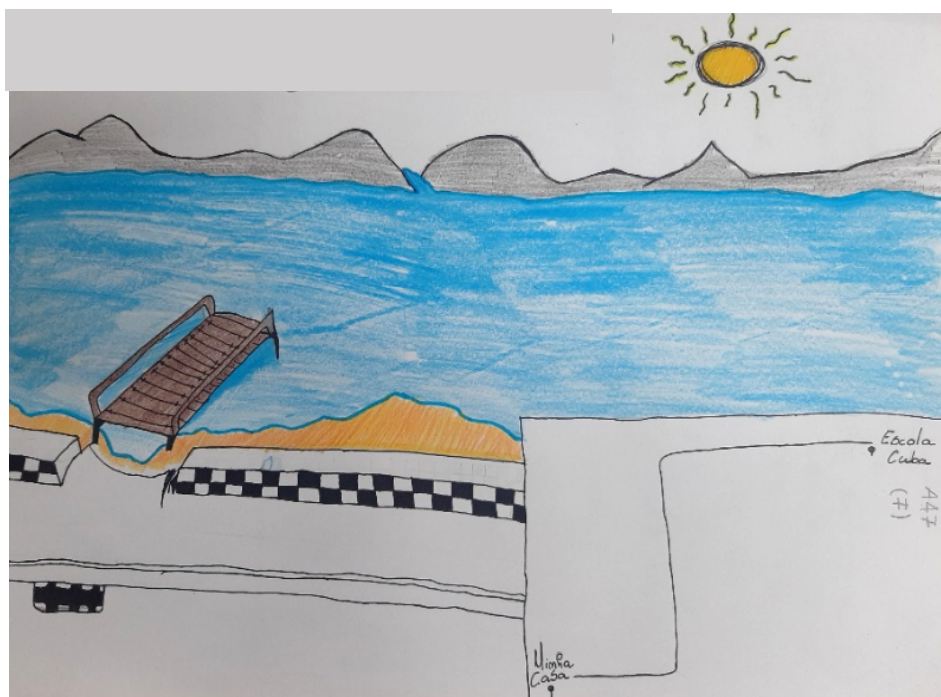


Figura 11.6. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 11ª. CRE.

Fonte: Acervo GAE/SEL- RJ, 2020.

Sobre o aspecto de **segurança**, apesar dos relatos das crianças não demonstrarem presença de criminalidade no território como um todo, observou-se que ao redor de algumas escolas há uma forte incidência da presença de traficantes (Figs. 11.7 e 11.8), principalmente as que possuem vizinhança em estado de vulnerabilidade socioeconômica (Vila Joaniza, Favela do Guarabu, Favela do Dendê etc.).



Figura 11.7. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 11ª. CRE.
Fonte: Acervo GAE/SEL- RJ, 2020.



Figura 11.8. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 11ª. CRE.
Fonte: Acervo GAE/SEL- RJ, 2020.

Observa-se ainda quanto aos **aspectos sociais, econômicos e culturais** que as crianças acreditam na reabilitação e ressocialização das pessoas envolvidas em crimes e nas que estão em situação de rua, sugerindo o aumento da quantidade de empregos, escolarização e implantação de equipamento socioculturais, como as bibliotecas.

Embora também seja um problema pontual em alguns relatos dos estudantes, o **conflito social** nas ruas precisa ser tomado como uma questão grave, pois a incidência de assédio sexual, *bullying* e racismo são expostos como uma ameaça, tornando o caminho escolar um momento de terror psicológico às crianças. Esse problema apareceu com maior incidência nas áreas que concentram várias escolas, como no bairro Bancários.

Alguns **problemas ambientais**, como a poluição hídrica e do ar, também são mencionados no caminho dos estudantes (Fig.11.9), apontando a possibilidade de um esforço de conscientização e educação ambiental na rede escolar.



Figura 11.9. Exemplo de um relato sobre o percurso entre a casa e a escola - 11ª. CRE.
Fonte: Acervo GAE/SEL- RJ, 2020.

Ao observarmos o gráfico das subcategorias mais mencionadas (Fig. 11.10) na percepção, validamos a presença do lixo como um dos elementos mais negativos e de destaque na paisagem.

Cabe destacar ainda que dentre os principais relatos e desenhos das crianças, aparecem alguns elementos estruturantes da região que chamam a atenção, como a Ponte Rio-Niterói e o Aeroporto Internacional Galeão, que pelo barulho emitido, desperta o imaginário infantil sobre “lançamento de foguetes”.

Quanto aos desejos, ao observarmos o gráfico das subcategorias mais mencionadas (Fig. 11.11), destacam-se as necessidades de: limpeza urbana, arborização, destinação de mais espaços livres públicos para recreação infantil (como os parquinhos), sinalização viária e o divertimento em geral.

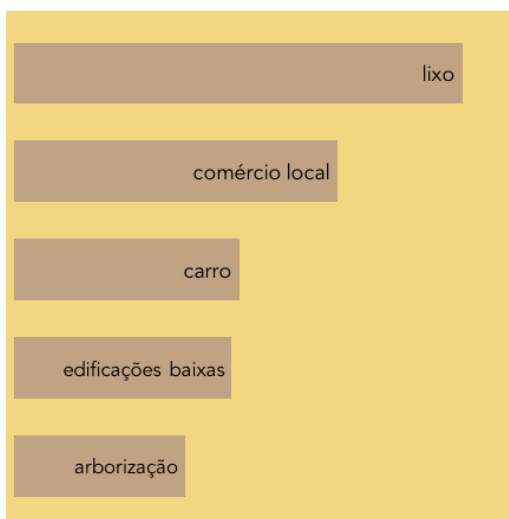


Figura 11.10. Gráfico sobre as Percepções por subcategorias 11a CRE.
Fonte: GAE/SEL-RJ, 2020.



Figura 11.11. Gráfico sobre os Desejos por subcategorias 11a CRE.
Fonte: GAE/SEL-RJ, 2020.

11.3. Considerações

A Ilha do Governador segue o modelo de segregação socioespacial da cidade do Rio de Janeiro, pois existem bairros nobres como o Jardim Guanabara e comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica como o Complexo do Dendê. Isso faz com que existam cenários bem distintos marcados por problemas de ordem básica, como a precariedade na infraestrutura. E outros ambientes, marcados por relatos de diversão, contemplação e boa interação social. Assim, acredita-se que seja preciso traçar estratégias de modo coletivo com a comunidade escolar, priorizando políticas públicas nas áreas mais frágeis, a fim de reduzir as desigualdades sociais.

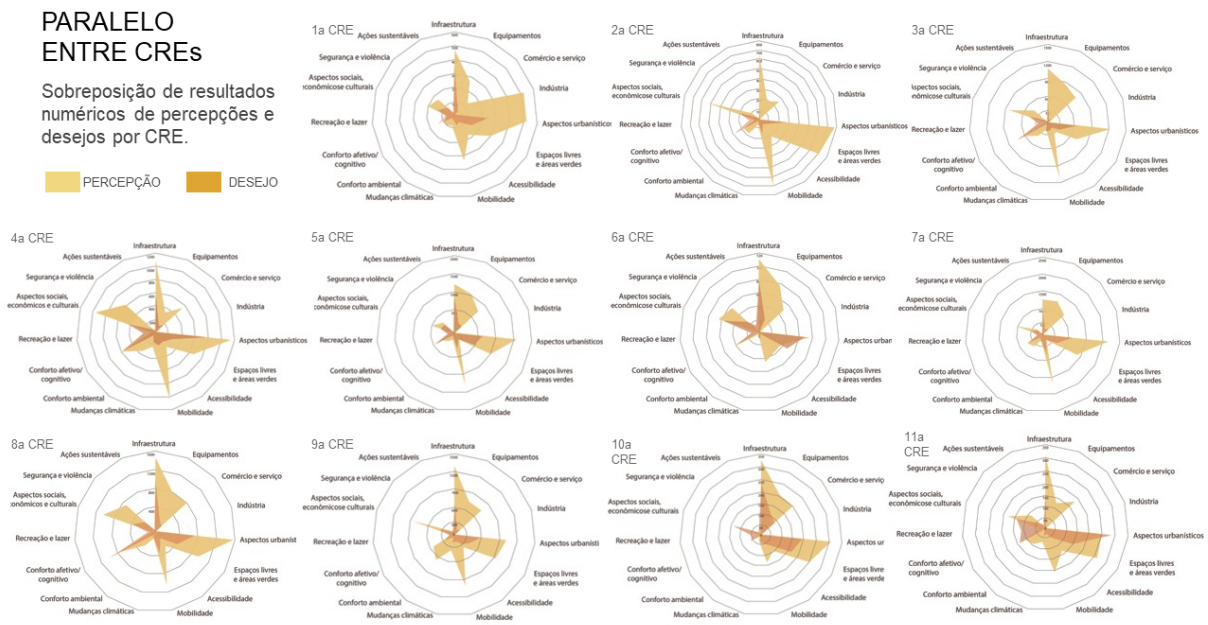
Observou-se a presença de espaços livres de potencial paisagístico e ambiental sob domínio privado. Assim, sugere-se que nas escolas próximas a esses, possam existir parcerias com a vizinhança (ex.: clubes esportivos e instituições educacionais particulares) e incorporá-los às atividades pedagógicas do extramuro escolar, ampliando as oportunidades educativas.

A relação de identificação com os ambientes das praias é algo marcante nos relatos das crianças, seja como local de recreação, socialização ou parte da paisagem em seus deslocamentos diários. Por conta disso, torna-se interessante o aumento de atividades pedagógicas nesses, como atividades físicas e eventos. Outra estratégia necessária é a conscientização ambiental da população, com ações de educação ambiental que envolvam diálogos mais próximos entre escola e sociedade, visando um plano participativo de reabilitação ambiental para a Baía.

Além das melhorias por infraestrutura, sinalização e ordenação do espaço público comentadas pelos estudantes, ressaltamos que a carência por equipamentos socioculturais na região também foi mencionada e é preciso ampliar a sua quantidade, melhorar o acesso ao uso dos existentes.

5. SÍNTESES GERAIS

Após a análise individual por cada CRE, realizamos um paralelo entre a totalidade das respostas tabuladas durante o mapeamento através da utilização do gráfico de radar que possibilita uma leitura simultânea da incidência numérica por categorias de análise, conforme Figura 4.



Gráficos de radar: Apresentação do paralelo das CREs participantes. Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

Figura 4. Gráficos de radar: Apresentação do paralelo das CREs participantes.

Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

Vários assuntos em comum foram previamente apresentados: investimento em infraestrutura, qualificação do habitat urbano, demanda por espaços livres públicos, solicitação de ações efetivas de coleta de resíduos, acesso à transporte público de qualidade, entre outros.

Somado às análises anteriormente apresentadas, há nesse conjunto de gráficos os instrumentos de análise que vão possibilitar o aprofundamento dos dados e estender a visibilidade e legitimidade da cidadania desses jovens sujeitos, habitantes do Rio de Janeiro.

A seguir na Figura 5 apresentamos o mesmo gráfico de Radar dimensionado aos resultados das onze CREs participantes. Como processo anterior à espacialização dos dados sobre o mapa da cidade, vale a pena sublinhar que nenhum gráfico de Radar individual é igual ao outro e a soma das partes, aqui apresentado, também é diferente das partes individuais.

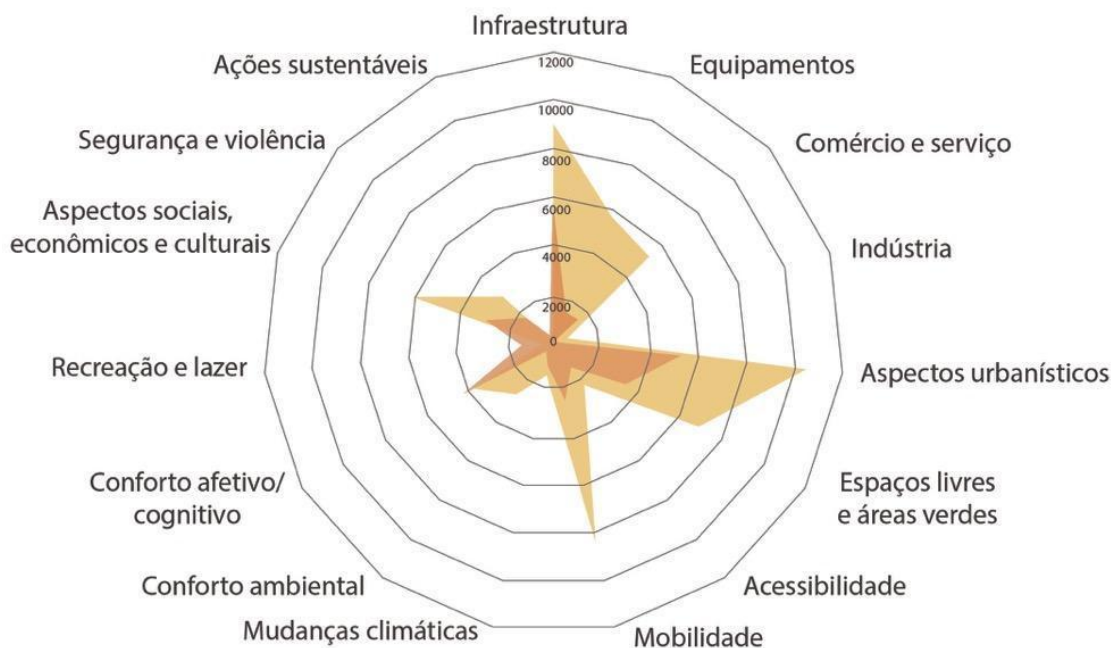


Figura 5. Gráficos de radar sobre Percepções e Desejos da totalidade de CREs participantes
 Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

O que queremos dizer com isso? Importante entender os dados tabulados em relação absoluta, entretanto é necessário manter sempre uma análise crítica multiescalar, passando pelo formulário individual, por escola, por bairro, por CRE e por município. Visamos com isso visando possibilitar o entendimento das vozes de crianças e jovens como agentes co-construtores nas diversas ações e políticas que produzem cidade, exercendo e exigindo o direito a uma infância de qualidade.

Também é importante relatar a forma como os próprios relatos impactaram nas pesquisas e nos pesquisadores. Todos eles foram tabulados, mas também foram modificando as formas como a equipe enxergava os territórios e as leituras dos formulários. Muitos relatos sobre ações violentas que impactaram as nossas leituras incluem:

- a violência clássica que é realizada tanto verbalmente (que se traduzia em gritos e bullying dentro das escolas e nos percursos) quanto fisicamente (das ações policiais e de poder paralelo) e das denúncias sobre assédio moral e sexual;
- a violência ambiental, onde o lixo é jogado na rua e a poluição dos rios é apontada também;
- a violência urbanística com a massiva presença de carros nas ruas (e seus barulhos e inseguranças na visão dos jovens e crianças) e da falta de sinalização e preferência dos próprios pedestres.

Além dos relatos impactantes, percebemos também uma motivação por parte dessa população de crianças e jovens de falar sobre as mudanças e das possibilidades de transformar suas próprias realidades. O gráfico da Figura 6 apresenta 25 subcategorias mais incidentes, indicando uma correlação direta com os Desejos, onde os mais relatados foram as

questões relativas à limpeza urbana, arborização, dos aspectos de segurança, pavimentação, relações interpessoais.



Figura 6. Gráfico sobre subcategorias mais incidentes
 Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

A seguir na Figura 7, apresentaremos exemplos da espacialização das subcategorias mais recorrentes relacionadas aos Desejos dos estudantes, para compreender as diferenças territoriais existentes. Os mapas de temas diferentes comparados nos ajudam a compreender essa diferenciação.

DESEJOS - ESPACIALIZADOS

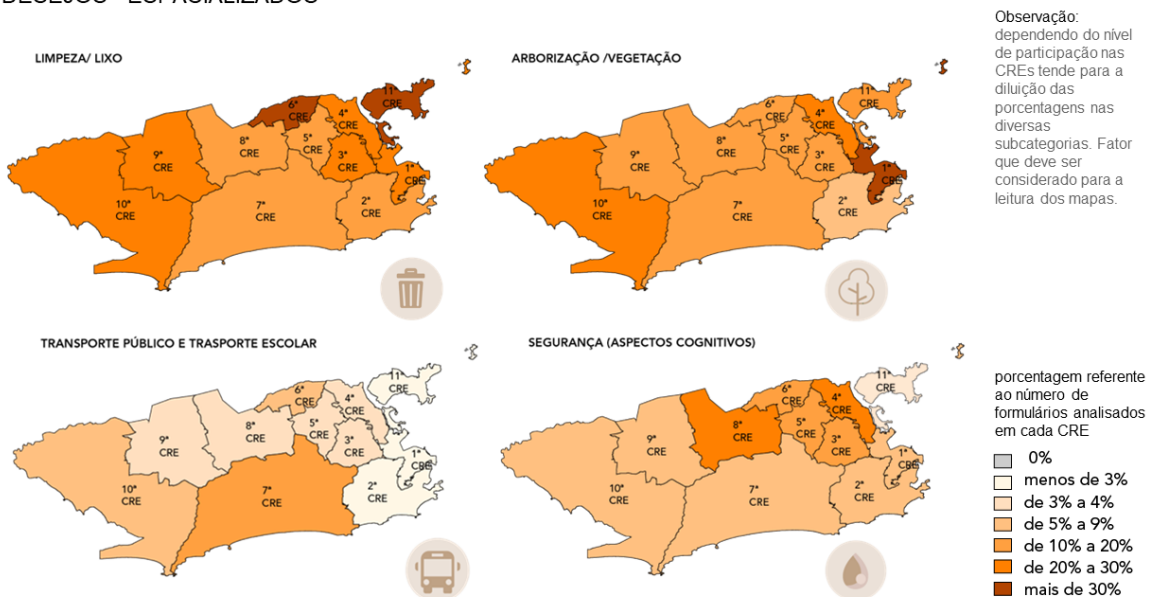


Figura 7. Espacialização dos Desejos mais incidentes
 Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

Os temas Arborização, Limpeza, Segurança e Mobilidade estão dentre as subcategorias que tiveram maior incidência no Rio de Janeiro.

Arborização e Limpeza estão entre as cinco subcategorias mais citadas em todas as CREs. O desejo pela melhoria dos serviços de coleta de lixo nos diferentes territórios, como também o reconhecimento da falta de educação das pessoas ao jogar lixo nas ruas, confirmam a consciência crítica dos estudantes em relação aos problemas da cidade.

No desejo por Segurança os estudantes apontam algumas soluções, como, por exemplo, a ressocialização, ou através de ações que contemplem a educação cívica e a qualificação da educação como solução para uma realidade menos violenta, como aparece na quarta e na oitava CREs.

Com relação à Mobilidade, o desejo pela melhoria em seu deslocamento entre a casa e escola mostra a dificuldade que os estudantes enfrentam no percurso, com falta de sinalização e de respeito dos motoristas, bem como a precariedade do transporte público, destacando-se o desejo pela ampliação do sistema de transporte escolar com o ônibus da liberdade.

A principal mensagem apresentada na Figura 8 resume as percepções e desejos registrados pelas crianças e jovens: *Uma cidade acolhedora para crianças é boa para todos.*

DESTAQUES DOS DESEJOS POR CRE

Uma cidade acolhedora para crianças é boa para todos

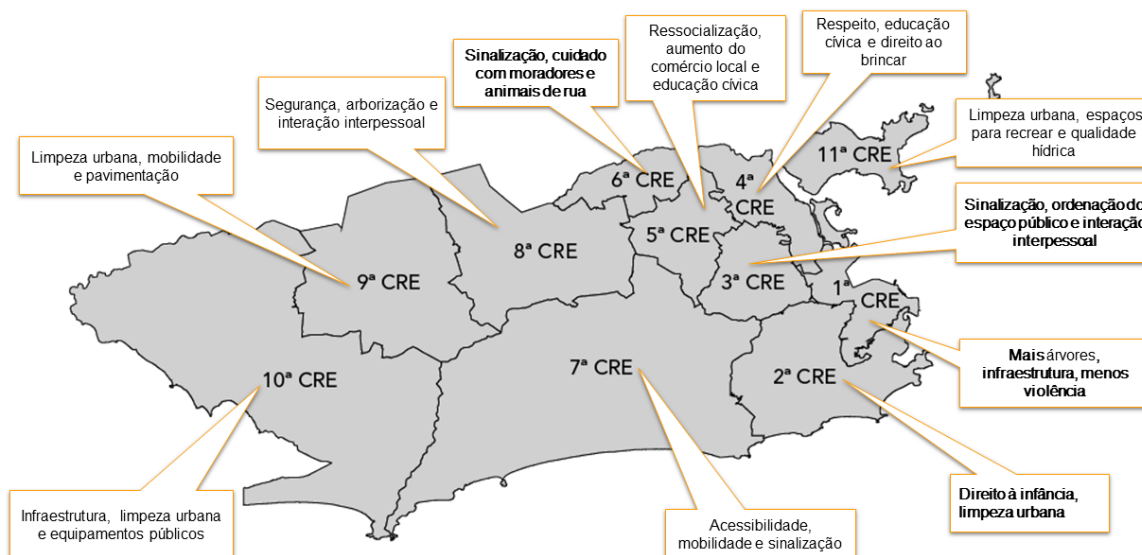


Figura 8. Espacialização dos Desejos por CRE

Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

Observa-se que os desejos destacados incluem elementos materiais e objetivos (infraestrutura, coleta de lixo, urbanização, mobilidade, arborização, sinalização) e desejos subjetivos (ressocialização, direito à infância, direito a brincar, sensação de segurança, interação interpessoal).

A frase que sintetiza essas falas e sentimentos:

Reconhecer a cidadania das crianças é o primeiro passo na construção de cidades que acolhem e que servem a todos.

As frases destacadas na Figura 9 a partir dos registros do Mapeamento Afetivo falam por si: retratam a consciência, o conhecimento, o alcance e o poder dessas falas dos que pedem em resumo o direito à cidadania.



Figura 9. Frases significativas do Mapeamento Afetivo
Fonte: GAE-SEL, Mapeamento afetivo 2020.

6. RESULTADOS PARA A CIDADE

Contribuições para o Plano de Desenvolvimento Sustentável

Uma das propostas da atividade foi entender qual cidade existe aos olhos da infância, de forma a contribuir com uma consciência crítica sobre a cidade e a construção da cidadania dos estudantes para que reforcem seu papel no presente e no futuro como agentes transformadores da cidade.

A ideia é que essa participação dos estudantes pudesse de fato construir caminhos para um planejamento integrado e contribuir para o Plano de Desenvolvimento Sustentável e Ação Climática, incluindo as respostas do estudo nas ações e metas para 2030, respeitando as realidades sociais e territoriais, possibilitando aplicação de propostas georreferenciadas.

Nessa perspectiva, a equipe do EPL em conjunto com os pesquisadores da UFRJ, identificou todos esses dados e incluiu no PDS os desejos das crianças a partir dos resultados do Mapeamento Afetivo - Dia D.



A equipe de participação social do Escritório de Planejamento da Prefeitura do Rio, realizou outras atividades de participação em parceria com a SME, como os encontros e diálogos com o Conselho Escola Comunidade. Outras ocorreram também através de participação online no site Participa.Rio para toda a população carioca. Mas o que diferencia o Dia D é a valorização da escuta da criança como cidadão ativo na cidade e protagonista dessa intervenção no Plano.

A partir do momento que essa atividade comum do currículo escolar rompe o muro da escola e entra para metas e ações do Plano de Desenvolvimento Sustentável e Ação Climática da Cidade, essa criança não é apenas um estudante, ele se torna autor das intervenções desse espaço.

Após os resultados por CRE e para a Cidade como um todo, as categorias com maior incidência indicadas pelos estudantes foram classificadas nos temas transversais do PDS. Das

134 metas do Plano de Desenvolvimento Sustentável e Ação Climática, 86 receberam o selo de participação social. A partir desses resultados, técnicos da Prefeitura integraram os desejos das crianças com as metas e ações a serem desenvolvidas no plano.



Esse é o selo de participação social no Plano de Desenvolvimento Sustentável. Marca que indica que a meta foi citada como prioritária pela população ou incluída no plano a partir dos processos de Participação. Com isso, chegamos a 65% das metas adotadas no PDS sendo são oriundas e/ou correspondidas às opiniões e desejos da participação social, corroborando o compromisso dos organizadores em ter um plano de efetiva colaboração cidadã.

Para aprofundamento sobre o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Cidade, sobre as contribuições do Dia D e a lista de metas, orientamos a leitura dos materiais completos que estão disponíveis na plataforma Participa.Rio.

7. DESDOBRAMENTOS

Durante o processo de análise dos formulários e preenchimento da tabela, foram realizadas reuniões sistemáticas com as equipes responsáveis por cada CRE, com o intuito de troca de relatos, visando identificar eventuais discrepâncias na categorização dos elementos citados nos textos e desenhos dos estudantes e, a partir daí, buscar afinar as análises entre essas diferentes equipes. Essas reuniões permitiram analisar o processo até aquele momento, bem como o relato de dificuldades no processo, aspectos negativos e aspectos positivos, e o compartilhamento de técnicas e estratégias, entre as equipes, que possibilitam agilizar o preenchimento das tabelas.

A possibilidade de avaliação de ficha por ficha foi um dos aspectos comuns destacado por várias equipes como importante por possibilitar a análise das percepções e desejos de cada estudante, em sua singularidade, e, conseqüentemente, baseando o entendimento geral por escola e por CRE – com o presente relatório, pretende-se que também seja possível uma visão abrangente, englobando o entendimento geral de todas as CREs do Município do Rio de Janeiro. Na tabulação dos dados, determinadas particularidades naturalmente não terão tanto destaque como podem ter tido numa determinada escola. Tal aspecto, cabe ressaltar, não desvalida a avaliação dos dados na sua totalidade nem tampouco diminui a importância deste processo: contemplar a visão das crianças, atentar ao modo como vivenciam seu cotidiano e interação com a cidade, suas aflições, reivindicações, afetos e esperanças. Na sintetização dos relatos das diferentes equipes que integram o presente trabalho, ouvir as vozes dessas crianças, com o intuito de incluí-las no processo de planejamento da cidade, é destacado como a grande contribuição de todo o processo.

As possibilidades e sugestões de desdobramentos que integram esta parte do relatório resultam de discussões realizadas entre toda a equipe do projeto ao longo do processo, incluindo reflexões resultantes de cada apresentação das análises para representantes de diferentes instituições, Secretaria da Educação, Casa Civil, entre outras, da apresentação no evento científico 11º Colóquio.S de Pesquisa do PROARQ-FAU-UFRJ, e da sistematização de

trabalhos acadêmicos, em curso, para publicação e apresentação em outros eventos. Como desdobramento complementar, os resultados preliminares foram também divulgados no World Urban Forum-WUF, realizado em Abu Dhabi em fevereiro de 2020, e no webinar promovido pela MultiRIO – Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, “Diálogos para 2030: preparando a Cidade do Rio para o futuro: Cooperação e Paz para o Desenvolvimento Sustentável”, realizado em maio de 2020. Além desses eventos já realizados, pretende-se ainda apresentar os resultados finais no Congresso da União Internacional dos Arquitetos-UIA no Rio de Janeiro em julho de 2021, no Enanparq, em Brasília, e no V Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança, em Guimarães, Portugal, também previstos para 2021. Para fins de sintetização e facilidade no entendimento, as sugestões de desdobramentos foram organizadas em três categorias, apresentadas a seguir: 6.1. Devolutivas; 6.2. Planejamento para nova aplicação da atividade; 6.3. Aprofundamentos da análise qualitativa, desafios e novas possibilidades. Ao final, no item 6.4, são apresentadas reflexões sobre as possibilidades de desdobramentos abordadas, bem como sobre as contribuições, de modo geral, deste trabalho.

7.1. Devolutivas

Desenvolver mapa interativo online e de livre acesso contendo todas as unidades da Rede Municipal de Educação participantes, com informações sobre as principais percepções e desejos relatados pelo(a)s estudantes.

Transformar esses dados em arquivo shapefile e disponibilizar no portal Data Rio e no SIURB (Sistema Municipal de Informações Urbanas), para futuras pesquisas sobre o tema.

Apresentação das análises para o corpo social das unidades escolas participantes; de escolas que não participaram, mas que eventualmente demonstrem interesse; para representantes da Secretaria da Educação e demais setores do Município interessados.

Apresentação e difusão da pesquisa em eventos acadêmicos e científicos, através da publicação de trabalhos, palestras e participações em mesas redondas.

Disponibilizar às escolas relatório detalhado para cada CRE, contendo as suas principais informações levantadas de modo quantitativo, as informações detalhadas e qualitativas por bairro e por unidade escolar, incluindo os desenhos, perfil dos alunos (como eles vão para a escola, bairros onde moram, entre outros).

Realizar reuniões com representatividades de todas as CREs e suas unidades escolares (gestores, professores e estudantes) para apresentação dos relatórios, com o objetivo de contemplar a opinião do corpo social das respectivas CREs sobre os resultados e oferecer um retorno para as escolas que participaram, promovendo, assim, o incentivo a futuras participações.

7.2. Planejamento para nova aplicação da atividade

Revisão da tabela para fins de sintetização, discutindo-se a eventual necessidade de acréscimo ou exclusão de categorias e subcategorias, bem como possibilidades de ampliação do entendimento de algumas, quando pertinente.

Elaborar uma ficha-resumo, “diário de bordo”, para apontamento de aspectos qualitativos identificados nas análises quantitativas que subsidiam o preenchimento da tabela, bem como identificação de aspectos relacionados ao campo “outros” em cada categoria.

Realizar roda de conversas com os gestores, a fim de compreender as dificuldades na adesão à atividade, considerando as unidades escolares que não participaram ou turmas em que a aplicação acabou se distanciando do tema, e buscar soluções de forma conjunta, a fim de viabilizar melhoria na comunicação, garantir melhor distribuição espacial na participação das unidades escolares e, conseqüentemente, uma pesquisa mais abrangente.

Limitar a quantidade de turmas participantes por escola, definindo, ainda, a faixa etária média e nível escolar dos estudantes participantes, para fins de aprimoramento das análises (por exemplo, aplicar os questionários a uma determinada faixa etária, incluindo séries específicas de todas as escolas do município).

Capacitação dos professores para o desenvolvimento da atividade, destacando aspectos como padronização dos questionários; uniformização na formatação do trabalho (cabeçalho, quantidade de folhas para a resposta de cada estudante, formato e dimensões do papel); e condução das questões, no sentido de suscitar o interesse e a memória do aluno e, principalmente, o cuidado em não induzir as respostas.

Produção de vídeo explicando a atividade aos gestores e professores, assim como a criação de um canal online para responder às dúvidas, poderiam auxiliar significativamente na capacitação.

Preenchimento prévio das informações iniciais dos estudantes na tabela (excluindo seus nomes), da numeração de cada formulário com o número da escola e o correspondente ao estudante e também a digitalização dos formulários e sua nomeação no Drive (o código da escola e o do aluno podem estar previamente digitados na folha do questionário enviado para cada unidade escolar).

Na etapa de organização de documentos, preliminar às análises, criar mapas com as unidades participantes para auxiliar a leitura dos formulários.

Preparação prévia, com embasamento teórico, dos participantes envolvidos no processamento dos resultados, compreendendo melhor o que são esses dispositivos de escuta utilizados, para que eles servem e como são e foram aplicados.

Ampliar a participação de profissionais representantes da Casa Civil e da Secretaria de Educação no processo, bem como professores da rede de ensino municipal (pelo menos um representante na equipe responsável por cada CRE), com a finalidade de enriquecer as análises.

Promover a rotatividade das equipes pelas diferentes CREs, buscando contemplar, para os participantes do processo, uma visão abrangente sobre percepções e desejos dos estudantes do município como um todo, possibilitando análises comparativas – cada coordenador, entretanto, permaneceria na mesma CRE, para garantir uma visão de totalidade sobre cada CRE.

Realizar mais reuniões entre os grupos de análise das CREs durante a atividade de análise e processamento, com relatos parciais das equipes sobre o processo e debates para alinhamento de dados e modos de processar as informações.

7.3. Aprofundamentos da análise qualitativa, desafios e novas possibilidades

Relacionar os resultados das análises das percepções e desejos por unidade escolar com o bairro envolvido, buscando ter um panorama quantitativo e qualitativo por região da CRE, especialmente no caso de CREs grandes e heterogêneas.

Posteriormente, comparar os resultados com dados como renda, densidade demográfica, desemprego, mobilidade urbana, saneamento básico, entre outros, que permitam um maior embasamento técnico e compreensão do contexto de cada escola e o porquê do aparecimento de determinadas percepções ou desejos.

Considerando que o contexto da pandemia de COVID-19 impossibilitou a realização de aulas presenciais durante o ano letivo de 2020 quase integralmente, definir estratégias para nova aplicação da atividade que consigam explorar aspectos da memória dos estudantes a respeito de suas percepções e desejos no percurso cotidiano de casa para a escola.

Elaborar novas análises dos relatos de 2019 com o intuito de identificar, nas percepções cotidianas das crianças, aspectos que possam ser entendidos como integrantes de um patrimônio cultural que, embora repleto de significados e valores identitários, pode não ser amplamente difundido.

7.4. Reflexões sobre os desdobramentos

A extensa lista com os nomes dos integrantes deste projeto expressa, além da importância das diversas parcerias interinstitucionais que viabilizaram sua idealização e realização, o interesse que o tema despertou em profissionais e estudantes de diferentes campos do saber. O curso de capacitação para as análises e tabulações, oferecido durante as férias escolares de janeiro e fevereiro de 2020, atraiu grande número de pessoas, de diferentes instituições e áreas de interesse, como pedagogia e geografia, além da arquitetura e urbanismo. Foi significativamente expressivo o alcance entre estudantes externos à comunidade da UFRJ, incluindo instituições públicas e privadas de ensino superior localizadas em municípios vizinhos ao Rio de Janeiro, como UFF e UNESA, em Niterói, por exemplo. Esse significativo interesse se manteve, também, nas etapas sequenciais do projeto, de fevereiro a março deste ano, quando desdobrado no formato de estágio em pesquisa. Estudantes de graduação da UFRJ e de outras instituições de ensino superior públicas e privadas, residentes no Rio de Janeiro e em outros municípios da Região Metropolitana, permaneceram assíduos e comprometidos com as análises, tabulações e digitalização dos formulários até a inevitável interrupção das atividades presenciais, a partir de meados do mês de março, por conta da pandemia de COVID-19.

O contexto de isolamento social necessário por conta da pandemia de COVID-19 trouxe muitos questionamentos sobre a possibilidade – ou impossibilidade – da continuidade deste projeto de Mapeamento Afetivo. Afinal, se as crianças não podem, justificadamente, ir à escola, como perguntar sobre suas percepções no trajeto cotidiano de casa para a escola no ano de 2020? Tal questionamento norteou discussões sobre a necessidade de novas estratégias. Reforçando as alternativas que começaram a se desenhar nas referidas discussões, experiências didáticas, nesse mesmo contexto, durante o desenvolvimento da disciplina Arquitetura da Paisagem, ofertada remotamente aos mestrandos e doutorandos do PROARQ-UFRJ pelos professores Vera Tângari e Alex Lamounier, se mostraram positivas na exploração de relatos a respeito das paisagens da janela e das paisagens da memória. Tais estratégias têm tido sucesso também na disciplina Arquitetura e Paisagem, ofertada remotamente pela professora Vera Tângari aos estudantes de graduação da Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Buscar meios de incentivar relatos a partir das memórias dos estudantes, como destacado pela professora Giselle Arteiro em apresentação deste projeto no 11º Colóquio.S de Pesquisa do PRORAQ-UFRJ, se coloca como desafio que, tomando como base as experiências relatadas, apresenta também estratégias promissoras de superação. Com relação aos desejos e o contexto atual em que os estudantes se ressentem do livre usufruto dos espaços livres da cidade, poderíamos também refletir sobre a inclusão da questão: Que cidade os estudantes gostariam de encontrar e habitar após a pandemia?

Conforme fundamentam estudos diversos no campo da percepção e da paisagem, relatos sobre o cotidiano que se baseiam na memória acabam naturalmente filtrando aspectos irrelevantes, destacando com efeito o que permanece de modo mais significativo na lembrança das pessoas. Assim, uma nova aplicação desta atividade, referindo-se ao contexto do isolamento, se, por um lado, enfrentaria dificuldades na atualização de algumas das situações problemáticas enfrentadas pelas crianças em seu trajeto cotidiano de casa para a escola; por outro lado possibilitaria facilmente identificar os aspectos que destacam na memória dessas crianças, a respeito das percepções e desejos sobre esse mesmo trajeto, agora (re)vivenciado apenas pelas recordações. Identificar aspectos comuns entre os relatos de lembranças das percepções de crianças que residem e/ou estudam numa mesma região pode auxiliar na identificação de componentes de um patrimônio cultural reconhecidos apenas na escala do cotidiano que, cabe ressaltar, não deixa de ter importância diminuída quanto à necessidade de reconhecimento. Neste sentido, os relatos de 2019 também apresentam significativo potencial, uma vez que não deixam de se tratar de uma forma de narrar através da memória, ainda que recente, percepções e desejos relacionados ao trajeto que as crianças fazem – como haviam feito naquele dia “D” – da casa para a escola.

Considerando tais aspectos, um dos desdobramentos apontados no tópico anterior, a respeito das possibilidades de aprofundamento das análises qualitativas, se refere justamente à realização de novas investigações dos relatos dos estudantes, agora voltadas a análises referente ao patrimônio local, em diferentes escalas de difusão e reconhecimento. Atualmente, encontra-se em curso um processo de revisão dos conceitos de patrimônio cultural, definidos pela Convenção da UNESCO de 1972. Este processo de revisão está sendo realizado pelo movimento internacional Our World Heritage que tem, entre os consultores, Mônica Schlee (professora do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-UFRJ); Rubens Andrade (professor do Mestrado Acadêmico e do Doutorado do PROARQ-FAU-UFRJ); Rafael Winter (professor do Mestrado e do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG-UFRJ); e Vera Tângari (professora dos Mestrados Profissional e Acadêmico e do Doutorado do PROARQ-UFRJ; que também integra a coordenação deste projeto de Mapeamento Afetivo). Novas análises dos relatos deste Mapeamento Afetivo, coletadas em 2019, com a finalidade de identificar patrimônios culturais segundo as percepções das crianças, poderão integrar as fundamentações referentes à mencionada revisão, em curso, dos conceitos de patrimônio cultural. Além de potencializar ações voltadas à educação patrimonial, tal desdobramento consistiria, ainda, numa das formas de garantir a participação de vozes e visões que, assim como nos processos comuns de planejamento urbano, são frequentemente desconsideradas.

A participação e a inclusão se destacam, efetivamente, como grandes contribuições do presente projeto, em múltiplas possibilidades de desdobramento. Seja no âmbito da gestão e

do planejamento urbano, da educação, ou das revisões e ampliação do entendimento internacional a respeito das definições de patrimônio cultural, as percepções e desejos dos estudantes nos relatos apontam à necessidade de se ampliar as possibilidades de atuação na busca pela garantia do direito e do acesso à cidade.

Reivindicações incisivas como a pergunta “Cidade Maravilhosa pra quem?”, encontrada nos relatos de uma das crianças da 8ª CRE, revelam reflexões suscitadas pelas atividades deste trabalho. Tais reflexões reforçam o caráter inovador deste projeto e o compromisso assumido em contribuir com a construção de entendimentos referentes às múltiplas relações entre infâncias e cidade. Entendimentos estes, cabe destacar, que se apresentam como alternativas mais efetivas na busca pela participação isonômica como base para projetos, ações e políticas de inclusão e justiça social, que os frequentes discursos dominantes homogeneizadores e de caráter normativo.

Neste sentido, a abertura das análises e do material para outras áreas afins aos temas, aqui proposta, tem o intuito de possibilitar novos aprofundamentos, problematizações e diálogos a respeito dos desafios voltados à ampliação das possibilidades de escuta e contemplação das mais diferentes visões sobre a cidade. Buscar entender como percebem e o que desejam as crianças que habitam essa cidade, é também buscar entender quem são essas crianças e como podemos pensar – ou repensar – diretrizes voltadas a ambientes mais receptivos às expressões das múltiplas infâncias presentes no espaço urbano.

Como destacado, entre os relatos preliminares dos integrantes deste trabalho, dentro desse mundo de caixas de papelão com tantas percepções e desejos, há conteúdo suficiente para nos desprender da asseveração insípida de considerar as vozes das crianças e jovens do Rio de Janeiro como uma voz única. Há novas e enriquecedoras possibilidades para alcançar um debate com respeito às dimensões materiais e simbólicas do habitar da infância. Há novas maneiras de se pensar como garantir o acesso isonômico à cidade, incluindo possibilidades pautadas no reconhecimento, na memória e nas apropriações afetivas – no sentir-se, pela criança, representado nos processos de tomada de decisão e ações de intervenção.

8. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a parceria com o Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados – CVL/SUBPAR – da Casa Civil e com a Secretaria Municipal de Educação, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; aos integrantes dos grupos de pesquisa ProLUGAR/SEL-RJ e GAE, da UFRJ; e aos participantes do curso e da pesquisa Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro.

Finalmente, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU-UFRJ, pelo apoio institucional e material; e às agências de fomento que viabilizaram as bolsas de pesquisa: CAPES, CNPq, FAPERJ.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G.A.N. **Diálogos entre Arquitetura, Cidade e Infância: Territórios educativos em ação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ/Paisagens Híbridas, 2019.

AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, V.; RHEINGANTZ, P. A. **Do espaço escolar ao território educativo: A conversa da escola de educação integral com a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Riobooks, 2016.

AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; COSTA, R. N. Educação integral e território educativo: diálogos possíveis em um coletivo complexo. In: AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI, V. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs.). **Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2016, p.17-27.

AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P.A., TÂNGARI, V. R. (Orgs.). **O lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços livres: Uso, Forma, Apropriação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

FISCHER, G. N. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda, 1994.

FLANDES, A. **A escola e seu território educativo: estudo de caso na Ilha do Governador**, Rio de Janeiro. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FREIRE, Paulo: **Política e Educação: Ensaios**, 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LATOURETTE, B. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. In **AOC**, publicado em 29/03/2020.

LIMA, M. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Grupo Almedina, 2020.

SARMENTO, M. J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. In: **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio/ago. 2018.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; TOMÁS, C. Políticas públicas e participação infantil. In: **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 25, p.183-206, 2007.

SCHLEE, M.;NUNES, J.; REGO, A.; RHEINGANTZ, P.A.;DIAS. M.A.; TÂNGARI, V.R. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – um debate conceitual. In: **Revista Paisagem e Ambiente – Ensaios**. n. 26, p. 225-247.

TONUCCI, F. **La Ciudad de los Niños**. Barcelona, 1996.

TONUCCI, F. A criança como paradigma de uma cidade para todos. In: **Plataforma Cidades Educadoras**, 2018. Disponível em

<https://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/2018/08/26/francesco-tonucci-a-crianca-como-paradigma-de-uma-cidade-para-todos/>.

VIDAL, Rodrigo. A cidade e seu território através do ordenamento urbano em Santiago do Chile. In: **Proj. História (14)**. São Paulo, 1997.